



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"O Vigário"

DISTRIBUIÇÃO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

DO- CHEFE DA SEÇÃO DE ARQUIVO
PARA-CHEFE DA TURMA DE CENSURA DE TEATRO E
CONGÊNERES
ASS- ENCAMINHA PROCESSO - FAZ

ENCAMINHO A ESSA CHEFIA A PEÇA TEATRAL O VIGÁRIO,
POR NÃO PERTENCER A SEÇÃO DE ARQUIVO.

CONSTA O REFERIDO PROCESSO DE UM OFÍCIO COM CÓPIA,
DOIS PARECERES, DOIS REQUERIMENTOS, E UM MEMORANDO, E O
ARGUMENTO DO MESMO.

Jose Flavio

CHEFE DA SEÇÃO DE ARQUIVO



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

OFÍCIO Nº083/65-SCDP.

Em 20 de abril de 1965.

Do Secretário do Serviço de Censura de Diversões Públicas.

Ao Sr. Representante da S.B.A.T.

Assunto Comunicação.

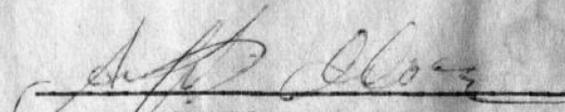
ANEXO: Portaria nº017/65-SCDP.

Senhor Representante:

Comunico a Vossa Senhoria que de acordo com o parecer da Comissão de Censores, foi interditada pela Portaria nº017/65-SCDP do Senhor Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas, publicada no Diário Oficial da União nº69, de 12 de abril de 1965, a encenação da peça " O VIGÁRIO", de Rolf Hochhuth, em tradução e adaptação de João Alves dos Santos.

Sem mais, aproveito a oportunidade para reiterar os protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,


AUGUSTO DA COSTA
Secretário do S.C.D.P.

apf.

OFÍCIO Nº083/65-SCDP.

20 de abril de 1965.

Secretário do Serviço de Censura de Diversões Públicas.

Sr. Representante da S.B.A.T.

Comunicação.

ANEXO: Portaria nº017/65-SCDP.

Senhor Representante:

Comunico a Vossa Senhoria que de acordo com o parecer da Comissão de Censores, foi interditada pela Portaria nº017/65-SCDP do Senhor Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas, publicada no Diário Oficial da União nº69, de 12 de abril de 1965, a encenação da peça " O VIGÁRIO", de Rolf Hochhuth, em tradução e adaptação de João Alves dos Santos.

Sem mais, aproveito a oportunidade para reiterar os protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

AUGUSTO DA COSTA
Secretário do S.C.D.P.

apf.

" V I G Á R I O "P A R E C E R

O VIGÁRIO, DE ROLF HOCHHUTH, APRESENTANDO ALGUNS EPISÓDIOS MAIS OU MENOS ADAPTADOS À REALIDADE HISTÓRICA QUE HOJE SE POSSUI DO EXTERMÍNIO DOS JUDEUS, PELOS NAZISTAS, DEFENDE A TESE DE QUE O PAPA, COMO OUTROS LÍDERES RELIGIOSOS MENORES O FIZERAM, TERIA TIDO CONDIÇÕES DE LIMITAR, OU, QUANDO MUITO, IMPEDIR TAL CHACINA.

ISTO, ENTRETANTO, NÃO ACONTECEU. É O AUTOR, SEM PENETRAR MAIS PROFUNDAMENTE NA ANÁLISE DA PERSONALIDADE DO SANTO PADRE - AS APRECIÇÕES DOS PERSONAGENS, MAIS QUE A INTENÇÃO DO AUTOR, SÃO O RESULTADO LÓGICO DA SITUAÇÃO PSICOLÓGICA DO INSTANTE DE SUA ENUNCIÇÃO -, LIMITA-SE A EVIDENCIAR A INÉRCIA PAPAL QUE EXPLICA COM AS NORMAIS "RAZÕES DE ESTADO". A INATIVIDADE PAPAL, QUE O AUTOR CONSIDERA MAIS FAVORÁVEL AOS NAZISTAS, QUE AOS ALIADOS - E PARA ISSO APRESENTA VÁRIOS TRECHOS DE CORRESPONDÊNCIAS OFICIAIS E DIPLOMÁTICAS - TERIA SIDO CAUSADA, NA SUA OPINIÃO, PELO PERIGO OFERECIDO POR UMA EVENTUAL VITÓRIA SOVIÉTICA, QUE AMPLIARIA O DOMÍNIO COMUNISTA ATRAVÉS DA EUROPA. DE UM CERTO MODO, CORRESPONDERIA AO PERÍODO MCCARTISTA DOS ESTADOS UNIDOS.

AS CRÍTICAS À ATUAÇÃO DO PAPA PIO XII NO TABULEIRO POLÍTICO MUNDIAL NÃO SÃO DESCABIDAS PELA PRÓPRIA CRITICABILIDADE DE QUE É PASSIVO TODO E QUALQUER POLÍTICO. E, PERANTE A MORAL CATÓLICA, NENHUMA RESTRIÇÃO PODE SER FEITA À PEÇA, EIS QUE NÃO PÕE, NUNCA EM DÚVIDA, A INFALIBILIDADE RELIGIOSA DO PAPA E SIM, SUA INFALIBILIDADE COMO SÊR HUMANO, TEORIA ACEITA, / NORMALMENTE, PELA TEOLOGIA CATÓLICA.

O ASSUNTO TEM SIDO, DE CERTO MODO, CONTROVERTIDO. NA ITÁLIA, POR EXEMPLO, SUA ENCENAÇÃO PROVOCOU SÉRIOS DISTÚRBIOS, CULMINANDO COM UM ATENTADO AO VATICANO. NOS ESTADOS UNIDOS, FOI EXIBIDO SOB PROTESTOS E COM A PROTEÇÃO DA POLÍCIA. NA PRÓPRIA ALEMANHA, PÁTRIA DO AUTOR, NÃO ENCONTROU A RECEPTIVIDADE PRÉTENDIDA. E, NO BRASIL, JÁ SE COMEÇA A SENTIR A APARENTE REAÇÃO DE ESCRITORES CATÓLICOS, (COMO É O CASO DE MARTINS ALONSO, NO "JORNAL DO BRASIL" DE 17.03.65 - DOC. JUNTO), À APRESENTAÇÃO DA PEÇA. A ENCENAÇÃO, EM NOSSO PAÍS, AGORA, NÃO SERIA OPORTUNA, SALVO MELHOR JUIZO DA SÁBIA CHEFIA DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS.

ESTE, O NOSSO PARECER

BRASÍLIA, 17 DE MARÇO DE 1965

Vicente de Paulo Alencar Monteiro
VICENTE DE PAULO ALENCAR MONTEIRO
- C E N S O R -

ANEXO: RECORTES DO "JORNAL DO BRASIL" E "GAZETA DE S. PAULO".

"O VIGÁRIO"

A PEÇA TEATRAL "O VIGÁRIO" PROVOCA NOS DIAS ATUAIS UMA ACIRRADA DISCUSSÃO ENTRE OS QUE A DEFENDEM E SEUS ATACANTES POR UM MOTIVO PRIMORDIAL: O ATAQUE FRONTAL A UMA ENTIDADE QUE SE EMPENHA NO MOMENTO EM SOLUCIONAR PACIFICAMENTE UMA SÉRIE DE PROBLEMAS AOS QUAIS ESTAVA PRÁTICAMENTE CEGA ATÉ AQUI.

"O VIGÁRIO" É UMA PEÇA PROMOCIONAL DE SEVERO ATAQUE AO PAPA PIO XII, POR NÃO TER ELE FALADO ABERTAMENTE CONTRA A MORTE DOS JUDEUS PELOS NAZISTAS ALEMÃES. LOGO, SUA PRIMEIRA FINALIDADE (OU CONSEQUÊNCIA INESPERADA (?)) SERÁ A DE JOGAR JUDEUS CONTRA A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA, EXATAMENTE NO MOMENTO EM QUE O SUCESSOR DE PIO XII (DEPOIS DE JOÃO XXIII, QUE JÁ LUTOU POR ISSO) INICIA UMA NOVA ESTRATÉGIA DE APROXIMAÇÃO DA PAZ, ATIRANDO JUDEUS NÃO CONTRA OS CATÓLICOS, MAIS AO ENCONTRO DOS CATÓLICOS E VICE-VERSA, NUMA CONFRATERNIZAÇÃO UNIVERSAL ATÉ ENTÃO DESCONHECIDA.

A PEÇA, NO MÍNIMO, PODERÁ PROVOCAR O REAPARECIMENTO DE VELHOS ÓDIOS, JÁ ESQUECIDOS - TANTO DE UM LADO COMO DE OUTRO. JÁ SABEMOS TAMBÉM DA DECISÃO A RESPEITO DOS JUDEUS TOMADA PELO CONCÍLIO ECUMÊNICO, O QUE, DA MANEIRA MAIS CLARA, É UMA FORTE CONTRIBUIÇÃO PARA ALÍVIO DA TENSÃO QUE SEMPRE EXISTIU ENTRE ESTES E OS CATÓLICOS.

VISTA SOB ÊSTE ASPECTO, E SABENDO-SE QUE GRANDE NÚMERO DE JUDEUS VIVE NO BRASIL - INTEGRADO COMPLETAMENTE NA SOCIEDADE BRASILEIRA - A PEÇA "O VIGÁRIO", LONGE DE OFERECER UM DEBATE EM CAMPO ABERTO, PARA ENCONTRO DE UM IDEAL COMUM, PROVOCARÁ MAL-ESTAR NA SOCIEDADE BRASILEIRA E A DIVIDIRÁ - O QUE É PIOR DO QUALQUER OUTRA COISA - EM DUAS FACÇÕES REPRESENTATIVAS DE RAÇAS E RELIGIÕES. TALVEZ O ACIRRAMENTO NÃO SEJA TÃO GRANDE, EM FACE DA ÍNDOLE RECONHECIDAMENTE PACÍFICA DO POVO BRASILEIRO, MAS, DE QUALQUER MANEIRA VEREMOS NO BRASIL, COM GRANDE PESAR, EPISÓDIOS SEMELHANTES (EM MENOR ESCALA E EM OUTRO PLANO) AOS DE MUITOS PAÍSES RACISTAS DO MUNDO DE HOJE (ESTADOS UNIDOS E ÁREAS DA ÁFRICA), ALÉM DE OUTROS, ^{DE} ONDE A PAZ SE AFASTA XX A PASSOS LARGOS POR DIVISÕES RELIGIOSAS, COMO O CASO DO VIET NAM DO SUL, ONDE BUDISTAS E CATÓLICOS ASSUMEM O PODER DIA SEM, DIA NÃO, PRPCURANDO CADA UM A DESTRUIÇÃO DO INIMIGO, E CONSEGUINDO COM ISSO SUA AUTO-DESTRUIÇÃO E A DA INTEGRAÇÃO NACIONAL.

ÊSTE É UM DOS ASPECTOS PELOS QUAIS PODE SER VISTA A PEÇA "O VIGÁRIO", DE

ROLF HOCHHUTH, QUE, NO MAIS - E ISTO SEGUNDO A CRÍTICA TEATRAL INTERNACIONAL (NÃO É ABSOLUTAMENTE APENAS NOSSA OPINIÃO) - NÃO APRESENTA QUALQUER INOVAÇÃO PARA O TEATRO MODERNO, NENHUMA CONTRIBUIÇÃO EFETIVA PARA A ARTE TEATRAL.

SEU GRANDE ARGUMENTO DE DEFESA SERIA O PROPICIAMENTO DE UM LARGO DEBATE EM TÔRNO DA CULPABILIDADE DE AUTORIDADES DE TODOS OS ÂMBITOS DO MUNDO OCIDENTAL, PRINCIPALMENTE DO PAPA PIO XII, NO GENOCÍDIO NAZISTA. MAS, SE ISSO NÃO CONSEGUIU O AUTOR, NADA TERÁ CONSEGUIDO ESTA PEÇA.

BRASÍLIA, 2 DE ABRIL DE 1965

ANTONIO FERNANDO DE SYLOS

José Alvaro editor s. a.

RUA VISC. DE INHAÚMA, 50 - 5º. Gr- 505
END. TELEG.: "JAHVO" - TEL. 23-3434
INSCRIÇÃO NO D. R. M. N.º 257853
RIO DE JANEIRO - BRASIL

*So censor
Alvaro, examinador e
opinar. Em: 16/3/1965
Falso galicismo.*

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas.

José Alvaro, editor s.a., estabelecido à rua Visconde de Inhaúma 50 - 5º. Gr.505, inscrito no D.R.M. nº 257853, nesta cidade, através de seu diretor-superintendente abaixo-assinado, requer se digne V.S. efetuar a censura do texto da peça "O VIGÁRIO" de Rolf Hochhuth, em tradução e adaptação de João Alves dos Santos, a ser estreada no Teatro do Rio, pelo grupo Decisão, no dia 15 de abril de 1965.

Nestes Têrmos
Pede Deferimento

Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1965.

*José Alvaro Editor S. A.
José Alvaro Chaves*

OBS.: Em anéxo, estamos enviando uma cópia dêste requerimento à SBAT.

SBACEM Coligação das SBAT Sociedades de Autores, Compositores e Editores de Música

SÉDE - RUA BUENOS AIRES, 58 - LOJA - RIO DE JANEIRO

*Do curor
Pedro José Chediack
M.D. Chefe do S.C.D.P. do D.F.S.P.*

Brasília, 29 de Janeiro de 1.965

EXMO; SNR.

PEDRO JOSÉ CHEDIACK

M.D. Chefe do S.C.D.P. do D.F.S.P.

A SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS pelo seu procurador infra assinado, passa as mãos de V.Exçia., um (1) exemplar de " O VIGÁRIO ", com o fim de autorizar a expedição de certificado de censura, para representação Teatral do mesmo, em todo Território Nacional.

N. Termos -

P.deferimento -

p.p. SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Edson Falbo
EDSON FALBO - insp. geral.

M. J. N. I. - D. F. S. P.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º <i>278</i>
Em <i>29</i> / <i>1</i> / 196 <i>5</i>
Interessado <i>S. Brasileira</i>
<i>Francisco</i> Protocolista

(Isento de selos, de conf. com artº 203 da Constituição Brasileira)



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

Em 17 de março de 1965

Do Censor Vicente de Paulo Alencar Monteiro

Ao Senhor Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Assunto Censura da Peça Teatral "O VIGÁRIO" - Encaminha Parecer

Senhor Chefe:

Tenho a honra de encaminhar a Vossa Senhoria, devidamente censurada, a Peça Teatral "O VIGÁRIO", de autoria do escritor Rolf Héhuth, missão que me foi confiada por essa Chefia.

Trata-se de um trabalho de fôlego, onde o autor procura situar a posição do ~~PAPE~~ PIO-XII, durante a Segunda Guerra Mundial, como Vossa Senhoria bem o poderá observar, pelo Parecer anexo.

Sirvo-me da oportunidade para reiterar-lhe protestos de respeito, elevada estima e distinta consideração.

Respeitosamente,

Vicente de Paulo Alencar Monteiro
Vicente de Paulo Alencar Monteiro

-Censor-

Jornal do Brasil 17.3.65

"O Vigário"

Martins Alonso

Leio que uma editôra vai lançar em livro a peça de um jovem teatrólogo alemão, já representada em teatros da Europa e dos Estados Unidos, sob protestos e reações, na qual o autor acusa o saudoso Papa Pio XII de se haver mantido omissivo diante do extermínio dos judeus pelos nazistas. Jovem de pouco mais de trinta anos e antigo integrante da juventude nazista, era adolescente no período da guerra e diz que a queda da Alemanha lhe causara profundo abalo. Na peça, a ação decorre no antepenúltimo ano do conflito. Um jesuíta, prevenido da decisão dos nazistas de exterminarem os judeus, teria ido ao Papa solicitar sua intervenção, a qual foi recusada. Voltou então o sacerdote ao lugar do perigo e ali foi sacrificado. Insinua o autor que se o Pontífice se opusesse, não teria havido o massacre.

Se quisesse ser fiel ao fato histórico, o escritor deveria antes reconhecer que os bárbaros daquela época não dariam ouvidos aos apelos do Papa, a quem já vinham ameaçando com a invasão do Vaticano, como acontecera no século passado com Pio IX. Mas, a sede do sensacionalismo levou o autor a enfrentar as mais severas reações, a começar pelo episcopado alemão, o mais autorizado a falar, que veio a público mostrar com documentos e fatos o esforço do Pontífice para evitar a guerra e, quando se tra-

vou a luta de morte, procurou de todos os modos socorrer as populações em sofrimento, protegendo e amparando os refugiados e os deslocados, padecendo noites intermináveis de penitências e mortificações. E no final do morticínio, apelava aos países democratas para receberem os que haviam perdido todos os seus bens e estavam necessitados de trabalho para sobreviverem. Entre os documentos que os bispos alemães apresentaram figurava uma carta de Pio XII a eles dirigida condenando as barbaridades nazistas.

A indignação do episcopado alemão vieram juntar-se desde logo outros protestos, inclusive os mais insuspeitos de autoridades israelenses, de intelectuais e membros destacados da Igreja israelita que contestaram de público as injúrias assacadas à memória do Papa Eugênio Pacelli. Não há, contudo, melhor testemunho das atitudes corajosas de Pio XII, do que o do atual Chefe da Igreja, Paulo VI, que trabalhou lado a lado com ele durante dezesete anos. Referindo-se às incriminações contra o Pontífice, diz o Santo Padre que a imagem apresentada pelo autor é falsa. Tendo acesso, por minhas funções, ao espírito e ao coração desse grande Papa, afirmo que é absolutamente falso tachar de covardia a ação de Pio XII, declara Paulo VI em carta ao Diretor do *The Tablet*,

de Londres, antes de ser elevado ao pontificado, e prossegue: sua natureza, a consciência que ele tinha de sua autoridade e de sua missão, refutam qualquer acusação. Poderia citar, em apoio, uma legião de fatos autênticos que provam nele um caráter nobre e viril, capaz de adotar sem temor atitudes arriscadas. Não posso conceber, escreveu o então Cardeal Montini, que alguém levante uma acusação contra um Pontífice que assim declarou: "Nenhum esforço de nossa parte foi poupado. Tudo que uma solicitude inquieta pôde sugerir foi tentado para impedir os horrores das deportações em massa e o exílio. E quando, apesar de nossas justas esperanças, tudo foi impossível, fizemos tudo que estava em nosso alcance para ao menos minimizar as crueldades de um estado de fato imposto pela força brutal."

De tantos depoimentos se infere que o dramaturgo deformou por completo a conduta de Pio XII frente ao descálabro nazista. A menos que lhe parecesse que o Papa devia entrar em luta violenta, acarretando consequências ainda mais trágicas, a impressão que se recolhe do seu trabalho é de que ele visou o sensacionalismo e suas aviltantes vantagens, com sacrifício da verdade e pretendendo denegrir a obra e a personalidade de uma das maiores figuras da Igreja neste século de lutas, de sofrimentos e transformações.

GAZETA DE S. PAULO

Gazeta de S. Paulo (25.02.65)

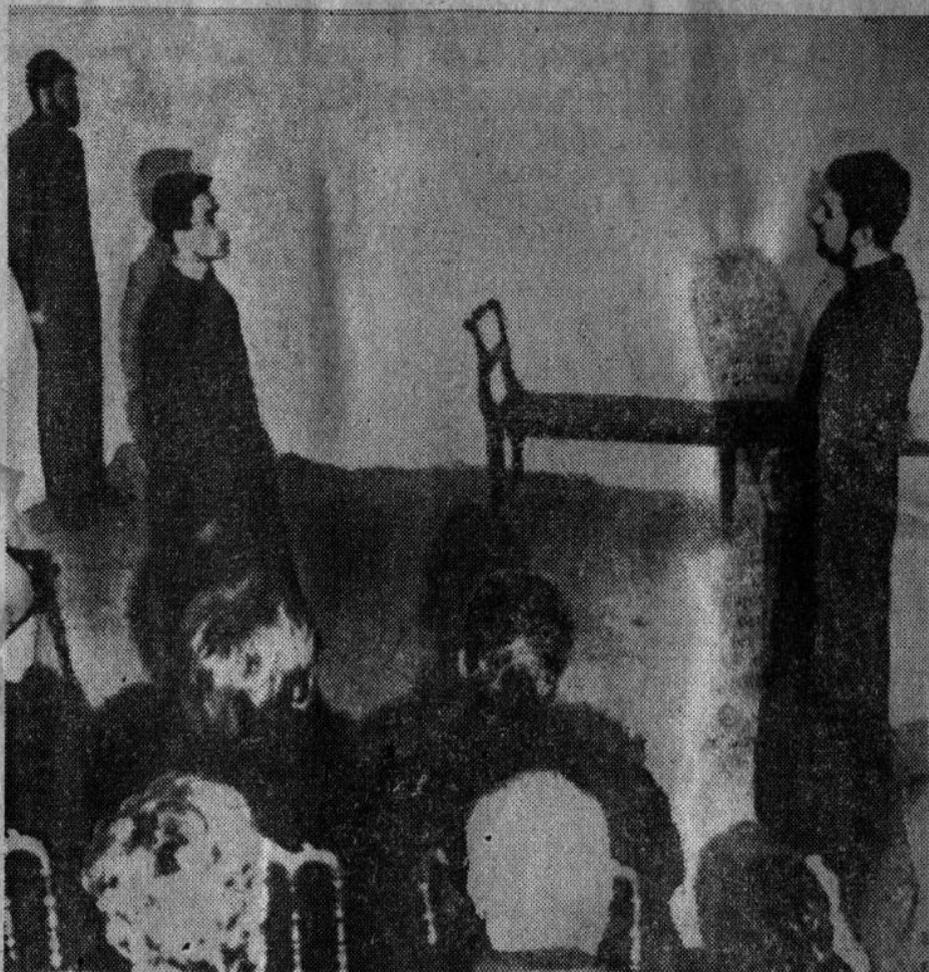
ITÁLIA

VIGÁRIO — O caso da peça "O Vigário", proibida pelas autoridades, será debatido e votado na Câmara dos Deputados. A bancada comunista, com efeito, introduziu uma moção de censura, criticando a interdição.

"O VIGÁRIO"

a peça proibida

Em Roma e outros lugares do mundo em que se pretende encenar a peça de ROLF HOCHHUTH, vem ela sendo impedida de ser mostrada ao público. Agora, José Álvaro Editor S. A. quis trazer O VIGÁRIO para a sua primeira apresentação no Brasil. O Chefe do Serviço de Diversões Públicas acaba de impedir a sua encenação no País. O editor José Álvaro não considera válido o argumento da Censura, e lembra que na peça há a figura autenticamente religiosa de um padre, um dos personagens centrais; o que a peça condena é a atitude política dos responsáveis pela Igreja, na época. Vamos trazer, em seguida, a íntegra do parecer do Sr. Chefe do Serviço de Diversões Públicas, que proíbe a apresentação de O VIGÁRIO:

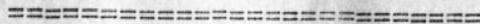


Iludindo a vigilância das autoridades, os atores apresentaram na sede de uma editora romana para uma platéia de 150 pessoas, a peça "O Vigário, proibida pelo prefeito romano". A foto mostra um dos ensaios secretos do grupo, antes da proibição, que agora se repete no Brasil, pelo Serviço de Censura.

"O Vigário" de Rolf Hochhuth — Já tínhamos conhecimento, pelas divulgações da imprensa, da celeuma provocada pela narrativa desta peça. Protestos, distúrbios, proibição em Nova York, em Paris, em Roma. — O Autor acomete S. S. Pio XII, reinante durante a 2.ª grande guerra mundial. E o faz atribuindo à omissão do Papa a responsabilidade pelas torturas sofridas pelos judeus na Europa comandada por Hitler. A peça consubstancia a afirmativa, segundo a qual bastaria o rompimento da Concordata, firmada entre o 3.º Reich e o Vaticano, ou um simples protesto diplomático da Santa Sé, para reprimir as atrocidades nazistas contra os israelitas. Tal protesto, porém, nos termos preconizados na peça, nunca foi formulado. Daí, mostrar-nos, o Autor, um Pio XII — O Pastor Angélico, da profecia — despojado daquele halo de santidade que todos os católicos lhe reconheciam; apresentar-nos um Papa político, preocupado com as finanças, tolerante com os alemães que elogiava, ao mesmo tempo que se agasta com Roosevelt, ao saber que o presidente americano exige a rendição incondicional dos exércitos hitleristas. "Isto é um ato anticristão", teria dito o Papa. Até mesmo o olhar piedoso de S. S., o Autor considera pose seráfica, ensaiada para efeitos fotogênicos propagandísticos. Dá-nos, enfim, uma caricatura do grande Pastor que foi o defensor da família e da justa ordem social, na excelente Encíclica "Certum Laetitiae"... Por coadjuvante, na mesma ordem de idéias e na mesma linha de gestos, está um Cardeal, bajulador que cultua a desfaçatez. Mas a acusação se faz, sobretudo, pelo paralelo entre o apontado "neutralismo" desumano do Papa e o comportamento heróico do padre Ricardo que se sacrifica, ao extremo, pelos indefesos semitas, vendo inúteis seus conselhos e sua censura à atitude de seu superior hierárquico. O clérigo luta, o Papa se omite. Dir-se-ia que a investida preserva o poder espiritual do Papado, para fixar-se somente no exercício do poder temporal, temeroso este em arriscar a sorte política da Igreja em um combate frontal a Hitler. Esta justificativa não nos parece pretende o Autor ver vitoriosa em sua obra. Pois o Autor situa as cenas da recusa do Papa entre os quadros angustiantes que antecedem os padecimentos dos judeus, para que o leitor induza a fraqueza comprometedora do Vigário, e, inconformado, repita qualquer solução que não seja a luta aberta ao nazismo. Isto invalida emocionalmente a que a justificativa, ténue,

sem qualquer ilustração a reforçá-la. Ademais, as relações entre o poder espiritual e o poder temporal, acreditamos processarem-se à semelhança do sistema dos vasos comunicantes; não será possível denegrir um, sem debilitar o outro. O ataque do Autor traumatiza a sensibilidade católica brasileira que forma a maioria da sua população. Ferir o Papa é sempre ferir a Fé dos católicos. E, por outro lado, o Autor se esqueceu de testemunhar o fato notório e ter o Rabi, após a guerra, procurado pessoalmente o Santo Padre para agradecer-lhe os benefícios e a proteção dispensados a toda a raça judaica perseguida. Como se vê, a peça, sectária suscita polémicas, agita controvérsias, assemelhando-se aos libelos acusatórios. Não pode ela receber tratamento semelhante aos reservados às diversões comuns. Como simples divertimento, incide na proibição contida na letra f do art. 41 do Dec. 20 493. Como obra polémica, mister se abra espaço para que a acusação nela veiculada, receba debates e controvérsias. Então, sua exibição poderia ser autorizada a público esclarecido dos fatos, a adultos maiores de 21 anos, sob pena de, no momento, a encenação causar agitações e explorações maldosas e indesejáveis. Se alguns teatrólogos contestam a finalidade didática ou pedagógica do teatro, outros existem que pretendem reconduzi-lo ao nível das promoções das obras da antiguidade clássica, mas o certo é que não alcançamos, ainda, por conspiração de fatores vários, o plano das proveitosas discussões de temas políticos, religiosos e sociais, através da representação de dramas e comédias, como acontecia na Grécia antiga. Que o Autor extravase sua animosidade religiosa em publicações avulsas; mas não se apresse em trazer aos nossos palcos, à guisa de divertimento público, o seu depoimento faccioso, sob o pretexto de documentar a verdade, que é bem outra. Rio, 9 de março de 1965 (a) Raul Landim. — De acordo com o parecer do censor Raul Landim. Não se pode permitir a apresentação de qualquer peça que seja ofensiva a uma coletividade ou religião. Proibida a representação em face do disposto no art. 41, letra f do Regulamento vigente, aprovado pelo Decreto n.º 20 493, de 24 de janeiro de 1946.

O V I G Á R I O



de R O L F H O C H H U T H

ATO I - A MISSÃO

CENA I

Berlim, agosto de 1942, ao cair da tarde.

O salão de recepções da Nunciatura, na Rauchstrasse. Alguns móveis Império. A severidade do salão só é atenuada por uma grande cópia do Descimento da Cruz, de Rubens, muito colorida e quase amigável. Duas portas duplas: uma, no plano esquerdo, leva ao gabinete do Núncio; outra, no plano direito, leva às antecâmaras e ao vão da escada.

O NÚNCIO APOSTÓLICO, SUA EXCELÊNCIA CESARE ORSENI-
GO, contava, em 1942, 69 anos. Fotografias de jornais da época mostram-no como homem muito vigoroso, de estatura média. O rosto, comprido e ossudo, é dominado completamente pela boca e o nariz que, tal como o queixo, são excepcionalmente grandes. Seu olhar franco expressa simpatia. A face não parece marcada pelo espírito, mas sim pela vontade e o esforço de se dominar a si mesmo.

O Barão Ernst Von Weizsaecker, Secretário de Estado das Relações Exteriores até aos primeiros meses de 1943, e depois Embaixador de Hitler junto à Santa Sé, dizia do Núncio que era "um milanês de opiniões positivas, que evitaria voluntariamente "intensificar diferenças irreconciliáveis entre a Cúria e o Terceiro Reich em desacordos fundamentais". Afirma ainda que Orsenigo conseguia apresentar suas queixas ao Governo alemão -- no caso de uns padres poloneses internados em campos de concentração -- "com ânimo tranquilo e de maneira amistosa".

Seja como fôr, o rosto simpático do Nuncio não fornece resposta à pergunta de como este sacerdote, que viveu em Berlim durante toda a era hitleriana, e que havia sido, pelo menos até 8 de novembro de 1938, testemunha visual do reinado de terror contra os cidadãos judeus, podia ainda conciliar com a sua consciência a preservação da Concordata entre o Vaticano e o Governo alemão, sobretudo quando começaram as deportações de judeus convertidos ao catolicismo. Evidentemente, todo homem que por longo tempo fica encarregado de uma responsabilidade sob um autocrata seja Hitler ou Pio XII - arrisca-se a perder a personalidade, já que dificilmente pode expressar seus sentimentos pessoais e que, em seu posto oficial, fica reduzido ao nível de executor de ordens: a utilização da terminologia diplomática, que nada arrisca, talvez torne isso mais fácil.

Na evocação de personagens históricos é negligível a representação exata. E visto que, nas fotos existentes de alguns dos interlocutores do Nuncio, como Adolf Hitler e Hermann Goering, é impossível ao olho mais suspicaz identificar, mesmo após os acontecimentos - e da maneira mais aproximada - os atos de que eram capazes, verificou-se que, salvo algumas exceções, as fotografias pouco servem para a interpretação do caráter. De tudo isto, o essencial é que o velho ator que interprete o papel de Nuncio use as vestes normais de um Arcebispo titular, isto é: cruz peitoral, batina preta, soléu roxo, cabeção e pálio.

RICCARDO FONTANA: Sua intervenção em favor dos perseguidos e seu martírio pela Igreja, constituem adaptações livres dos atos e tendências de Monsenhor Bernhard Lichtenberg, Deão do Cabido da Sé de Berlim, que orava publicamente pelos

Judeus. Foi condenado a prisão e pediu aos esbirros de Hitler que lhe permitissem partilhar do destino dos judeus do Leste.

O pedido foi atendido. Lichtenberg também se preocupava com a reação do Papa perante essa idéia. Contudo, não foi enviado a nenhum ghetto do Leste e sim transferido para Dachau. Morreu a caminho daqui, em 1943, presume-se que de morte natural. O respeito dos carcereiros pela imagem pública desse sacerdote, levou-os a considerar aconselhável devolver seus restos mortais e permitir que milhares de berlinenses assistissem aos funerais.

KURT GERSTEIN: Obersturmführer das S.S., cujo nome foi colocado pela comunidade judaica de Paris no monumento às vítimas do fascismo, talvez tivesse - segundo o historiador inglês Gerald Reitlinger - a mais surpreendente missão da Segunda Guerra Mundial, é personagem tão inquietante, tão ambíguo e insondável, que é mais fácil imaginá-lo que descrevê-lo. O relato de sua vida, feito por êle aos Aliados em 1945, antes que seus vestígios desaparecessem numa prisão de Paris não pode ser recapitulado aqui como o não podem as declarações inequivocamente positivas de ministros das duas confissões religiosas, de grande reputação, e do Secretário da Embaixada da Suécia, Barão von Otter. Gerstein - adivinha-se isso já numa fotografia de 1931 - parece ter sido um ser predestinado, um cristão de tipo tão "moderno" que, para compreendê-lo, é preciso ler Kierkegaard. Em 1942, ao entrar na Nunciatura e ser expulso dela, contava 37 anos de idade. Enverga o uniforme verde-cinza de oficial das Waffen-S.S.

O Padre que serve o chá veste hábito de monge.

O Núncio segura na mão um mapa de Berlim e diz a Riccardo:

NÚNCIO: - Veja, aqui está a Catedral de Santa Hedwig. Há dez anos atrás só havia quarenta e quatro igrejas em Berlim - excluindo, é claro, as capelas dos conventos. Os judeus tinham o mesmo número de sinagogas. Mas, enquanto o número de nossas igrejas continuou aumentando, já não existe uma única sinagoga.

RICCARDO (casualmente): Não poderia Vossa Excelência interceder nesse assunto ?

NÚNCIO (erguendo uma das mãos em gesto de advertência, como quem não quer ser impacientado): Como Núncio, não tenho autoridade para tanto. Por exemplo, intervim contra certas injustiças na Polônia dividida. Mesmo limitando as queixas a perseguições contra o clero, o Secretário de Estado me corta a palavra: não tenho a menor competência. Só poderia interceder pelos judeus se eles fossem convertidos. Mas, Hitler também tem muito cuidado para não deportar os judeus batizados. Ah! aí vem o Padre, trazendo o chá ... Esplêndido, muito obrigado! Não tem uns pastêizinhos ?

Entra um padre, que prepara o chá e responde em dialeto bávaro.

PADRE: Um momentinho, Excelência. Se estiver muito forte, queira acrescentar-lhe um pouco de água.

NÚNCIO (sorridente, dobra o mapa com pedanteria): Obrigado, obrigado. Aqui está, ofereço-lhe o mapa da cidade.

RICCARDO (inclina-se e guarda o mapa no bolso; sai o padre): Agradeço-lhe do coração, Excelência, é muita gentileza sua.

NÚNCIO (com vivacidade, contrariado): Acho que devemos apoiar Hitler enquanto, atrás da frente, se prolonga essa desenfreada mortandade... Londres fala de setecentos mil judeus, só na Polônia! Claro, a História nos ensina que as cruzadas sempre começam pela matança de judeus... Mas esses números são impressionantes! E na Polônia também estão matando padres. Temos de agir com muita reserva.

O padre traz os pastéis. Deixa a porta aberta, de modo a poder ouvir-se o fundo pomposo de um comunicado especial do quartel-general do Führer: a ária dos heróis, trombetas, trombones e o ruflar de tambores dos "Préludes" de Liszt.

PADRE: Pronto, aqui tem Vossa Excelência um pedacinho de torta... e lá vem mais um comunicado especial ...

NÚNCIO: Sirva-se, Senhor Secretário ... issol! Agora, escutemos as notícias.

O padre recua até à porta, mas continua na sala. As fanfarras se afastam e a voz do locutor anuncia:

"Atenção, atenção! Aqui, Rádio Grande Alemanha. Vamos transmitir um comunicado especial. Quartel-General do Führer, 25 de agosto de 1942. O Alto Comando das Forças Armadas faz saber que hoje ao meio-dia os caçadores alpinos alemães atingiram o pico do Monte Elbrus, de 5.600 metros, içando nele a bandeira de guerra alemã, depois de encarniçada resistência dos soviéticos. Com essa vitória, o Cáucaso está firme em mãos alemãs".

Repete-se o motivo heróico, e depois a melodia da canção "Da Finlândia até o Mar Negro".

PADRE (orgulhoso): 5.600 metros! Meu sobrinho está nos caçadores alpinos do Leste. Já esteve com eles em Narvik e foi promovido.

NÚNCIO (cortês, sem mostrar interesse). Ah, sim ? Seu sobrinho ? Que Deus o guarde.

PADRE: Muito obrigado, Excelência. Esperemos que sim.

Sai, fecha a porta; a música diminui e por fim para.

RICARDO: Vossa Excelência crê que Hitler só respeitará a Igreja enquanto durar a guerra ?

NÚNCIO: Em certa época parecia que sim, meu caro Conde. Mas, desde que Hitler, se deixou provocar pelo Japão e por Roosevelt até o ponto de declarar a guerra aos Estados Unidos - depois desta loucura a Igreja já não tem razões para temer isso. Hitler não pode pôr a Inglaterra e os Estados Unidos de joelhos, mesmo que se instale no Kremlin.

RICCARDO (incrédulo): Mas, quando tiver derrotado a Rússia, Excelência, Hitler será economicamente invencível. Quem seria capaz de derrotá-lo ? Seus tanques estão no Egito e às portas de Stalingrado; e, no Atlântico, sua frota de submarinos...

NÚNCIO (interrompe-o de novo, benévolo, irônico, superior): Calma, meu jovem amigo, não seja tão precipitado! O Secretário de Estado alemão me disse, confidencialmente, que a Rússia ainda não está derrotada. E aí estão os Estados Unidos.

RICCARDO: Vossa Excelência acha que Hitler se verá obrigado a negociar ?

NÚNCIO: Oh, lógico! E até chegará a desejá-lo. Viu-se isso em Dunquerque claramente. Deixou os ingleses escaparem. Sabe uma coisa, Churchill não demonstrou muita gratidão - sirva-se de torta, Senhor Secretário. Mesmo Hitler não

pode provocar o cisma entre espanhóis, franceses, povos balcânicos, italianos, belgas, e sobretudo entre seus próprios católicos, aqui na Alemanha. Todos estão apoiando sua cruzada contra Moscou. Não, no que respeita à Igreja, Hitler é realista. Precisa de ter ao lado dele, quando negociar com os Estados Unidos, e a Inglaterra, os países que o têm apoiado na Rússia. Lembre-se de que o poder dos católicos nos Estados Unidos aumenta dia a dia. Hitler também precisa de contar com isso. Que se passa? Que ruído é esse? Essa, agora! Que está acontecendo lá fora?

O Núncio levanta-se, fica um momento de pé, escuta e dirige-se em direção à porta que conduz à antecâmara, murmurando coisas ininteligíveis. Atrás do cenário há uma animada troca de palavras, elevando-se cada vez mais. Ouve-se a voz do padre, cujo sotaque bávaro aumenta à medida que levanta a voz. Entre o que ele diz, que só se entende pela metade, ouvem-se palavras ansiosas, suplicantes, de um homem cuja voz revela o esforço que faz para manter a correção.

VOZES (atrás do cenário): O senhor usa um uniforme!
Mas o Senhor tem de anunciar-me!

A Nunciatura goza do privilégio da extraterritorialidade - suma daqui ou chamarei a polícia ...

Por favor, cinco minutos! Monsenhor o Núncio ...

Está com uma visita de Roma.

É preciso que me ouça!

Não estamos interessados no que o Senhor quer, repetido...

Riccardo, divertido e silencioso, chegou-se à parede, enquanto o Núncio abre a porta que dá para a antecâmara. O oficial das S.S. Kurt Gerstein, de quepe na mão, entra im-

diatamente. O padre trata ainda de detê-lo ou de arrastá-lo para fora.

GERSTEIN e o PADRE (simultaneamente): Excelência, é inaudito!

Por favor, preciso falar a Vossa Excelência ... só dois minutos! Eu lhe rogo!

Chame a polícia ... ? Que modos de se comportar aqui, sim senhor ...

NÚNCIO: Que se passa ? Que deseja o Senhor ?

GERSTEIN: Meu nome é Gerstein, Excelência; por favor, ouça-me. Tenho uma informação para o Vaticano que...

NÚNCIO: Cavalheiro, estou muito surpreendido com o Senhor invadindo esta casa de tal maneira ...

O padre, entretanto, cruza rapidamente a sala em direção ao telefone e levanta o auscultador; Gerstein corre atrás dele e diz:

GERSTEIN: Excelência, por favor, não chame! Se os meus superiores sabem de minha visita ...

NÚNCIO (faz sinal ao padre para que deixe o telefone): O Senhor chama visita a esta invasão ?

PADRE (de súbito): De uma vez por todas, saia desta casa.

GERSTEIN (também de súbito): Excelência, trago uma mensagem para o Vaticano. Não pode demorar um dia mais, nem uma hora sequer... Acabo de chegar da Polônia, de Belzec e Treblinka, ao noroeste de Varsóvia. Lá, Excelência, todos os dias, dia a dia, dez mil judeus, mais de dez mil, Excelência! - são assassinados, gaseados ...

NÚNCIO: Pelo amor de Deus, cale-se! Vá contar isso

a Hitler. Vá. Segundo o Governo Alemão, não tenho a menor competência para proceder contra êsses ... contra qualquer coisa, sobretudo na Polônia.

GERSTEIN (num grito): Excelência!

NÚNCIO: Afinal, quem é o Senhor? Não tenho a menor qualificação para manter contacto com membros das forças armadas alemãs ... O Senhor é católico? Em todo caso, eu lhe ordeno que saia daqui imediatamente... Vamos, vamos!

Sua Excelência não deseja dar ouvidos a tais monstruosidades. Pois êle é muito bom homem, e o fato de tomar em consideração, oficialmente, essas informações, tornar-lhe-ia difícil fazer suas exigências a von Weizsaecker, como antes, "tanto quanto possível conscienciosamente, com ânimo tranquilo e de maneira amistosa".

PADRE (encaminhou-se até a porta, que mantém aberta, e diz suavemente): Vá, vamos embora agora.

GERSTEIN (fora de si, fecha a porta violentamente e diz com voz entrecortada, torturada, ao ouvido do Núncio): Excelência, eu vejo de hora em hora os trens ... chegando de toda a Europa essas fábricas da morte ... Não, eu não sou católico.

NÚNCIO (cortês, mas categórico): Muito bem, acredito no Senhor, mas lamentavelmente tenho de interromper esta entrevista. Sinto muito, mas deve retirar-se.

GERSTEIN: É preciso que o Vaticano nos ajude, Excelência. Só êle pode ajudar, ainda; ajude-nos!

NÚNCIO (irritado, porque não sabe que fazer): Porque o Senhor veio falar comigo? O senhor mesmo veste o uniforme dos assassinos. Repito, não tenho competência...

GERSTEIN (gritando): Competência! Vossa Excelência representa em Berlim o... Vigário de Cristo... e cerra os olhos às coisas mais horríveis... que o homem jamais fêz ao homem. Cala-se, enquanto de hora em hora...

NÚNCIO: Modere-se, baixe a voz... aqui não, ou interrompo esta conversa já ...

GERSTEIN (quase suplicante): Oh, por favor, perdão! Eu sei, não é Vossa Excelência, é o Santo Padre quem deve intervir, pois a consciência do mundo exige...

O Núncio retira-se; se ainda não franqueou a porta que leva ao seu gabinete é porque Riccardo não o segue: es-cuta, fascinado, as palavras de Gerstein.

GERSTEIN: Excelência, eu lhe suplico que me escute. (Em tom ansioso): Não posso mais... eu vi... vejo a cada momento... persegue-me até esta sala! Sabe... o que tenho a dizer...

Gerstein leva a mão à frente e deixa-se cair numa cadeira. Levanta-se de repente, olhando no vácuo, refletido sobre si mesmo, uma expressão alucinada no olhar, inquieto e vacilante. Assim o descreveu, entre outras testemunhas, a Senhora Baelz, do Instituto de História Contemporânea de Munique. A entrevista que êle manteve, certa noite, com a Sra. Baelz, deu-se pela mesma época de sua improdutiva visita à Nunciatura. O Secretário da Embaixada da Suécia, Barão von Otter, certifica que Gerstein lhe falou no corredor do vagão-leito "de olhos rasos de água e voz entrecortada".

A objetividade da fala de Gerstein, aqui, não é constante. As frases se perdem muitas vezes em murmúrios e palavras inarticuladas; depois volta a falar alto, como se estivesse acossado, ou então sua voz se ergue em breves exclama-

ções, como alguém que gritasse durante um sonho.

Após as primeiras frases, o Núncio dá novamente alguns passos pela sala, dirigindo-se para Gerstein; o padre fecha suavemente a porta, sem sair, enquanto Riccardo fixa o Núncio com tamanha insistência e ar de censura que se torna insultuoso.

GERSTEIN (sem transição): As câmaras de gás funcionavam até agora com gases de escapamento, mas às vezes os motores costumam a pegar. Em Belzec, vi os condenados esperar quase três horas a chegada do gás. Alguns rezam, outros choram, alguns gritam, mas a maioria cala. A morte demora vinte e cinco minutos. Mas agora tem de ir mais depressa, e é por isso que me chamaram... Sou engenheiro e médico. (Grita): Não farei tal! Não farei! Os cadáveres nus ficam ali como pilares de pedra; mesmo na morte ainda podemos reconhecer as famílias. Eles se abraçam convulsivamente — é preciso separá-los com ganchos de açougueiro. Os judeus são obrigados a fazer esse trabalho. Os ucranianos os dirigem a chicotadas.

Não está mais em condições de concentrar-se, perde-se em detalhes. O olhar está vazio.

E os cadáveres das criancinhas... uma menina à frente da fila, nua como todos os outros. Mães completamente nus, com bebês ao seio. Muitos já sabem tudo, sentem o cheiro de gás...

NÚNCIO (tentando ir embora): Eu lhe rogo, não posso — não posso ouvi-lo mais. Por que vocês, os alemães? Por quê?... Meu caro Senhor, meu coração está com as vítimas.

GERSTEIN: Excelência, o Vaticano pactuou com Hitler! Mas o Senhor pode ver aqui nas ruas, todos os sacerdotes podem ver como os judeus estão sendo deportados. Exce-

lência, quando o Vaticano denunciará a Concordata?

RICCARDO (esmagado): Excelência, tudo isto concorda exatamente com o relatório recebido pela minha Ordem, em que ninguém ousava crer.

NÚNCIO (cheio de interesse verdadeiro, comovido, mas desamparado): Conde, por favor, cale-se. Não interfira nisso. Por quê este homem não se apresenta a Hitler?

GERSTEIN se ri de maneira terrível.

RICCARDO (implorando): Ele não é um agente provocador, Excelência... O Provincial dos Jesuítas tem enviado notícias muito semelhantes da Polônia.

NÚNCIO (sem poder conter-se, ante a pressão): Por quê vem ele procurar-me? Afinal de contas, a Cúria não foi feita para aumentar o desconcerto do mundo... recebeu de Deus a missão de servir a paz...

GERSTEIN: A paz, mesmo com assassinos? Excelência! (Aponta para o quadro do "Descimento da Cruz" e exclama): Deus castigue os pacificadores! Ele se sentia competente, Excelência — por quê não o Seu Vigário?

NÚNCIO (muito agitado, paternalmente): Senhor Gerstenteiner, modere-se! Partilho de sua angústia pelas vítimas.

GERSTEIN (num grito): A cada hora, Excelência, a cada hora, novas vítimas — são fábricas de mortes. Fábricas, compreende?

NÚNCIO: Cavalheiro, por favor, sejam quais forem meus sentimentos a êsse respeito, não posso expressá-los, simplesmente. Recebi ordens para, no exercício de minha função, evitar cuidadosamente qualquer coisa que possa provocar um conflito entre o seu Governo e Roma. Nem sequer deveria es-

tar falando com o Senhor. Por gentileza, vá embora. Deus o abençoe e ajude. Rezarei pelas vítimas, em minhas orações.

O Núncio faz sinal a Riccardo para que o siga, enquanto se dirige para a porta. Abre-a.

NÚNCIO: Conde, é uma ordem! Por favor, venha!

RICCARDO: Seu nome é Gerstein — eu voltarei a encontrá-lo.

Gerstein não leva estas palavras a sério; vê apenas que nada conseguiu. O Núncio volta, agarra Riccardo pelo ombro e quase o empurra para o seu gabinete. Antes que o Núncio consiga fechar a porta, Gerstein segue-o uma vez mais e exclama com paixão, fora de si:

GERSTEIN: Excelência, ouça, escute as últimas palavras de uma velha judia... ela bradava aos céus ao ser arrastada a chicotadas para a câmara de gás... ela clamava que o sangue ali vertido recaísse sobre a cabeça dos assassinos. E todos nós seremos culpados deste sangue, Excelência, se ficarmos calados.

NÚNCIO (voltando-se de novo, em voz baixa): Domine-se e reze!

PADRE: Homem, onde pensa que está, falando a Sua Excelência nesses termos? Que é que êle pode fazer? Por obséquio, saia, pois não podemos tomar nenhuma providência.

Gerstein compreende que perdeu. Mas faz uma tentativa insensata: mete a mão no bolso do dólma, tira alguns papéis e se esforça para atrair a atenção do padre para êles.

GERSTEIN: Veja... aqui estão as provas! Ordens dos Comandantes dos campos de Belzec e Treblinka. Tenho de mandar ácido prússico. Faço parte do Serviço de Saúde das S.S. ... Veja...

Está sozinho na sala. Dá uma volta sobre si mesmo, os papéis na mão. O padre, que havia saído, entra de novo com uma bandeja para retirar o serviço de chá, e diz com voz simultaneamente ameaçadora e caritativa:

PADRE: Não sabe que a Nunciatura está vigiada pela polícia? Se eles o virem entrar aqui de uniforme... Agora, retire-se, por favor. Meus Deus, que histórias terríveis, Maria e José! Embora eles sejam judeus...

Gerstein saiu antes de a última frase ser pronunciada.

CAI O PANO

CENA II

Manhã do dia seguinte, no apartamento de Gerstein, em Berlim W 35.

Gerstein, num velho uniforme das S.S., está empoleirado numa escada de mão, muito ocupado em fechar com massa uma fenda da parede. Maneja desajeitadamente uma colher de pedreiro, retirando a massa de um pote velho de marmelada. Está fumando. Sob a escada estão alguns jornais velhos, que êle estendeu.

O lugar mostra, em diversos pontos, sinais do pesado ataque aéreo da noite passada. Um abat-jour grande ainda está no chão. Na parede, um retrato quebrado. A janela que dá para a rua, em último plano, está coberta por pedaços de cartão, e aberta no momento, permitindo divisar o edifício da frente, há muito em ruínas. A janela correspondente à outra parede externa da casa, à direita da porta, está intacta, inclusive a cortina. Vê-se um grande tapete, enrolado e atravessado no piso do quarto. Os móveis simples de um apartamento de solteiro estão empilhados de maneira que o soalho possa ser varrido de pedaços de vidro, gesso, cal e fragmentos de tapete.

A limpeza é feita por um homem em trajas civis, de cerca de trinta anos, mas que aparenta mais idade. É um judeu chamado Jacobson, que Gerstein oculta em sua casa. Fala cautelosamente, tímido, com movimentos desajeitados. Vê-se que há muito perdeu o hábito de ir livremente de um lado para outro; seu aspecto pálido denota falta de ar livre. Ambos trabalham em silêncio. Jacobson tem um cigarro aceso nos lá-

bios. Percebe-se o ruído, que vem de fora, de uma grande cidade. Pouco a pouco, acercando-se cada vez mais, ouve-se a música de uma fanfarra da Juventude Hitlerista.

GERSTEIN: Já podemos fechar a janela?

JACOBSON: Ainda há muito pó por aqui. Vamos esperar um pouco (Entra no quarto do lado e traz dois caixotes cheios de entulho; depois traz uma pá). Agora já está tudo mais ou menos limpo do lado de lá. Gerstein, deixe-me colocar a massa: já terminei a minha parte. A janela está bem tapada, ninguém me verá se eu subir aí na escada.

GERSTEIN: Está bem, de boa-vontade lhe cedo o posto. Vou levar todo êsse entulho para o pátio. (Desce da escada e fecha a janela, depois passa a colher de pedreiro a Jacobson, que sobe e começa a trabalhar). Papagaio, Jacobson, fiquei tão preocupado com você ontem à noite, sem poder baixar ao porão, com um ataque aéreo daqueles!

JACOBSON: Quanto tempo poderei ficar aqui escondido?

Gerstein dá-lhe outro cigarro. Não conseguem já entender-se, pois a música da fanfarra torna-se cada vez mais alta, ao passar sob as janelas da casa. Cessa a música e quando a parada chega ao pé da habitação, os hovens hitleristas começam a cantar. As palavras se distinguem nitidamente, apesar de a janela estar fechada.

Os ossos podres do mundo
tremem da guerra total.
Os grilhões já rebentamos
para a vitória final.
Em frente marchando vamos
até ao pó derradeiro
pois nos escuta a Alemanha
e amanhã o mundo inteiro.

GERSTEIN (com asco, depois de ter dado uma olhada para a rua): Não sabem fazer nada sem música. (Ambos se calam. Após um momento, Gerstein diz em tom tranquilizador): Antes que um bombardeamento faça a casa em pedaços, vou arranjar um passaporte para você. (Sorri). Infelizmente você é moreno demais para passar por sueco, mas até agora não consegui entrar em entendimentos com espanhóis ou italianos.

JACOBSON (sem deixar de trabalhar): Se você voltar à Embaixada da Suécia, convém pedir mais um passaporte para si mesmo.

GERSTEIN (detendo-se já próximo da porta): Emigrar, assim? Meu Deus, quando vejo gente morrendo nas câmaras de gás a cada momento?

JACOBSON: A visita que você fez ao Núncio foi o último risco. Agora, fuja para a Inglaterra através da Suécia. É provável que já desconfiem de você.

GERSTEIN (sorrindo enigmáticamente): Desconfiar de mim? Não, de mim, não. Ninguém ainda percebeu o meu jogo. Mas é possível que eu seja observado. Muitas vezes tenho receio disso, principalmente por causa de minha família e por sua causa.

JACOBSON: Você precisa telefonar para sua esposa.

GERSTEIN: Telefonarei para ela da repartição. Espero poder passar este fim-de-semana em casa. Você tem comida bastante?

JACOBSON: Tenho, sim - muito obrigado.

Jacobson pega a colher e Gerstein um caixote, para levá-lo ao térreo. No momento em que Gerstein vai abrir a porta, soa a campainha da porta do corredor. Os dois ficam repentinamente nervosos. Jacobson desce ágilmente da escada,

sem uma palavra, e desaparece na peça contígua. Gerstein fecha a porta atrás dêle. A campainha toca outra vez. Gerstein sai e podemos ouvi-lo abrir a porta de entrada e exclamar:

GERSTEIN: Heil Hitler! Ah, é o Senhor, Doutor ?!

DOUTOR: Deus o benza, Gerstein - você ouviu a notícia ?

GERSTEIN: Que é que houve ?

Deixa o Doutor entrar, fecha a porta e ouvem-se passos rápidos no vestíbulo. O Doutor, elegantíssimo numa capa negra, prêsna no peito por um broche e corrente de prata, entra no quarto e, frente a frente com Gerstein, diz-lhe ofegante:

DOUTOR: Então seu rádio também foi bombardeado ? Ah, então você não sabe de nada...

GERSTEIN: Fale de uma vez, Doutor, não tenho idêia.

DOUTOR: Do atentado contra Hitler ? Goering e Himmler também iam a bordo do avião que caiu.

GERSTEIN (transtornado pela notícia, sinceramente chocado): Pelo amor de Deus... todos três ? Não é possível, Doutor! Ninguém se salvou ?

DOUTOR: Ninguém ? Claro que sim! Imagine quem...

GERSTEIN: Quem... ?

DOUTOR: A ALEMANHA!

Sua gargalhada demoníaca ressoa como uma descarga de chapas de ferro. Gerstein deixa-se cair sôbre uma cadeira, em primeiro lugar angustiado pelo aparecimento do Doutor, em segundo lugar desconcertado pela desilusão do desmentido.

GERSTEIN (pausadamente): Brincadeiras dessas, Doutor, não têm graça nenhuma.

DOUTOR: Ora, talvez você ache graça por lhe terem dei

xado o apartamento com tanto estilo. A casa de minha amigau nha foi arrasada de cima abaixo.

GERSTEIN (aproximando outra cadeira da mesa): Sente-se, Doutor. Foi muito amável em vir visitar-me.

DOCTOR (com os dois braços ainda sob a capa): Não, muito obrigado, não tenho tempo. Tentei telefonar para você, mas parece que também seu telefone pifou. Amanhã de manhã vou a Tübingen e ofereço-lhe um lugar no meu carro. Dê-se modo poderá ver sua família mais depressa e pelo caminho conversaremos em paz. Você é a única pessoa com quem hoje vale a pena conversar.

GERSTEIN (sorrindo para ocultar a sua angústia): Como a única pessoa? É muita gentileza sua.

DOCTOR: A única pessoa. Nossos colegas são, sem exceção, broncos bebedores de cerveja, alemães pesados e fricos, talvez inteligentes só no sentido técnico. Queria sair às sete horas, concorda?

GERSTEIN: Excelente. Espero-o à porta do prédio. Que é que o leva a Tübingen amanhã? Pretende arranjar uma cátedra?

DOCTOR (que por um momento se havia sentado, e se levanta de novo): Calma, calma, primeiro as habilitações.

GERSTEIN: O senhor não pode aproveitar os resultados de suas experiências em Auschwitz? Ou são sigilosas?

DOCTOR (imerso em seus pensamentos, fixando o quadro na parede, quebrado): Aaah ... não, não vou a Tübingen na qualidade de médico, e sim como filósofo. A medicina é apenas a minha profissão, mas não me dá prazer. Além disso, as experiências com prisioneiros não são assim tão secretas. A propósito, em lugar de flôres, poderia deixar êstes cérebros

(inesperadamente tira a mão esquerda de sob a capa, na qual segura um frasco parecido com uma grande bomboneira transparente. Dentro, flutuando num preparado líquido, vê-se uma substância cinzenta esbranquiçada. Trata-se do cérebro de 2 meninos judeus, gêmeos. Gerstein, horrorizado, não pode ocultar a sua repugnância. O Doutor, que parou de falar e olha fixamente, por um segundo, o frasco de vidro, retoma sua explicação em tom displicente) ... não poderia deixar estes cérebros em sua casa? São de dois gêmeozinhos... Um trabalho comparativo sobre a raça judaica verdadeiramente interessante. Queria levá-los a uma amiga, que se está especializando em histologia. Mas, os bombardeamentos arrasaram a casa dela.

GERSTEIN: Que presente encantador ... matéria cinzenta de dois gêmeos ...

DOUTOR: Logo que eu saiba onde ela está, posso vir a sua casa buscar o frasco, não é verdade?

GERSTEIN (pega o vidro com hesitação, não sabe se deve colocá-lo em cima da mesa e termina por deixá-lo sobre uma cadeira): Em Auschwitz "isto" deve ser mais fácil do que flores, não?

DOUTOR (meio irônico): Está incomodado, meu jovem cristão?

GERSTEIN (torturado): Oh! já sei a que se dedica... é terrível!

DOUTOR: Ora, Gerstein, você também está consciente de que, hoje, quem diz o que pensa, perde a vida; quem pensa o que diz, é idiota.

GERSTEIN (rindo): Então é o que eu devo ser. Porque eu penso o que lhe disse, e sempre disse o que penso.

- 21 -

DOUTOR (aproximando-se dêle, satânico): Às vêzes, Gerstein, às vêzes ... seu raposão! Você não me embrulha! A quem você engana, no fundo? A si mesmo? À Igreja? Ou a nós ... os S.S.?

GERSTEIN (pressentindo não estar preparado para o interrogatório, toma a iniciativa aparente de pôr as cartas na mesa: finge de idealista ingênuo): Que quer dizer por enganar? Sempre digo o que penso. Deixemos o cristão de lado, Doutor. Claro que sou cristão, e até lhe direi, com as bênçãos do próprio Himmler. Mas será preciso ser cristão para - para duvidar? (mudando de assunto): O Senhor sabe, antontem recebi a notícia: meu primo foi assassinado por guerrilheiros. Quando marchamos pela Rússia adentro, não existia êsse negócio de guerrilheiros. Quem permanece leal ao Führer ...

DOUTOR (maquiavélico): Como você! Tão leal como você, Gerstein.

GERSTEIN (um tanto desconcertado): Como?... Sim, mas acho que não pode haver política racial e política imperial. Nós exterminamos os vencidos. O Senhor crê que tal procedimento é bom para o futuro?

DOUTOR (rindo, com uma das mãos na maçaneta da porta): Crer? Quem crê ainda em crenças - ou no futuro? Não olhe para mim dessa forma, Gerstein. Sei que, para si, eu sou a personificação do "princípio do mal".

GERSTEIN (que se refugia no riso, para acompanhar o tom frívolo do Doutor): O princípio do mal? Quem falou nisso?

DOUTOR (citando com ar divertido): Foi um filósofo: "O mal consiste em desesperar, quando se quer dar um sentido

à vida".

GERSTEIN (risinho): Tenho de contar a Eichmann que o Senhor lê muito os judeus vienenses.

DOCTOR (não sem vaidade): É verdade, mas também os ponho a assar. Na última terça-feira mandei a própria irmã de Sigmund Freud pela chaminé. (Solta uma de suas características gargalhadas. Já transpõe a porta e grita do vestibulo às sete horas, então. Estou muito satisfeito ...

GERSTEIN (de fora): É muita gentileza sua ... poderemos conversar mais à vontade, Doutor. Até à vista. (Regressa lentamente ao quarto e apóia-se contra a porta, respirando profundamente. Faz menção de ir ver Jacobson, mas repara no recipiente de vidro. Pega nêle e, não sabendo que fazer, ergue-o dizendo:

— Em lugar de flôres ...

A campainha toca novamente. Gerstein tem um sobressalto e exclama, incapaz de se acalmar:

— Que diabo quer êle agora!?

Hesita um instante antes de abrir; a campainha toca pela segunda vez. Ouvimo-lo dizer, foras:

— Heil Hitler! Quem é ? ...

RICCARDO: Bom dia, Senhor Gerstein. (Gerstein, que foi abrir, deixa-o entrar. Ouve-se fechar a porta e o ruído de passos no vestibulo. Riccardo entra no quarto precedendo Gerstein e diz, aparentemente tão embaraçado como o dono da casa, ambos muito reservados): Oh! Parece que sua casa sofreu bastante com o ataque aéreo ...

GERSTEIN (frio): Que deseja ? Com quem tenho a honra de falar ?

RICCARDO (com embaraço crescente): Nós nos conhec

mos ontem na Nunciatura, Gerstein.

GERSTEIN (atalhando-lhe as palavras, com aspereza): Como ? Onde ? Não conheço o Senhor! Nunca o vi na minha vida. Que deseja ?

RICCARDO (vivamente): Ontem lhe anunciei, quando o Senhor estêve na Nunciatura. Tive vontade de segui-lo imediatamente. Sou o Conde Fontana e pertença à Secretaria de Estado de Santa Sé.

GERSTEIN (com evidente desconfiança, sem o fitar nos olhos): Que deseja dizer-me ?

RICCARDO: Que o Vaticano o ajudará, ao Senhor e às vítimas de Hitler. Ontem, creia, tive vergonha de nós, diante da atitude do Nuncio, embora êle fôsse forçado a assumir essa neutralidade devido à sua posição.

GERSTEIN (impessoal): Que motivos tenho para crer que o Vaticano venha a interessar-se pelos sofrimentos dos judeus ? Desde as informações de Londres já se passaram dois longos meses, sea que o Papa desse qualquer sinal de interesse. (De súbito): Com quem cruzou nas escadas ? O Senhor viu um oficial de capa negra ? ...

RICCARDO: Vi, sim! Reparei nêle, ainda eu estava na rua. Êle estava subindo para o automóvel.

GERSTEIN (agitado): Bem, bem, nesse caso êle não o viu nas escadas. O Senhor sabe quem era ?

RICCARDO: Tive a impressão de que êle me observava.

GERSTEIN (esforçando-se para manter a calma): Bem, êste edifício é enorme. O Senhor poderia vir visitar qualquer uma das vinte famílias que moram aqui. Vamos ao nosso caso, Conde Fontana. Sem dúvida, o Governo Polonês no exílio deve ter informado pessoalmente o Papa. Por outro lado, o Pa

dre-Geral dos Jesuítas vem recebendo, em Roma, há anos, informações precisas e exaustivas de agentes poloneses... faz anos ...

RICCARDO (desconcertado): Hoje, um correio está levando uma carta para meu Pai. Meu Pai é um dos conselheiros mais importantes da Santa Sé. Garanto-lhe, Senhor Gerstein, que Sua Santidade protestará. Tenho a honra de manter boas relações pessoais com o Papa.

GERSTEIN (quase clinicamente): Cuidado com suas garantias! Elas podem acarretar-lhe problemas.

RICCARDO: Acredite, o Santo Padre vai ajudar ... o mandamento de "ama o próximo..."

GERSTEIN (agora sincero, pondo a mão no ombro de Riccardo): Tenho sofrido tão cruéis decepções depositando minhas esperanças na Igreja! Eu me alistei nas S.S. porque atualmente não se pode combater o nazismo com folhetos, como outrora o fiz.

RICCARDO: Quer dizer que o Senhor usa voluntariamente êsse uniforme ?

GERSTEIN: Sim, uso. Era preciso - mas, queira sentar-se, se puder ... por favor. (Afasta duas cadeiras da mesa, limpa-lhes o pó e sentam-se. Contudo, Gerstein logo se levanta, inquieto como um lobo enjaulado). Sim, no ano passado descobriram que eu já tinha sido prêso duas vezes pelos nazistas por distribuir propaganda cristã. Da primeira vez fui para a prisão, da segunda para um campo de concentração. É claro que escondi tudo isso ao entrar nas S.S. Depois, fui perdoado. Em 1940 consegui acabar com uma epidemia de tifo nos quartéis e campos de concentração. Foi a minha especialidade - a medicina e a engenharia - que me salvou. Não obs-

tante ... (de repente mostra-se agitado, muda o tom de voz) a pesar disso, Conde ... como se chama ?

RICCARDO: Conde Fontana ...

GERSTEIN: Fontana! Conde, por que está aqui ? Temos de inventar uma razão válida, se aparecer de repente um colega meu. Esplêndidos colegas ... professores da arte de matar. (Pensa um pouco e depois agarra Riccardo por um braço). Espere - o Senhor fala muitíssimo o alemão.

RICCARDO: Em criança passei muitas temporadas na Alemanha. Minha falecida mãe era alemã, protestante.

GERSTEIN (quase frio, quase impertinente, mas depois, calmo): Não poderia ser melhor. O Senhor é um informador das S.S., da Segunda Secção de Contra-Espionagem no Estrangeiro, Itália.

RICCARDO (engole em seco e, ofendido, responde em tom cortante): Ora, isso parece mais do que improvável. Sou um padre jesuíta ... O Senhor supõe que alguém vai acreditar numa coisa dessas ?

GERSTEIN (impenetrável, talvez feliz de poder falar assim): Essa é a explicação mais plausível, Sr. Padre. Não seria o Senhor o primeiro sacerdote a servir de informador secreto. Existe um informador no próprio Vaticano.

RICCARDO (ferido): Não poderia saber quem é esse padre ?

GERSTEIN: Impossível, não pertencço à Gestapo. Seja como for, aqui não se usam nomes, mas apenas números. (Outra vez inquieto, de súbito). Não, mas tudo viria abaixo se o homem que o Senhor viu voltasse agora...

RICCARDO: O oficial de capa negra ?

GERSTEIN: Esse mesmo. Eu nem tento enganá-lo, não

sou capaz.

RICCARDO: Mas quem é esse homem ?

GERSTEIN (excitado pela tensão nervosa): Não, não é um homem, não é um homem! O Senhor viu o Anjo da Morte de Augschwitz. Veio só para me sondar: a ambição dêle é entregar-me ao carrasco. Não falemos nisso, pelo amor de Deus. Bom, se a campainha tocar, passe imediatamente para o cômodo ao lado. E não diga uma palavra. Já está lá outra pessoa. (Superficialmente mais calmo): Primeiro, tenho de explicar - por que me olha assim ? Está chocado com o meu jogo desleal, não é verdade ? Quando jogamos pôquer com assassinos, temos de imitá-los ...

RICCARDO: E para quê jogar pôquer com assassinos, Senhor Gerstein ?

GERSTEIN: Porque as ditaduras só podem ser destruídas de dentro.

RICCARDO: Como é que o povo germânico, a pátria de Goethe, e Mozart, ... como é que os alemães se deixaram cair em tais abismos de degradação ?

GERSTEIN: Nós, os alemães, não somos piores que os demais europeus, Sr. Padre. Até agora, a grande maioria nada sabe definido sobre os massacres, estou certo. Aliás, quem pode condenar o homem que não quer morrer por outro homem ? E os monstros existem em toda a parte: na Holanda, a polícia ajudou a prender os judeus; na França também ajudaram. Na Hungria igualmente, mas sobretudo na Ucrânia ... Os ucranianos fuzilaram eles mesmos os seus judeus. Mas, deixe nos isto, Conde. Os alemães têm a maior parte da culpa, pois o programa foi organizado pelo seu Führer. Mas, quanto ao país em si, os outros não são muito melhores.

RICCARDO: Estou abismado, Senhor Gerstein ... como italiano e sacerdote, tenho de contradizê-lo: em Roma (orgulhoso, quase enfático) tais coisas seriam impossíveis. Do Santo Padre ao mais humilde vendedor de rua, a nação em péso se levantaria contra o terror se os cidadãos judeus fossem presos, ainda mais pela polícia de outro país.

GERSTEIN: Como é emocionante, Padre, como é invejável depositar tamanha fé nos compatriotas! Acredito no que diz. Com tanta maior amargura (agora cínico) ao ver quão ambígua tem sido a atitude da Igreja. Recentemente, a Dra. Edith Stein, a mais famosa freira da Europa, foi gaseada em Auschwitz, segundo creio. E mais de doze religiosos foram entregues por seus conventos, na Holanda!

RICCARDO: Sim, mas à força! Os bispos e os trabalhadores holandeses protestaram! Com isso só conseguiram agravar a situação.

GERSTEIN (irritado, violento): Agravar? Não está sendo coerente. Roma deixou os bispos desamparados! Não quero censurar os holandeses, de modo nenhum. Mas, quando começam a deportar frades e freiras, como pode Roma ficar em silêncio, fazendo com que o mundo nunca saiba a verdade? (silêncio).

RICCARDO (seguro de si, sério): O Vaticano atuará, Deus o sabe. Isso vai acontecer, prometo.

GERSTEIN (impassível): Como poderei crer no que diz?

RICCARDO (indignado): Senhor Gerstein, por favor... eu mereço isso?

GERSTEIN: Peça-lhe perdão. Só via no senhor o representante de sua Organização, mas nunca duvidei do senhor pessoalmente. Minha franqueza o prova ... (sem transição).

Seria capaz de me emprestar imediatamente sua batina e seu passaporte ?

RICCARDO (espantado): Que quer fazer com a batina e o passaporte ?

GERSTEIN (impassível): Uma prova de sua boa vontade.

RICCARDO: (cada vez mais desgostoso, depois aborrecido): Uma prova ... Não, Senhor Gerstein. Quando me ordenei sacerdote, fiz o juramento de nunca abandonar a batina. Que pretende o senhor ?

GERSTEIN: Vou lhe contar a verdade: o passaporte e o hábito são para ajudar um judeu a atravessar a fronteira. Como diplomata, o senhor deve conseguir obter facilmente outro passaporte de Roma, não é verdade ?

RICCARDO (hesitando muito, contra a vontade): Talvez. E tem que ser já ?

GERSTEIN (abrindo a porta do quarto ao lado): Jacobson!

JACOBSON: Pois não, Gerstein!... (Surge de súbito, retrocede instintivamente e logo se recupera, entrando na habitação). Bom dia ...

RICCARDO: Bom dia.

GERSTEIN (habilidoso e desenvolto): O Conde Fontana - O Sr. Jacobson. Meus senhores, não tenhamos ilusões: caber o prêto e idade mais ou menos igual são fracos pré-requisitos para a troca de passaportes. Por outro lado, Jacobson, uma batina e o passaporte diplomático do Vaticano não é oferta em que possa repetir: quer atravessar dêsse modo ?

JACOBSON (incapaz de compreender imediatamente o que se passa): Como ? Se não entendi mal, há uma oportunidade de... (depois, afavelmente, a Riccardo): O Senhor me oferece a liberdade ?

RICCARDO (esforçando-se para que não notem sua relutância): Sim, claro ... Quando gostaria de ...

GERSTEIN (de imediato): Sugiro que seja esta noite, se conseguirmos um vagão-dormitório, Jacobson. Será que você, Jacobson, poderá tirar os óculos, na hora do controle na fronteira? O cabeção servirá? Podemos experimentar agora mesmo. Jacobson, que se passa? Homem ... isto é o fim do seu cativeiro! (Jacobson deixa-se cair numa cadeira, está "esmagado". Tira um lenço, sorri e começa a limpar os óculos, embaraçado).

JACOBSON (lentamente): Foi a surpresa ... desculpem. Depois, fechado lá dentro, escutava os senhores conversando e ainda a angústia da noite passada ... o ataque aéreo... Ficava imaginando que, se a casa pegasse fogo e o povo viesse apagá-lo e me encontrasse aqui, em sua casa ... na casa de um oficial das S.S. - imagine -, iam cortar você em pedaços ...

GERSTEIN: Ora, isso já passou, Jacobson.

JACOBSON: Como poderei agradecer-lhe ... e ao senhor (a Riccardo): agora é ao senhor que estou pondo em perigo, não esqueça!

RICCARDO (extremamente emocionado, muito afável) Dou graças a Deus por ter podido prestar-lhe essa pequena ajuda.

GERSTEIN (amistoso mas preocupado, olhando para o relógio): Vamos, troquem de roupa. (Mostra a porta do quarto vizinho).

JACOBSON (já recuperado da emoção): Será forçoso viajar em vagão-dormitório, meus senhores?

GERSTEIN (sorrindo, impaciente): Se possível, sim - afinal, você é um diplomata.

RICCARDO: Além disso, no vagão-dormitório só será

controlado uma vez, e muito cortêsmente.

JACOBSON: Muito bem. Mas, eu só poderei viajar amanhã à noite, Gerstein. Tenho de ir hoje me despedir de meus pais, quando ficar escuro.

GERSTEIN (com certa convicção): Não vá pôr agora seus pais em perigo ... parta hoje mesmo. Eu levo você de carro até a estação (Vacilando um pouco): Não vá antes a sua casa.

JACOBSON (desconcertado, inquieto): Não me posso despedir? Nunca o vi tão preocupado, Gerstein ... (Observa-o com atenção, assustado). Ou - conte a verdade ... pelo amor de Deus, conte a verdade! Eles já agarraram meus pais? Por favor, você tem de me contar agora ...

GERSTEIN (suavemente): É verdade ... já não pude entregar sua carta de terça-feira. (Tira a carta do bolso de dólma, aliviado de poder mostrar algo de tangível. Fala depressa, mas entrecortado). Não tinha coragem para lhe contar. Lacraram a porta. Quase não notava o lacre e ia colocando a carta na caixa do correio ... agora já andariam atrás de você. Os vizinhos me viram. Queriam dizer-me qualquer coisa. A mulher me fazia sinais através da vitrina ...

JACOBSON (contendo as lágrimas): É a Sra. Schultze. Sempre foi muito boa. Graças a ela é que meus pais não morreram de fome. Ela falou ... falou com meus pais?

GERSTEIN (a princípio não consegue responder, mas, depois): Eu fugi. Senti um medo súbito. Desviei o olhar e fiz força para andar devagar (Toma Jacobson pelo braço, fora de si): Sinto muito ... eu ... eu pensei ... pensei que poderia voltar outro dia à loja, para falar com a senhora, e perguntar o que ... Irei já, depois de ...

Jacobson revira a carta nas mãos, interminavelmente.

RICCARDO (falando para quebrar o silêncio): Talvez possa tentar saber para onde os levaram. O Núncio será capaz de descobrir.

JACOBSON: Não se preocupe. Hoje todos vão para Auschwitz. Terça-feira ... faz três dias ... Gerstein, você acha que foi na terça-feira ou ... os pegaram antes? Quanto tempo leva o transporte? Ah! (A Riccardo, com um esforço supremo para não romper em lágrimas): Não adianta perguntar. Os velhinhos devem ter ido logo para a câmara de gás ...

GERSTEIN: Não ... nem sempre ... Talvez não. Seu pai, como mutilado da Primeira Guerra Mundial, não deve ter sido morto ...

JACOBSON (senhor de si, controlado): Ó Alemanha ... quanta gratidão! Gerstein, salvou a minha vida. Mas não precisa continuar a mentir-me ... Eu ... eu - compreenda - não quero ser consolado. Sempre soube como acabaria tudo ... há muito tempo. (Violento, torturado, mas com força de ânimo): Não me vou matar - não farei esse favor aos assassinos. Agora ... tenho de fugir daqui ... fugir ... fugir daqui. (Amargura a carta e depois a rasga duas vezes, com movimentos crispados e decididos. Está completamente alterado, oferecendo aspecto de excessiva calma, pouco natural. Então, com uma grandeza própria do Velho Testamento, e um traço de ferocidade em seu pálido e inofensivo rosto de bibliotecário, diz): Gerstein, pense mais uma vez se quer ajudar-me a atravessar a divisa - pois agora, depois desta notícia, não sou mais alemão. Agora, toda a Alemanha e todos os alemães são meus inimigos. Não se trata mais de fugir ... Só quero evadir-me para poder voltar como um vingador. Como um vingador, Gerstein.

(Com aspecto feroz, inquietante): Ninguém ousará dizer que nós, os judeus, nos deixamos levar para o matadouro como bezerras. Eu voltarei - como piloto de bombardeiro. Crime por crime. Bombas incendiárias por gás, fogo por fogo. Eu o previno, Gerstein, é este o agradecimento que lhe dou por me ter ocultado. Digo-lhe honestamente: é um inimigo que você está ajudando a escapar. Pode agora atirar-me à rua, denunciar-me... pois jamais absolverei os alemães, todos os alemães, do crime de terem matado aqui os meus pais, que eram bons patriotas.

Coloca os pedaços da carta sobre um caixote de lixo. Gerstein, sem pronunciar uma palavra, recolhe-os e começa a queimá-los com a chama do isqueiro, um por um, deixando cair as cinzas no caixote.

RICCARDO (a Jacobson, com voz fria mas sincera): Não se endureça dêsse modo. O senhor simplifica demais as coisas. (Aponta para Gerstein). Quantos alemães têm ajudado seus irmãos de raça! Também quer bombardear os filhos deles? O ódio nunca tem a última palavra.

JACOBSON (rejeitando a intervenção, em tom gélido): O ódio é que sustenta o homem. Agora não posso cair.

GERSTEIN (sombrio, com a voz rouca, sem fitar Jacobson): Cada qual em seu posto. Nenhum de nós dois sobreviverá à guerra. Vá trocar de roupa, já é tarde... (Pega nos dois caixotes de lixo e leva-os para o vestibulo. Quando volta, Jacobson está entregando a Riccardo o seu passe, em cujas páginas internas se pode ver uma letra "J" garrafal, em preto, e uma estrêla amarela de pano, do tamanho aproximado de uma palma de mão, aberta.

JACOBSON (sorridente): A troca não lhe dá muito lu-

cro, Sr. Padre... O senhor me dá uma batina e eu ... só isto, tudo isto ... Não posso oferecer-lhe mais do que o estigma dos proscritos.

Os três se calam. Riccardo pega na estrêla amarela e examina-a. Fita a estrêla - e depois Gerstein e Jacobson. Move a cabeça. Enquanto coloca a estrêla por um momento na batina, à altura do coração, e antes que a tela, que vai baixando rapidamente, o oculte por completo, pergunta simplesmente:

RICCARDO: Aqui ?

ATO II

OS SINOS DE SÃO PEDRO

Roma, 2 de fevereiro de 1943.

— Na mansão dos Fontana, no Monte Gianicolo. A cena representa um grande salão. Sob um quadro convencional, que representa a Mãe de Deus, está um genuflexório de estilo Renascença, encostado à parede. À esquerda e à direita, retratos de família. Damas de épocas diferentes, militares e um cardeal. Em primeiro plano, rodeada de flôres, uma grande fotografia sôbre um cavalete mostra certa senhora de meia idade: é a mãe de Riccardo, falecida há pouco.

Quase a tôda a largura da parede do fundo, há várias janelas que vão do piso ao teto. Uma porta dá para o terraço, vislumbrando-se um jardim muito inclinado, cheio de pinheiros e ciprestes. Para além do muro, avista-se a imensa cúpula de São Pedro, de côr cinza-claro. Seu perfil se destaca nitidamente do frio azul do céu.

A porta do terraço está aberta. Dobram sonoramente os sinos de São Pedro.

O CONDE FONTANA, de 60 anos de idade, de óculos sem aro e farto bigode, pertence, como outros distintos aristocratas europeus - a exemplo do Vice-Chanceler de Hitler, Franz von Papen -, ao grupo dos "Camareiros Secretos de Espada e Capa", o que lhe dá a honra de sentar-se, envergando as vestes da Côrte de Espanha, ao lado de Sua Santidade, em ocasiões solenes.

Como um dos mais eminentes leigos ao serviço da San

ta Sé, Fontana sente-se obrigado a usar esse traje, não só porque é certamente muito estético, mas também porque as coisas da antiguidade contribuem para criar a imagem externa do Vaticano.

Fontana é um manager. Vive sobrecarregado de trabalho, é inteligente e culto, pronto à bondade e ao sofrimento e até mesmo bastante atento às exigências sociais do século vinte. Parece aborrecido por ter de se deixar fotografar no sombrio esplendor dos trajes da Corte espanhola. É um técnico em finanças cheio de calma, consciente de seu próprio valor, que sabe perfeitamente ter prestado inestimáveis serviços à Cúria. Por esse motivo, não deseja, de modo algum, vê-se confundido com os demais camareiros, que muitas vezes só devem ao fato de descenderem de famílias outrora ilustres o uso dos sapatos de fivela, meias de seda, bragas, gorjeira, mangas tufadas, punhos de renda, barrete, espada e colar da Ordem. O sangue dos Fontana ainda não está dessorado. Tal como os Pacelli, que só foram nobilitados lá pela metade do século dezenove, são ainda capazes de trabalhar a sério, o que lhes atrai um pouco o desprezo do círculo a que pertencem.

Não obstante, Sua Majestade Vitor Emanuel III, a pedido de Sua Santidade Pio XI, que já tinha outorgado ao "exemplar empresário católico" o título de Cavaleiro da Ordem do Santo Sepulcro, viu-se obrigado a elevá-lo - assim como à sua descendência - à dignidade de conde.

Ao subir o pano, um fotógrafo, que se veste de modo antiquado, de barbicha e capote de veludo, meio escondido pelo clássico avental negro do ofício, está dispendo seu complicado aparelho fotográfico junto à porta aberta do terraço. Manipula ostensivamente a objetiva para a focalização. Depois,

caminha até o umbral do terraço, onde seu modelo deverá colocar-se, e fita a objetiva com jeito importante. Enquanto está nisto, fazendo esforços para adotar pose garibaldina, surpreende-o a entrada silenciosa de um velho criado, que odha com evidente desdém, abanando a cabeça. O fotógrafo volta, então, a ocupar-se afanosamente do seu aparelho.

CRIADO (regando as flôres): Não prenda o Sr. Conde por muito tempo, senão êle o põe fora da porta na mesma hora. Êle ainda não sabe que o senhor-môço voltou da Alemanha. Não vai ter muito tempo para perder com o senhor.

Fecha a porta que dá para o terraço. O som dos sinos diminui bastante.

FOTÓGRAFO: Faça o favor de abrir imediatamente essa porta. O Sr. Conde tem que ser fotografado ao ar livre, para a cúpula de São Pedro ficar exatamente atrás dêle.

CRIADO: De jeito nenhum. Lá vem êle ...

Sai apressadamente. O fotógrafo cofia o bigode e passa as costas da mão nos lábios. Ao ouvirem-se passos fora do cenário, alisa nervosamente o blusão prêto e corre a colocar-se atrás do aparelho, em posição quase de "sentido".

FONTANA (nervoso, alegre, entra com passo vivo): É maravilhoso! Que surpresa! Quando chegou êle, Vittório? Deixa-o dormir.

CRIADO (que o segue a um passo de distância): Faz quase uma hora, Sr. Conde. Mas tenho ordem de despertá-lo quando o Sr. Conde voltasse para casa.

FONTANA (um tanto distraído pela presença inesperada do fotógrafo): Bem, bem, nesse caso vá avisá-lo. (Sai o criado, enquanto Fontana diz ao fotógrafo): Bom dia ... Será mesmo necessário? Creio que vocês já têm bastante fotogra-

fias minhas,

FOTÓGRAFO: É verdade, mas nenhuma mostrando o Sr. Conde com a Ordem de Cristo. Permita-me, Sr. Conde, que lhe apresente meus respeitoses cumprimentos!

FONTANA (acendendo com evidente prazer um cigarro, condescendente): Muito bem ... Onde ? Aqui ?

FOTÓGRAFO (corre a abrir a porta do terraço, com o que o dobrar dos sinos recrudescer): Aqui, Sr. Conde, por gentileza ...no umbral, para que o Sr. Conde tenha atrás de si a cúpula de São Pedro. (Olha em torno de si, embaraçado).

FONTANA: Então o senhor já previu tudo ? Que esperamos ?

FOTÓGRAFO: Perdão, Sr. Conde, se ousei falar com franqueza, mas esse cigarro em traje de cerimônia...

FONTANA: (Põe o cigarro num cinzeiro). Muito bem, muito bem. Acabe com isso o mais depressa possível.

FOTÓGRAFO: (Aperta o disparador de borracha) Muito obrigado. Talvez pudéssemos tirar mais uma chapa, mostrando o Sr. Conde para a posteridade, sentado à escrivaninha, entregue ao trabalho...

FONTANA (contendo o riso): Para a posteridade ? A posteridade seria capaz de acreditar que eu abria as cartas metido nesta roupa, e de espada ? (Aponta para o criado, que acaba de entrar de novo, retoma o cigarro e diz): Olhe, faça o favor de tirar um retrato do nosso Sr. Luigi.

CRÍADO: Mas, Sr. Conde, por favor, isso não está certo! (Raivosamente ao fotógrafo, enquanto fecha a porta do terraço): Esquentando o jardim ... Feche a porta!

FONTANA: Vamos, Vittorio, tua mulher vai ficar contente. Espera aí ... não faças essa cara ... Meu filho, que surpresa!

RICCARDO (entra e corre a abraçar o pai, que o beija): Parabéns, meu pai, parabéns! Quanta solenidade! (Nervosamente) Esses sinos não param de tocar ?

FONTANA: Como é agradável não estar sozinho. Quanto tempo poderás ficar ?

RICCARDO (agora, tal como o pai, distraído pela cena ao fundo, entre o fotógrafo e o criado): Está muito bem, Vittorio.

CRIADO: Isto é jogar dinheiro fora! E tenho os dentes todos furados.

FOTÓGRAFO: Um, dois, três ... Agora, um retrato do Sr. Conde Riccardo Fontana. Se me permitem a sugestão ...

RICCARDO (amistoso): Obrigado, mas estou com a barba crescida ... Em outra ocasião ...

FONTANA: Obrigado, muito obrigado, pode arrumar as suas coisas ...

FOTÓGRAFO (enquanto o criado reúne as coisas dele): Eu é que tenho de agradecer, Sr. Conde.

FONTANA: Mas, meu filho, não te sentes bem ? Estás com aspecto muito cansado ... Temos de cuidar da tua saúde.

RICCARDO: Não consegui pregar olho no vagão-dormitório. Estou apenas fatigado da viagem, Papai. Mas me sinto muito bem... (Nervoso e irritado): Por que é que os sinos não param de tocar ?

FONTANA: Porque esta manhã o Papa consagrou o mundo ao Coração Imaculado de Maria. Tivemos uma cerimônia exaustiva. Depois, veio a audiência comigo ... e aqui estou eu com a Ordem de Cristo. Não fazia a menor idéia.

RICCARDO: Mamãe ficaria tão contente... Como sentimos a falta dela em casa e em toda parte!

Ambos fitam o retrato. O fotógrafo juntou as tralhas e diz:

FOTÓGRAFO: Os meus mais sinceros agradecimentos, Sr. Conde. Bom dia, Sr. Conde, bom dia!

FONTANA: Muito obrigado. Até a vista.

RICARDO: Até a vista.

Sai o fotógrafo.

GRIADO: Deus lhe pague, Sr. Conde.

FONTANA: Não digas nada a tua mulher.

Sai o criado.

FONTANA (preparando um coquetel, cético, irônico): Trouxeste outras más notícias de Berlim ?

RICCARDO: Não, voltei sem qualquer missão oficial. Não aguentava ficar mais lá. O senhor sabe (em tom de censura) há meses, que os judeus da Europa inteira estão sendo sistematicamente exterminados. Todos os dias - imagine, Papai - todos os dias, seis mil ...

FONTANA: Li alguma coisa a êsse respeito ... mas deve ser um enorme exagero!

RICCARDO: E mesmo que o seja! (Desesperado) Dei a minha palavra de que o Papa protestaria ... num clamor que despertasse a consciência do mundo inteiro!

FONTANA (agitado): Não tinhas o menor direito de fazer semelhante coisa. Como pudeste ter o atrevimento ...?

RICCARDO: Atrevimento, diz o senhor ? É possível imaginar que o Papa, sabendo o que se passa, continuasse calado ? Hitler está reduzindo a própria Vida ao absurdo. Como poderemos jamais perdoar o nosso silêncio ? E êsses sinos! (Quase grita, tapando os ouvidos com as mãos). Tocam e tocam, como se o mundo fôsse o Paraíso! Que imbecilidade, consagrar êste mundo ao Coração da Mãe de Deus! O Papa, que tem nas mãos quinhentos milhões de católicos - vinte por cen

to dêles súditos de Hitler - não será co-responsável pelo nível moral do mundo ? Como pode ter a ousadia ...

FONTANA (em voz alta e crítica): Riccardo, proibite de usar essa linguagem. É êste o agradecimento que dá ao Papa, que sempre te protegeu, sempre ?

RICCARDO: Papai, por favor, para que falar agora de assuntos particulares?

FONTANA (em tom de advertência): És muito ambicioso. Lucifer, o bem-amado do Senhor, também caiu por causa da ambição.

RICCARDO (triste e sorridente): Não é por ambição, e sim por desilusão que eu protesto. Meu Pai (com voz carregada de emoção, implorante) estamos diante da maior caçada ao homem da história do mundo! Quem nos respeitará no futuro como instância moral, se hoje nos omitimos tão lamentavelmente?

Calam-se os dois, fatigados. Continuam a soar tranquilamente os carrilhões de São Pedro. Fontana se esforça muito para dominar sua agitação e, atirando para o lado a ridícula espada, acende dois cigarros, dá um a Riccardo e diz:

FONTANA: Sejamos realistas. Como poderia o Papa forçar Hitler a não deportar mais judeus, sem alterar a sua política de neutralidade ?

RICCARDO: Explorando o fato de que Hitler teme a sua influência. Não foi por piedade que Hitler proibiu quaisquer medidas contra a Igreja, enquanto durar a guerra.

FONTANA: Isso pode mudar da noite para o dia. Quantos padres êle já matou ?

RICCARDO (apaixonadamente): Exatamente! E, apesar disso, Roma não rompe a amizade! Por que razão ? Porquê se sente diretamente atacada ?

FONTANA (contradizendo): Meu filho, acho surpreendente a tua arrogância. O Papa, em contacto diário com o mundo, com Deus - sabe o que está fazendo. No momento em que a razão de Estado permita ao Papa protestar contra Hitler, sem arriscar a sorte da Igreja, então ...

RICCARDO: Então não restará um judeu vivo, nem na Polónia, nem na Alemanha, nem na França, nem na Holanda! Compreenda de uma vez: cada dia conta! Eu dei a minha palavra, garanti àquele oficial que ...

FONTANA (fora de si): Por que fizeste semelhante coisa?

RICCARDO (excitado), perdendo todo o contrôlo): Por... por não ter sido, talvez, tão cínico que alegasse a razão de Estado ao receber essas notícias!

FONTANA: Como simplificas as coisas! Meu Deus, és capaz de crer que o Papa fique impassível ante a fome ou o sofrimento de uma só pessoa? O coração dêle está com as vítimas.

RICCARDO: E a voz? Onde está a voz dêle? O coração, Papai, não tem o menor interêsse. Tudo é feito através dos canais competentes: o Papa não vê as vítimas e Hitler também não.

FONTANA (dá um passo para Riccardo, ameaçador): Faz o favor! Interrompo a conversa imediatamente se comparas Pio XII a Hitler!

RICCARDO (depreciativo): É o que sucede entre aliados, Pai ... Não têm eles compactuado? Outro Papa já teria denunciado a Concordata há muito.

FONTANA: Não tens nada que ver com isso ...

RICCARDO (após uma pausa, suave, quase com malevo-

lência): Papai, o senhor tem a certeza de que o Papa se debate nesse conflito entre a razão de Estado e o amor ao próximo ?

FONTANA: Que queres insinuar, Riccardo ?

RICCARDO (dominando-se): Quero dizer que, afinal, êle paira muito além da sorte do mundo e da humanidade. Nunca dirigiu uma palavra aos Guardas Suíços que lhe rondam a porta. Nem no jardim nem à mesa pode suportar a vista de um semelhante... O jardineiro recebeu ordem para lhe dar as costas quando êle passeia! Oh, Pai, amará êle qualquer outra coisa além de seus dicionários e de seu culto de Nossa Senhora ?

FONTANA: Riccardo, por favor, isso é injusto, é demagógico demais. Embora frio, êle faz todos os esforços para ajudar e compreender as vítimas ...

RICCARDO: As vítimas ? O senhor crê realmente que êle as vê ? Que tenha visto o transporte de deportados de Paris e os trezentos suicídios antes do início da viagem ? Crianças arrancadas dos pais ... E Konin, perto de Varsóvia? Lá, onze mil poloneses, fechados em câmaras de gás ambulantes, rezam e uivam... E as gargalhadas dos bandidos das S. S. ? Onze mil infelizes ... imagine, poderia acontecer conosco...

FONTANA: Riccardo, pelo amor de Deus, eu sei que te estás torturando...

RICCARDO (em tom de ultimato): A minha pergunta, Pai, por favor! Responda a esta pergunta: o Papa imagina tais cenas ?

FONTANA (desconcertado): Claro, certamente. Mas ... e daí ? Apesar disso, êle não pode obedecer aos seus impul-

sos!

RICCARDO (fora de si): Pai! O senhor não pode dizer isso! É inacreditável ... O senhor precisa compreender, Pai. (Os sinos param. A calma é absoluta. Silêncio. Depois Riccardo diz; muito excitado, sublinhando cada palavra, primeiro em tom grandemente calmo que se vai tornando fêrvido): Um Viário de Cristo que assiste a tamanhos horrores e se mantém em silêncio por razões de Estado, que perde um dia raciocinando, que passa uma hora sem levantar a voz do seu sofrimento numa maldição que faça tremer o último homem da terra ... tal Papa é ... um criminoso!

Riccardo deixa-se cair numa cadeira, esmagado, soluçando. Fontana aproxima-se dêle, após certa hesitação. Sua indignação, que a princípio era muda, amortece ante a visão que oferece seu filho "pródigo".

FONTANA: Aí tens o que acontece quando se fala dêsse modo, Meu filho, como podes ...

O velho criado entra, apressado mas silencioso, com uma pasta de documentos.

CRIADO: Até que enfim, Sr. Conde, chegou o ...

FONTANA (gritando, mais fora de si do que se acreditaria possível): Deixa-nos em paz!

Enquanto o criado, espantado, mal acerta o caminho para a porta, Fontana chega a dominar-se o bastante para dizer:

FONTANA: Perdão, Vittorio, agora não... Não estou para ninguém ...

Sai o criado. Fontana diz, em tom muito incisivo mas contido, depois de fitar longamente Riccardo:

Tua monstruosa ofensa ao Papa e àqueles que o ser-

vem ...

RICCARDO (ainda comovido): Minha responsabilidade ,
porque eu também sou culpado ... me dá direito a ...

FONTANA: Tu não tens culpa de nada!

RICCARDO: Sim, sou culpado como espectador ... e co-
mo sacerdote ...

FONTANA: Riccardo, a contrição também pode ser orgu-
lho. Tens de obedecer. O Papa não pode comprometer a Sé de
São Pedro! (Depois de uma pausa): E não esqueças uma coisa,
Riccardo: seja o que fôr que Hitler esteja fazendo aos judeus,
êle e só êle dispõe de fôrça para salvar a Europa dos russos.

RICCARDO (quase enfurecido): Um assassino não é um
salvador! Claro, lá vêm as teorias a respeito do Ocidente, da
Cristandade. Talvez o destino de todos nós seja o inferno se
o Papa encarar como um cruzado o assassino de milhões de sê-
res humanos. Os russos já foram derrotados há muito tempo.
Hitler está acampado às margens do Volga.

FONTANA (categórico): A ocupação da Rússia não sig-
nifica a vitória. O Papa sabe que sua intervenção seria com-
pletamente inútil ou acarretaria os mais graves perigos à I-
greja, na Alemanha.

RICCARDO (violento): O Papa não sabe nem pode saber.
Um protesto vindo do Papa seria capaz de obrigar Hitler a re-
cuar, pela primeira vez.

FONTANA (vivamente): Não pode agir levemente quem
é responsável por quinhentos milhões de fiéis.

RICCARDO: Em nenhuma parte está escrito que o suces-
sor de São Pedro assista ao Juízo Final na qualidade de maior
acionista do mundo ... Se o Vaticano viesse a perder, na lu-
ta contra Hitler, seu poder sôbre os bancos, a indústria e os

ministérios daqui e dali — Pai, isso só poderia resultar no melhor cumprimento de sua missão divina. Algum dia, meu Pai, voltaremos a testemunhar, algum dia voltaremos a ver o martírio do Vigário de Cristo.

FONTANA: Que fantasias, Riccardo! Tu desdenhas o poder ... mas que usaríamos contra Hitler? Fazer do Papa um pobre indefeso, — que teria feito d'êle Napoleão, para não falar em Hitler? Não, o Papa só pode cumprir sua missão na medida em que esteja do lado dos vencedores.

RICCARDO (apaixonado): Do lado da Verdade!

FONTANA (sorrindo prudente, sêco): A Verdade está sempre do lado do vencedor. Tudo isto é suportável, Riccardo, se acreditarmos que Deus compensará um dia as vítimas.

RICCARDO: Grande consôlo! Cristo ter-se-ia omitido?

FONTANA: Não sou sacerdote, mas sei que o Papa tem de preservar a Igreja em sua própria pessoa.

RICCARDO: Mas é precisamente a pessoa dêsse Papa, de Pio XII, que Hitler teme!

Entra o criado, ainda visivelmente intimidado pela expulsão anterior. Anuncia:

CRIADO: Sua Eminência Reverendíssima o Senhor Cardeal ...

Não se consegue entender o nome, porque Fontana diz rapidamente, um tanto nervoso:

FONTANA: Ah, sim ... Faz favor, manda-o entrar... (A Riccardo): Não faz mal que êle te veja aqui?

RICCARDO (depressa): Acabaria sabendo que não havia motivos oficiais para minha viagem. Convide-o a almoçar conosco.

Atras do cenário ouve-se a risada sonora e simpáti-

ca de um homem gordo. Aparentemente, aprovou a Sua Eminência divertir-se com o pessoal da casa. O Príncipe da Igreja, rechonchudo e vermelho nas nervos, e até irritadiço tanto no trabalho como nas conversações, é um jardineiro consumado. Além disso, preocupa-se muito com as doenças que atacam o seu vasto círculo de relações. À primeira vista - mas só à primeira vista - parece uma bondosa irmã de qualquer hospital. Isso se deve a que, com a passagem dos anos, - embora seja pouco mais idoso que Fontana -, parece adquirir características cada vez mais femininas. Aparência enganosa. O Cardeal é um diplomata refinado, de fato inescrupuloso. Seus olhos azuis podem tornar-se subitamente tão frios como os de Goering ou Churchill, o que lhe elimina do rosto bochechudo a pachorra efeminada. O amor das flôres, nêle, parece assim tão improvável como a paixão de Goering por trenzinhos elétricos. É homem capaz de se manter calado, todo ouvidos para os interlocutores, convidando-os com sua personalidade complacente a dizer mais do que devem.

O Cardeal sabe como evitar amizades estreitas. Teve bastantes dificuldades para evitar as mulheres no tempo em que era magro e desempenado, e em que abundante cabeleira negra, combinada com os grandes olhos claros, lhe davam um ar perturbador. Corriam rumores das suas aventuras, talvez sem fundamento e na certa nascidos da inveja. No tempo em que o amor físico o assaltava, era homem temido pelos ditos mordazes. Hoje, essa ironia maliciosa deu lugar a uma alegria vivaz.

Não obstante, a inteligência pouco comum de Sua Eminência sempre conseguiu reprimir-lhe os sarcasmos, e atualmente chega a ser prudente demais para lhe deixar exhibir to-

dos os talentos na presença de Sua Santidade. O Príncipe sempre se conserva à sombra do Papa, a quem chama "O Chefe" e pouco ama. Prefere às vezes passar por obtuso a brilhar demasiado. E sabe porquê.

Contudo, tem uma fraqueza que a inteligência nunca dominou e que, como todas as tendências inatas, aumenta com os anos: é um grande bisbilhoteiro; as "novidades" exercem sobre êle um fascínio próprio, sejam boas ou más. Hoje, precisamente, há um "petisco" que lhe queima a língua, e está louco para espalhá-lo, embora saiba, infelizmente, que ao fim da noite o conhecerá o mundo inteiro...

Como tantas pessoas gordas, o Cardeal é muito animado, vivaz. Entra com uma gargalhada contagiosa e típica desenvoltura. Sua cabeça poderosa inclina-se ligeiramente para a esquerda. Traz o chapéu, tunicela e capa de sêda. Abre calorosamente os braços para estreitar o Conde Fontana, que se adiantou ao seu encontro. Para celebrar a ocasião, pôs o chapéu escarlata. Na mão direita tem uma orquídea maravilhosa. O Príncipe ri ainda ao terminar uma frase, no meio do braço que dá a Fontana. Continua a gargalhar entre uma palavra e outra, visto que, se ficou um tanto surpreso com a presença de Ricardo, não lhe é de todo desagradável. Sua ruidosa jovialidade atrai imediatamente as simpatias de todos, porque é autêntica. Sua Eminência, no momento, dá a impressão de ser excelente criatura que, neste dia solene para a Mãe de Deus e o Conde Fontana, se regozija com a simplicidade de quem não quer aumentar a hipertensão arterial.

CARDEAL: Meu querido Conde, hem! ... Deus o abençoe! Temos que ... claro ... Nada mais justo ... Era a pessoa mais indicada ... era ... Preciso de trabalhar eu mesmo pela Ordem

de Cristo qualquer dia ... Quer dizer ... não tenho idéia de ... De todo o coração! Nunca tive a menor dúvida de que ... claro. Do fundo da alma! Bem, aqui tem minha Eletia verecun da ...

FONTANA: Obrigado, Eminência. Quanta delicadeza! Meus agradecimentos mais sinceros. Que bela orquídea... como se chama ela ?

CARDEAL: Riccardo, quanto prazer! Que coisa ... E que surpresa: chegar pontualmente a Roma, a tempo de felicitar o Papai ...

RICCARDO (que se inclina para beijar o anel do Cardeal): Meus respeitos, Eminência. Logo após ia correr a pedir uma audiência a Vossa Eminência ...

FONTANA: Queira dar-nos a honra de almoçar conosco, Eminência.

CARDEAL: Como ? ... Sim, claro, será um prazer. Mas repare, Conde: seu filho está outra vez com a pressão alta.. É verdade, Riccardo, você está com a face congestionada, falando francamente. Já não existem médicos em Berlim ? (Vai entregando o chapéu e a tunicela ao criado, soltando chistes para o pai e o filho, sem esperar que lhe respondam ao que diz). Que bom, não ? Magnífica surpresa. E precisamente hoje... agora que seu pai está tão sozinho ... O Núncio não avisou ninguém de sua vinda ? -

- É verdade, gostou da orquídea, Conde ? É a minha bela Eletia verecunda ...

FONTANA (que manifestamente não sabe muito bem o que fazer à flôr, com suma cortesia): É uma extrema gentileza de Vossa Eminência. Que bela flor! Não foi doloroso cortá-la, para me oferecer ? Mas ... queira ter o obséquio de sentar-se, Eminência, por favor ...

Continuam de pé. Fontana entrega a orquídea ao criado, dando-lhe instruções. Sai o criado. Fontana oferece um charuto ao Cardeal. Sua Eminência revira-o nos dedos e corta-o com prazer, como num ritual. Riccardo acende-o, enquanto prossegue a seguinte conversa:

CARDEAL: Riccardo parece esgotado, não parece ?

RICCARDO (com ironia prudentíssima): Mas eu me sinto muito bem, Eminência. Faz um ano que não vou ao médico.

FONTANA: Mas, por gentileza, Eminência queira sentar-se. O almoço ainda demorará um pouco.

CARDEAL (puxa pelo charuto ... toma o Conde pelo braço): Sim, sentemo-nos, sentemo-nos ... Às vezes me vêm à memória uma recepção em Paris, tinha eu a idade de Riccardo e ninguém me dava atenção. Fiquei a um canto. A certa altura, a dona da casa perguntou: "O Senhor tem onde sentar?" - "Sim, Madame, para sentar creio que tenho alguma coisa, o que me falta é cadeira", respondi de um lado a outro do salão... Hem, que tal ? ...

Sua Eminência fica muito divertido durante algum tempo com a sua piada, ante a qual os Fontana riram com o devido respeito. Enquanto os velhos decidem onde irão sentar-se, Riccardo dá indícios de embaraço crescente. O velho criado traz champanha e um vaso de precioso cristal de Veneza para a orquídea.

CARDEAL: Bem, meu caro Conde, mais uma vez, que o senhor use essa condecoração por muitos e muitos anos!

FONTANA (enquanto todos levantam as taças para brindar): Vossa Eminência foi muito amável em vir visitar-me ...

R RICCARDO (com uma leve inclinação): Eminência ... À sua saúde também, meu Pai.

FONTANA: Obrigado, meu filho.

CARDEAL: Saúde, Riccardo!

O Cardeal segura a taça, bebe e depois coloca-a na mesa. O criado precipita-se a enchê-la de novo. Depois, o Cardeal anuncia as novidades que o roíam, procurando incutir-lhes mais efeito.

Londres acaba de confirmar o que Moscou disse ontem: terminou a batalha de Stalingrado. Um Marechal-de-Campo alemão é prisioneiro de Stalin. O Volga não será atravessado ... Sim, senhor, é verdade ...

RICCARDO (surprêso e alegre, com certa violência): Capitularam? Verdade? E tôda a gente em Berlim pensava que as coisas iam ser como as pintava a propaganda ... jamais um alemão se renderia!

FONTANA: Que outra coisa poderiam fazer!

CARDEAL: Moscou assegura que se renderam 90 mil alemães ...

FONTANA: Do ponto de vista militar, Eminência, não se trata de uma catástrofe para Hitler. Mas, psicologicamente ...

RICCARDO: Psicologicamente, é maravilhoso para nós!

CARDEAL (em tom de censura): Riccardo, você parece um pouco frívolo! Quem poderá dizer se a derrota de Stalingrado não represente a mais séria ameaça para nós cristãos? (Com ênfase): E o Ocidente? ... Agora, desmoronará tôda a Frente Sul de Hitler. E ãle precisa do petróleo do Cáucaso. Bem, talvez consiga dominar novamente a situação.

RICCARDO (prudente, para não desperdiçar a sua oportunidade): Mas, certamente, Vossa Eminência também desejará que Hitler arraste a sua cruz.

CARDEAL (jovial, esferçando-se para ocultar a impa-

ciência): Mas não diante dos russos, Ricardo... Ele deve ser esmagado pela Inglaterra e os Estados Unidos. De outro modo, a paz é inimaginável.

Fontana faz sinal ao criado para que saia.

RICCARDO: A paz com Hitler, Eminência, nunca será imaginável.

CARDEAL (começa por rir, divertido com o solene entusiasmo de Riccardo, depois como se estivesse chorando de raiva): Nunca? Jamais diga "nunca" em política! Conde: ouça bem o que diz seu filho! Um rapaz tão sensato, e afinal, ora ... Eu vim para felicitar seu Pai, Ricardo!

Não se deve atribuir o recuo do Cardeal à covardia: ele acha simplesmente impróprio que seu subordinado mais jovem lhe dê uma lição. Fontana, que também é velho, percebe isso mais depressa do que o filho.

FONTANA (conciliador): É verdade, Eminência ... Brinquemos outra vez. A quê, agora? ... Que Stalingrado sirva de lição a Hitler ...

CARDEAL: Isso mesmo! Boa sorte, saúde!

RICCARDO: À saúde de Vossa Eminência.

CARDEAL (mais calmo): O Chefe ... O Chefe mandou avisar Roosevelt que considera absolutamente anticristã essa exigência americana da rendição incondicional de Hitler.

FONTANA (vislumbrando a sua oportunidade): Será possível que o Papa se aproveite da má posição de Hitler para ameaçá-lo com o rompimento da Concordata, se continuar a matar os judeus?

CARDEAL (sorridente e, súbitamente nervoso, levantando-se): Riccardo também o importunou, meu caro Conde? Vejamos os Fontana Pai e Filho numa frente unida!

FONTANA: Não por completo, Eminência, mas a derrota de Hitler no Volga me anima...

CARDEAL: O Chefe não vai colocar-se numa posição falsa para ajudar os judeus.

FONTANA: Nem mesmo agora, Eminência, quando Hitler seria forçado a aceitá-lo ?

CARDEAL (com seriedade e irritação crescentes, chupando vigorosamente o charuto): É claro que já estamos ajudando às ocultas, sim senhor. Já financiamos a fuga de vários milhares de judeus para o estrangeiro, não é verdade ?

RICCARDO: Eminência, Hitler é um incendiário que está exaurindo a potência da Europa, invadindo a Rússia ...

CARDEAL (rindo irônicamente, soberano): Ou viver, ou ser coerente. Não esqueçamos que Deus tanto pôs o diabo como os santos no mundo. E entre ambos está o homem, com uma opção eterna entre dois pecados - não é verdade, Riccardo ? (De passagem): Seu fanatismo não ajuda a Igreja: Hitler existe - temos de viver com êle, não é verdade ? E tenha cuidado - um velho pode dizê-lo -, guarde-se, Riccardo, de supor que a História condenará os nossos contemporâneos. Hitler, diz você, invadiu a Rússia; eu e seu Pai, não é verdade, meu caro Conde ...

FONTANA: Tem Vossa Eminência inteira razão.

CARDEAL: ... preferimos dizer: Hitler entrou na Rússia. Isso mesmo, entrou. Não vale a pena abrir polêmica. Você acha que êle marchou de espontânea vontade contra Moscou? Não podia fazer outra coisa ... Uma rápida vitória no Leste o teria realmente consagrado como invencível. É uma benção o não ter triunfado, mas também é uma benção - não é mesmo ? - que não tenha sido esmagado...

RICCARDO (sombrio, preocupado, mas com toda a habilidade de que ainda é capaz): Todavia, Eminência, o Santo Padre deveria protestar contra o massacre de centenas de milhares de pessoas, crimes que de nenhum modo influenciariam o curso da guerra.

CARDEAL: Deveria? E como exatamente, como? ^U Chefe correria grande risco - não é verdade? - se intervisse a favor dos judeus. As minorias nunca foram populares em nenhum país e os judeus provocaram por muitos anos a Alemanha, não provocaram? Os "pogroms" não acontecem sem mais nem menos...

FONTANA (prudente, notando que a intervenção de Riccardo só produz efeito negativo): Estou inteiramente de acordo com a opinião de Vossa Eminência ... mas é difícil falar de "pogroms" no que diz respeito à Alemanha.

RICCARDO (com calma, para produzir efeito): Também nós, os cristãos, constituímos no passado uma minoria... Talvez voltemos a sê-lo em breve. Creio que Deus nos ligou indissolúvelmente, a nós cristãos, ao povo a que Jesus pertencia.

CARDEAL (após uma boa gargalhada, muito sagaz): Ora, ora ... meus caros Fontana, a quem vocês dizem tudo isso! Conde, o senhor me toma por inimigo dos judeus?

FONTANA (depressa): Claro que não, Eminência ...

CARDEAL: Muito bem! Só digo que a proporção de judeus em posições importantes na Alemanha, antes da subida de Hitler ao poder, era excessiva. Havia demasiados médicos, advogados, banqueiros, industriais e proprietários de jornais de origem judaica. Claro, eles eram mais diligentes: os membros de qualquer minoria são sempre mais diligentes. Já na

escola, o professor os castiga pelos outros ... Isso torna o homem cada vez mais industrioso, não é verdade ?

FONTANA (procurando salvar a situação a todo custo): Sim, industriosos demais para um país que tinha mais de seis milhões de desempregados.

CARDEAL (espontaneamente agradecido): É justamente o que eu queria dizer. O grande problema, Riccardo, é a incrível popularidade de Hitler, não é mesmo ? Por isso, se o Chefe intercedesse pelos judeus iria expor-se muito ...

RICCARDO: Na Alemanha, talvez sim. E se fôsse nos Estados Unidos, Eminência ?

CARDEAL (decidido, em tom conclusivo): Não só na Alemanha, mas também na Polônia, na Holanda, na França, na Ucrânia ... em toda parte - não é verdade ? - onde se contribui ativamente para a perseguição. Mesmo nos Estados Unidos também há anti-semitas militantes, não é verdade ? O ser humano ama as carnificinas, Deus nos ajude ... Talvez o Núncio de Berlim pudesse falar com o Secretário de Estado Alemão...

RICCARDO (amargo): Oh, Eminência, seria apenas uma conversa amável. Além disso, o Secretário de Estado está sempre dizendo que as ameaças só servem para agravar a situação.

CARDEAL (cortante, achando excessiva a ironia de Riccardo): E pode você garantir que as ameaças não agravariam a situação ?

RICCARDO (em sua última tentativa, já descontrolado e falando alto demais): Eminência, cem mil famílias judias da Europa aguardam a morte! A situação não pode ser agravada, Eminência! (Mais calmo, persuasivo): Não, Eminência, pelo amor de Deus, o Papa deve dirigir-se a Hitler, diretamente e já!

FONTANA (agitado, ao ver que Riccardo põe tudo a peg

der com o tom que usa): Filho, por favor! Queres começar a dar ordens ? Peço ...

CARDEAL (pondo a mão no ombro de Riccardo, o que na da significa): Riccardo, você está tresnoitado não é mesmo?..

Entra o criado e anuncia a Fontana:

CRIADO: Sua Eminência Reverendíssima o Sr. Cardeal é chamado urgentemente. Um oficial ...

CARDEAL: Com licença ... (A Fontana): Evidentemen- te, voltarei a tratar dêste assunto com o Chefe.

Entra um oficial da Guarda Suíça, que faz uma sauda ção militar.

OFICIAL: Eminência, Sua Santidade roga a presença ur gente de Vossa Eminência no Palácio Pontifício.

CARDEAL (muito contrariado): Já ... antes do almô- ço ? Bem, então, Vittorio, traz o meu chapéu ... Que penal O Chefe não conseguirá salvar Stalingrado falando no caso , não é mesmo ? ...

Enquanto põe o chapéu, Ricardo pega a capa das mãos do criado para ajudá-lo a vesti-la.

FONTANA: Que lástima! Podemos esperar Vossa Eminên- cia para o almoço ?

CARDEAL: Completamente impossível, meu caro Conde . Pena, sim. (Rindo por dentro, aparentemente tranquilizado): Riccardo! (Dirige-se até êle, e Riccardo beija-se o anel). To me limão para melhorar a sua pressão arterial. E se não pro duzir efeito, banhos nos pés, tão quantes como você possa su portar. Até à tarde ?

RICCARDO: Sim, Eminência, agradeço-lhe do coração . A que horas ?

CARDEAL (casualmente): Bem, vejamos... lá pelas cin

co horas. Creio que você tem de passar uns seis meses em Lisboa. (Rápido, sem transição): Meu caro Conde, por hoje chega de política. Hoje é seu dia de festa. Deus vos abençoe. Até à vista.

RICCARDO (oprimido): Até à vista, Eminência.

FONTANA (acompanhando o Cardeal até a saída): Agradeço muito a amabilidade de sua visita, Eminência.

O criado fecha a porta atrás de si. Saem todos, menos Riccardo.

RICCARDO (sozinho, contrito, para si mesmo): Lisboa! ... para o ostracismo.

Acende nervosamente um cigarro e abre a porta do torção. O pai volta e começa a dizer antes mesmo que o criado fechasse a porta atrás de si.

FONTANA: Está-se livrando de tí! Nem sequer te perguntou por que vieste de Berlim! Lisboa ... Aí tens a recompensa, para saberes quando chegas longe demais.

Silêncio.

RICCARDO (afetuoso): Estou-lhe tão agradecido, meu Pai, por ter ficado ao meu lado ...

FONTANA: Stalingrado é a reviravolta que nos permite negociar. Tens inteira razão, meu filho - mas não tens poder!

RICCARDO: Pai, eu lhe suplico! Temes de fazer alguma coisa imediatamente, Pai ...

Os sinos voltam a soar fortemente. Ambos levantam os olhos e depois se fitam um ao outro. O pai faz um típico gesto de resignação com os braços.

CRIADO: O almoço está servido.

CAI O PANO

ATO III

A VISITA

O mundo silencia. O mundo sabe o que está sucedendo aqui - já não se pode duvidar disso - e silencia. No Vaticano, silencia o Vigário de Deus...

De um folheto polonês clandestino, de a gosto de 1943.

CENA I

Roma, 16 de outubro de 1943, no crepúsculo.

Residência, nas águas-furtadas de um prédio, de um jovem professor universitário, o Dr. Lothar Luccani, que vive ali com a família, na movimentada Via di Porta Angelica. Esta rua começa na Praça de São Pedro, na colunata de Bernini, e vai até a Piazza del Risorgimento, fechada, do lado esquerdo, pelo alto muro da Cidade do Vaticano, enquanto do lado direito está cheia de prédios de escritórios, cafés e apartamentos.

O apartamento dos Luccani tem, para o lado da rua, uma bela vista do Palácio do Vaticano, que lhe fica exatamente em frente. Os apartamentos privados do Papa ficam no terceiro andar. Na cena que se segue, tudo é autêntico, como Herr von Weizsaecker, então Embaixador do Governo Alemão junto à Santa Sé, relatou a Berlim em 17 de outubro; "as coisas ocorreram, por assim dizer, sob as próprias janelas do Papa".

Se possível, devem avistar-se os andares superiores do palácio renascentista através da janela de sala-de-estudar de uma porta, alta e estreita, que dá para o terraço do edifício. Contudo, obteremos o mesmo efeito se se retiver a ima

gem da Cúpula de São Pedro, que já nos é familiar desde o segundo ato, para ilustrar - como Gerald Reitlinger escreve em *The Final Solution* - como os judeus "eram arrastados para a morte à própria sombra da Basílica de São Pedro".

O cenário está dividido em três partes: à esquerda, o pequeno vestibulo-corredor, com a porta de entrada ao fundo, e outra porta à direita, dando para a sala-de-estar está parcamente mobiliada. Nota-se que é o lar de um homem culto graças, apenas, a um fragmento de baixo-relêvo antigo, pendurado na parede, e a duas grandes estantes de livros; à direita fica o quarto das crianças, pintado de cores vivas, e tão pequeno como o vestibulo-corredor. Vêm-se duas pequenas camas pegadas uma à outra e uma cestinha de bebê, com rodas, no meio do quarto. Não existe nenhuma porta entre o quarto das crianças e a sala-de-estar; para entrar nêle, partindo da sala, é preciso sair ao vestibulo-corredor e atravessar o cenário em frente dos três cômodos.

Na sala-de-estar vê-se uma cesta de vime com a tampa aberta, talvez quatro malas, uma sacola de colegial e uma caixa grande de papelão. Espalhados no sofá, abrigos e chapéus. Uma menina de cinco anos vai trazendo do quarto das crianças uma boneca atrás de outra e deitando-as sobre as malas. Seu irmão, de oito anos mais ou menos, está estirado no soalho do quarto, vendo um álbum. O Dr. Lothar Luccani está de pé, encostado à janela de sala-de-estar. Julia, sua esposa, vê-se atarefada vestindo um bebêzinho para dormir, sobre a mesa central. O bebê chora um pouco, grita, mas logo se acalma com os carinhos da mãe. O sogro dela lê o *Osservatore Romano* atrás de uma lâmpada de pé, com a ajuda de uma lente.

LOTHAR: Já são quatro e meia e ainda não escureceu.

Escurece tarde... e estou começando a perder a paciência.

JULIA: E por quê tanto nervosismo? Está tudo pronto. O Padre disse que não aparecêssemos antes do anoitecer. Alegre-se de ao menos podermos esconder-nos.

LOTHAR (nervoso): Você quer ir a pé? Acho que você tem razão, vamos todos a pé. Depois de estarmos em lugar seguro, Dona Simonetta poderá levar as nossas malas. Que tome um táxi na Praça de São Pedro.

JULIA (tentando acalmá-lo): Mas, Lothar, está tudo combinado há tanto tempo! Já dei dinheiro e as chaves a ela. Só falta você pagar aluguel.

LUCCANI Sr.: Já tratei disso. O aluguel está pago até abril.

MENINA: Paizinho, posso levar as bonecas tôdas?

LOTHAR: MUITÍSSIMO obrigado, Papai! (À filha): Pode levar duas bonecas e o urso, ou o cachorrinho de pano, um dos dois.

LUCCANI Sr.: Vocês não precisam de Dona Simonetta. Eu mesmo posso esperar o táxi e carregar a bagagem. Para quê essa mulher há de andar mexericando por aqui enquanto estivermos fora?...

JULIA (contradizendo): Ora, vovô! Nós pedimos que ela cuide nenêzinha e ainda desconfia dela!

LOTHAR (folheando distraidamente um livro, sem saber se o levará ou não): O senhor também não deve ficar por aqui, Papai. Não gosto disso...

JULIA (ainda atarefada com o bebê): Lothar, veja se não fica tão nervoso, senão as crianças vão sentir.

LOTHAR (muito nervoso, irritado, falando alto): Mas eu não estou nada nervoso! Estou furioso comigo mesmo por não

têrmos ido ontem, quando o Padre veio aqui. Esta maldita bagagem!

JULIA: Os alemães estão em Roma há várias semanas e até agora nenhum judeu foi prêso. Por que haveria de ser hoje?

LOTHAR (com violência): Por quê! Por quê! Porque foi só hoje que receberam ordem para isso. Não lhes chegou o ouro. Já saquearam a sinagoga — agora chegou a nossa vez. (Após uma pausa) Por acaso vocês não acreditam sempre no que a rádio Londres diz? Em tôda parte por onde os russos avançam, tropeçam em covas cheias de civis assassinados... judeus.

LUCCANI Sr. (põe o jornal de lado e diz em tom muito decidido): Eu conheço os alemães melhor do que você. Não acredito nessas histórias. Quem fuzilou os cinco mil oficiais em Katyn: os alemães ou os russos?

LOTHAR: Não sei, ambos são capazes disso. Seja como fôr, acharam munição alemã junto dos cadáveres.

LUCCANI Sr.: Isso não prova nada.

JULIA: Por favor, vovê! Afinal, o Papa é nosso vizinho e não nos deixará ser agarrados sem mais nem menos. (Aponta para a janela, sorri e beija o marido). O Papa não precisa ter mêdo de Hitler, porque os americanos já estão em Nápoles.

LOTHAR: Minha querida, nós não somos católicos.

LUCCANI Sr.: Sim senhor — eu sou católico... e isso basta. Além disso, vamos para um convento.

LOTHAR (irônico): Claro, isso vai impressionar os alemães... Ah, como vocês são ingênuos... Bem, mudemos de assunto. Está começando a ficar mais escuro.

O rapazinho trouxe o album para a sala-de-estar e

pergunta ao pai:

MENINO: Papai, será que também posso levar os meus selos ?

LOTHAR: Podes. Senta aqui à mesa e descola-os e o cuidado do álbum. O álbum ocupa muito espaço. Guarda-os na caixa dos selos ainda não classificadas.

MENINO (furioso): Assim vão-se misturar todos! (Para a irmã): Não mexa nos selos!

LOTHAR: Faz o que eu digo, ou deixaremos aqui o álbum.

MENINA: Os selos também são meus ...

JULIA: Vamos, obedeçam, e fiquem quietos, porque Pippa está querendo dormir ... e depois vamos pô-la no bercinho. Lothar, quer fazer o favor de levar isto tudo à Dona Simonetta ... (Deposita nos braços do marido duas toalhas de banho e uma pilha de fraldas e põe numa sacola mamadeiras, leite em pó e um casaquinho). O carrinho da nenêzinha fica lá embaixo. (Sem pausa) Será que não podíamos levar também Pippa?

LOTHAR (carregado, impaciente, injusto, tirando a sacola do braço dela): Você sempre voltando atrás do que combinamos!

JULIA: Você tem razão, mas para mim é tão difícil deixar Pippa aqui ...

LOTHAR: Mais alguma coisa ? Volto já (Com ternura): A mim também me custa muito, Júlia. (Beija a esposa na fronte, depois beija o bebê e sai do apartamento).

JULIA (alto, para êle ouvir): Diz à Dona Simonetta que eu levo nenêzinha dentro de meia hora...

A porta do corredor fica aberta, ouvindo-se os passos de Lothar nas escadas. Júlia leva o bebê, depois de o ter

mostrado ao avô, que lhe faz um afago, para o quarto das crianças, deitando-o na cestinha. O velho também sai, dizendo para si mesmo:

LUCCANI SR.: Vou dar uma olhadela no contador da luz e desligar o gás ... (Voltando-se para as crianças): Vejam se vocês dois se comportam ...

MENINA: Mas os selos também são meus, não são, vovô? Não obstante, a menina não olha para o irmãozinho, que está mexando nos selos, em cima da mesa. Seguindo o exemplo da mãe, coloca, muito concentrada, uma fralda numa das bonecas.

LUCCANI SR.: Vou comprar uma boneca para você, daquelas que falam. Ou um livro de historinhas ... que é que você prefere ?

MENINO: E para mim, selos americanos!

LUCCANI SR.: Se vocês ficarem bonzinhos lá no convento, compro tudo o que vocês quiserem. (Falando para si mesmo): Talvez a gente possa levar os tapetes. O chão de pedra dos conventos é tão frio no inverno ...

Sai pelo corredor à esquerda. Enquanto falava aos netos, Lothar entrou e dirigiu-se ao quarto das crianças. Julia já deitou o bebê na cestinha. Os dois fitam enternecidos a filhinha e depois, afastando-se vêm até o primeiro plano. Lothar pega a mulher pelo braço.

LOTHAR: Não fique zangada comigo por andar mal disposto estes dias.

Chega o resto à nuca da mulher e beija-a apaixonadamente.

JULIA (com ternura): Isto passa, Lothar ... Não pode demorar muito. Os Aliados já chegaram ao rio Voltorno ...

LOTHAR (outra vez violento) Meu Deus do Céu! Por que não desembarcam em Ostia? Ah, meu bem, você confia nos americanos, Papai confia no Papa ... mas eu não confio em ninguém. Se ao menos já estivéssemos no convento!...

JULIA: Lothar, você não acha que sempre foi pessimista? Não representa já muito o podermos ficar juntos?

Beija-o e acaricia-lhe os braços.

LOTHAR (muito sombrio): Ter que me afastar do trabalho, dos livros ... é muito duro. E depois todos os amigos..

JULIA (resignadamente): Seu misantropo ... Os livros interessam mais a você do que eu, não é verdade? Às vezes noto que lhe aborreço ...

LOTHAR: Oh, Júlia, como é que você pode ...

JULIA: Sim, Lothar, sim. Antes de nascerem as crianças, sentia-me tão infeliz, às vezes ... Acho que você nunca sentiu isso, seu velho egocêntrico ... (Abraça-o). Discutimos demais, é horrroso ...

LOTHAR (desconcertado): Mas, Júlia, você sabe quanta falta sinto de você!

JULIA: Sim, um pouquinho de vez em quando ...

LOTHAR: Ainda somos jovens, podemos recompensar o tempo perdido. Espere que esta maldita guerra passe e ...

JULIA (sorrindo): Nunca se recupera o tempo perdido, Lothar. Você renunciou a tantas coisas por mim. Para um homem, você se "enforcou" muito cedo ...

LOTHAR: É verdade, mas eu me enforquei com você, Júlia. Você representa, para mim, tudo o que não pude ter. (Afasta-se, outra vez inquieto). Em que mala estão os documentos e o talão de cheques? Deveríamos ter retirado o resto do dinheiro.

JULIA: Estão com o seu manuscrito. Oh, (Afastando-se também) ... quase esquecia o anel no banheiro.

Sai pela direita. Lothar sai pela esquerda e atravessa o corredor para atingir a sala-de-estar. O velho Luccani, que entretanto entra na sala-de-estar, começa um "trabalho" inteiramente inútil: tira de um recipiente próprio uma série de jornais velhos e verifica as datas, pedantemente, com o auxílio da lente. Diz à neta:

LUCCANI SR.: Por que é que você trouxe todos os seus bebês para aqui? Já deviam estar dormindo.

MENINA: Ainda vou dar banho nêles, porque elesvão comigo.

MENINO: As bonecas tôdas? Só duas, disse o Papai! Papai! ela vai levar as bonecas tôdas? Então eu também vou levar o meu revólver.

LOTHAR (carregando duas malas para o vestibulo, fazendo força para falar em tom de brincadeira): Para o convento? Você ouviu, Julia? Ele quer atacar o convento com um revolver. Nem os nazistas fariam isso...

Julia entra na sala-de-estar. Ri com o marido.

JULIA: Menino, não se pode levar armas para um convento. Vovô ... para que o senhor está escolhendo jornais velhos? Também está ficando nervoso, hem?

LUCCANI SR.: De jeito nenhum. é que não tenho outra coisa para fazer. (Consulta o relógio de bolso). Mas você tem toda a razão. Acho que é melhor ver se as janelas estão bem fechadas.

JULIA: Já estão tôdas fechadas.

De qualquer forma, o velho sai.

JULIA (ao marido): Também eu vou deixar a chave da

dispensa com a Dona Simonetta. (Triste): Mas ela tem de levar a nossa filhinha de três em três dias ... senão, ao fim de 3 meses a menina já não me conhece ... (A campainha toca forte). Aí está ela ...

Outra campainhada ... agora contínua. Lothar sai, cruzando na porta com o pai, que entra agitado. Em resposta ao olhar interrogativo de Julia, o velho dá de ombros e não diz uma palavra. Lothar fecha a porta da sala-de-estar, e só então abre a do corredor que dá para as escadas, enquanto a campainha toca sem cessar. Avô, nora e crianças juntam-se, muito perto uns dos outros.

Um sargento alemão das S.S. entra no apartamento, seguido de dois italianos pertencentes à Milícia Fascista. WITZEL é o nome do srgento, que se assemelhava, em 1943, à maioria de seus compatriotas da mesma idade; cêrca de 35 anos. Em 1960, convertido em Inspetor-Geral da Prefeitura de D., será parecido com qualquer quinquagenário alemão. Talvez valha a pena dizer que se trata de indivíduo muito correto... O tom rude, fanfarrão e obsceno que emprega ao lidar com judeus e outros sêres indefesos - porque é de costume - não lhe agrada. Sem o saber, Witzel recebeu essa loquacidade brutal dos seus superiores, imitando frases inteiras com a maior facilidade e esquecendo-as com idêntica facilidade conforme muda de superior. Em 1959 era um cidadão respeitável. Com seu amor da ordem, as atividades neonazistas são para êle tão pouco simpáticas como uma greve por aumento de salário ou uma avaria na canalização da água.

O sargento constitui um contemporâneo médio de tal modo típico, que só podemos reconhecê-lo pelo uniforme. Eis por que pode fazer o papel do padre na primeira cena e do ca-

pataz judeu na última. Ao representar êsses papéis, nem há necessidade de lhe acrescentar uma barbicha ou um par de óculos.

Os dois italianos são igualmente tipos comuns da História contemporânea, dois labregos vulgares, do gênero daquelles que, séculos atrás, teriam sem hesitar preparado a fogueira para Joana D'Arc. Um dêles traz debaixo do braço um fuzil engatilhado, mas com ar tão relaxado que dá a impressão de que se a arma disparasse seria apenas por acidente. Para êle é mais importante o que traz na outra mão: uma garrafa revestida de palha trançada, da qual vai bebendo a intervalos regulares. Seu camarada tem a face afilada e severa, olhos penetrantes. É correto, "rígido" e presunçoso como um tambor-mor em dia de festa na Piazza. Traz uma lista de nomes, que revê des necessariamente com vários lápis de côr, assim como um coldre e uma bandoleira para mapas. O gorro vai corretamente pôsto e a barba escanhoadada. O uniforme, ajustado por um cordão multicolorido na cintura, está passado a ferro, impecável. Usa botas de cano alto, enquanto o outro veste um par de calças imundas, que provavelmente só tira para dormir - e assim mesmo só quando não estiver sozinho. Witzel não tem a menor autoridade sobre êle - só a barbicha ridícula daquele relachado já o irrita.

ITALIANO (com a lista): Dr. Luccani ? Mulher, Julia; dois filhos: um rapaz e uma menina. Vocês irão para um campo de trabalho. Arrumem as suas coisas, rápido!

Witzel e o italiano com a garrafa entraram na sala-de-estar, cuja porta Julia acaba justamente de abrir.

WITZEL (fala sem nenhum sotaque em particular, apenas no alemão mais vulgar; quanto mais levanta a voz, mais a-

centua o tom indolente dos de Kassel. Amavelmente): Façam as malas ... Ah! já está tudo pronto...

LOTHAR (a Julia, calmamente): Tarde demais ...

Apóia-se, inteiramente resignado, à ombreira da porta, até que WITZEL, tendo fechado de golpe a porta de entrada, lhe dá um encontrão brutal que o leva tropeçando ao meio da sala-de-estar.

WITZEL: Vamos, ajude a arrumar os seus trapos!

LUCCANI SR. (recobrando o ânimo): Que é que meu filho fez ao senhor ?

WITZEL (mais alto, sem sequer olhar para o velho): Vocês têm dez minutos; não - cinco chegamos! Vamos, preparam-se! Avanti!

LUCCANI SR.: (resoluto, dirigindo-se até êle): Nós somos católicos, fomos todos batizados. O senhor não tem o direito de prender-nos. Onde estão as suas ordens ?

WITZEL (amavelmente): Onde está a tua estrêla de judeu ? Católico, hem ? Eu também já fui católico em outros tempos, isso passa. Então ... dez minutos, já que vocês são católicos. (Olha em torno, aponta para as malas feitas). Tudo pronto para seguir ? Como é que sabiam que a gente vinha ? A família está tôda aqui ?

JULIA (muito calma): Sim, senhor, a família tôda. Não sabíamos de nada. Íamos sair de viagem.

WITZEL: Ah, de viagem... para qual convento ?

Ri para os dois italianos, que observam com ar indolente, fumando. O da garrafa está sentado na mesa. O correto ri por dever; o malandro inspeciona ávido as paredes e os móveis da sala.

WITZEL (afável, dirigindo-se ao menino): Para qual

convento vocês iam, assim tão depressa ?

O menino, muito intimidado, não responde e agarra-se fortemente ao avô. Lothar ainda não está completamente senhor de si, mas no entanto diz:

LOTHAR: Meu pai está aqui de visita. Há muitos e muitos anos que é católico. Além do mais não está na vossa lista. É melhor deixá-lo em paz, senão vai haver problema com o Vaticano.

Está muito escuro no cômodo. Em frente, no terceiro andar do Palácio Pontifício, acendem-se as luzes.

WITZEL: Ele não precisa de se queixar ao Papa, pode queixar-se diretamente a Deus-Pai, se conseguir vê-Lo dentro de pouco tempo. (Witzel observa o velho, que se queda sem voz e depois grita de súbito para Julia e Lothar): Pensam que trouxemos um caminhão enorme só para vocês ? (Passa raivosamente em frente das malas ainda no meio da sala e atira ao chão os chapéus que estão sobre o sofá um por um). Só cinquenta quilos de bagagem por nariz de judeu! E só roupa e comida! Tudo o mais, fora! Vamos, avanti!

JULIA (que mal pode falar de medo): Para onde os Senhores nos levam ?

WITZEL (amável): Para construir estradas, nos Apeninos.

LOTHAR (com pressa súbita, olhando para o pai e Julia significativamente): E os nossos dois filhos - eles estão na lista.

LUCCANI SR. (compreendendo imediatamente): Isso, ambas as crianças ... (A Witzel): Por favor, deixe as duas crianças aqui. Só estorvariam.

WITZEL (pegando a lista, com grande placidez): Temos

um sentido de família bastante desenvolvido, compreendem? Portanto, as duas crianças também vão. Quanto ao senhor ... de fato não consta na lista. Mas irá do mesmo jeito. Quem não pode trabalhar recebe serviço ... recebe tratamento especial.

Lothar e Júlia fazem e desfazem as malas, numa azáfama. A menininha subiu nos joelhos do avô, que está sentado. O menino, ansioso de proteção, também se chega a êle.

WITZEL (em tom objetivo, para o velho): O senhor não deve estar há muito tempo em Roma, visto que Mussolini não se interessou pelo senhor, quando mandou registrar os judeus?

LUCCANI SR. (com desprêso): Primeiro, só estou aqui de visita; em segundo lugar, eu sou católico.

JULIA (recuperando-se): Por favor, deixe ficar aqui meu sogro e meus dois filhos ...

WITZEL (voltando-se de repente, brutal): Vai tratar da tua bagagem! Para nós, alemães, não interessa a religião. (Aproximando-se para ver o baixo-relêvo. Lothar e Julia fazem as malas. Lá fora, tudo é tranquilidade. Witzel toca com um pé nas costas de Lothar, que se ajoelhou diante de uma das malas): Colecionador de obras de arte, hem? Vale alguma coisa?

Mostra com um gesto o baixo-relêvo. Lothar, com a insensata esperança de entabular uma conversa em que pudesse obter alguma vantagem para os filhos, responde:

LOTHAR: Sim, sou arqueólogo. Essa escultura veio...

WITZEL: Onde a arranjaste não me interessa nada saber. Acaba logo as malas, temos que ir embora. (Ao italiano "correto"): Passa a outra lista ... (O italiano tira da pasta que tem à bandeira. Witzel faz uma anotação e pergunta ao miliciano): Que rua é esta?

MILICIANO: Via Porta Angelica, 22, quarto andar.

Witzel devolve-lhe a lista e passa entre Lothar e Julia, que continuam ajoelhados refazendo malas. Abaixa-se e toma de uma das malas, aberta, uma pequena escultura e uma bolsa, que mantém no ar diante deles. O italiano da garrafa olha muito curioso, mas sem dizer palavra. Witzel, sarcástico e depois com uma gargalhada maldosa, coloca o pequeno bronze em cima da mesa e vasculha a bolsa.

WITZEL: Cada coisa que é preciso levar para uma viagem... E isto o que é ... moedas velhas? Quanto valem? Acho que é melhor tomar nota. (Faz que lhe entreguem outra lista, e nesse momento vê que o malandro, sentado na mesa, não tira os olhos da coleção de moedas, enrolando um cigarro. Mandá-lo sair, dizendo com aspereza): Não fiques para aí largado! Vamos, vai dar uma olhada nos outros quartos. Talvez a gente peque outro coelho para meter no saco de hoje ... como o vô ...

Quando o italiano larga a mesa, com vagar e relutância provocantes, sem o fuzil, puxando o gorro para trás e coçando a nuca, Julia, ainda ajoelhada, olha-o cheia de medo. Morde o lábio inferior para não gritar e crava as unhas no braço de Lothar. O marido afasta-lhe a mão e continua ostensivamente a arrumar a mala. Julia consegue esconder tão mal sua ansiedade que se levanta quando o italiano abandona a sala. Witzel, que está atrás dela, agarra-a imediatamente pela nuca e dobra-a outra vez até o chão, enquanto diz com estúpido ar apaziguador:

WITZEL: Não tenhas medo que o teu patrício te roube a baixela, continua com o teu serviço.

Julia começa a chorar em silêncio. Ao fundo, o avô

avisa às crianças que fiquem caladas, pondo um dedo nos lábios. Murmura ao ouvido de ambos alguma coisa, e depois, neste momento de tensão suprema, põe-se a falar com Witzel, para distrair as crianças e acalmar-se:

LUCCANI SR.: Meu neto pode levar a coleção de selos dele? Veja ...

Pega a caixa das mãos do neto e mostra-a a Witzel, que responde em tom amistoso:

WITZEL: Por mim, é claro que pode.

LUCCANI SR.: Agora, Cláudia, pergunte se você pode levar as suas bonecas e o ursinho...

WITZEL (impaciente): Pelo amor de Deus! Vamos logo embora! E então? Os quartos estão vazios?

Olha com ar interrogativo para o fascista de volta do quarto das crianças, onde viu o bebê na cestinha. Após breve reflexão, um momento de dúvida, e depois de dar uma olhadela ao corredor de acesso a êsse quarto, sai com passos cuidadosos, enquanto se desenha no seu rosto um sorriso, que ninguém poderia assegurar se deve a ter salvo a criança, ou então a ter, enfim, podido enganar Witzel.

FASCISTA: Não há mais ninguém, nem viva alma.

Olha primeiro para Julia e depois para a bolsa das moedas, fixamente.

JULIA (no proscênio, em voz baixa): E a nenêzinha vai ficar aqui...

LOTHAR (pegando a mulher pelo braço para acalmá-la, levanta-se, parecendo de repente ter pressa para ir embora): Estamos prontos.

Põe o sobretudo sobre os ombros, pega duas malas e começa a andar, enquanto Julia, mais calada, veste casaquinhos

nos filhos.

WITZEL: Espera aí. Falta um pequeno detalhe. Mostrem as mãos. Não, as crianças não. Você ... você aí: tira o anel. As jóias são confiscadas, vamos!

Lothar quebra o silêncio com uma risadinha irônica ao tirar, não sem dificuldade, a aliança de casado, enquanto seu pai e Julia não mostram nenhuma reação.

LOTHAR: É, as alianças podem estorvar no "trabalho". (Irritado, ao ver Witzel pegar nas mãos de Julia, para ajudá-la a tirar a aliança): O senhor tem ordens oficiais para nos pilhar ?

As crianças agarram-se às fraldas da mãe.

WITZEL: Pilhar ? Não seja insolente. Agora os relógios ... Vamos! ... os relógios.

JULIA: Você tinha razão, Lothar.

Witzel entrega os relógios e anéis ao miliciano "correto", que os examina e coloca na pasta à bandoleira. Witzel volta-se agora para o ancião, que continua sentado como se tivesse testemunhado algum acontecimento incompreensível noutro planeta: estupefato, de olhar vago, imóvel, as mãos caídas sobre os joelhos. Sem qualquer reação externa, deixa que lhe retirem o relógio de bôiso, as duas alianças de viúvo, tudo. As alianças são mais arrancadas do que extraídas.

WITZEL: Está terminando, hem ? Vamos, não podemos perder tempo. Toca a vestir as crianças ... (Diz isto a Julia, e logo, sem brutalidade, afasta-lhe o cabelo e examina-lhe as orelhas): Tira os brincos. Isso. Pronto. Vamos embora.

Julia passa ao velho Luccani uma caixinha, pega num pacote e leva as crianças para fora.

MENINA: Eu quero ir com o vovôzinha ...

LU LUCGANI SR.: Está bem, você vai comigo ... (Ao menino): Você também, vem comigo.

MEMINO: E Pippa ? Ela não vai, também ?

LUCGANI SR. (tapando-lhe a boca com a mão): Calado, menino, vamos embora.

Leva os netos à sua frente, apressado. O miliciano encarregado das listas já abriu a porta de saída do vestíbulo-corredor. Na barafunda da saída, no pequeno vestíbulo, o menino pergunta timidamente ao sargento:

MEMINO: E agora vamos para o convento ?

WITZEL: Vamos direitinhos para o Céu, ver Nosso Senhor...

Witzel empurra-os para fora. Lá fora está Simonetta, chorando.

SIMONETTA: Oh, senhora Luccani!... Oh, meu Deus! ...

JULIA: Adeus ... Dê uma olhada no quarto das crianças, para ver se eu fechei bem a janela, por favor ... (Começa a chorar e sai apressadamente. Witzel é o único que ainda está no apartamento).

WITZEL: Foral Raus!

Afasta Simonetta e bate a porta com tal estrépito que o bebê começa a chorar. O andar está quase completamente às escuras, pois o velho Luccani não se esqueceu de apagar a lâmpada de pé. Há uma vaga claridade na saúde-estar, vinda do Palácio Pontifício. Ouve-se um tropel de passos nas escadas, depois o silêncio. Lá embaixo vem o ruído de um motor de caminhão, arrancando. Simonetta abre a porta do corredor e vai, com passos furtivos mas rápidos, até o quarto das crianças e curva-se sobre a nenêzinha.

SIMONETTA: Coitadinha... levaram a mamãe embora! Vem,

meu coraçõezinho, minha pequenininha, vem cá ... Aquêles malditos!

Tira a neném da cestinha e acarinha-a até ficar calma. Deita-a sobre uma almofada e passa os olhos pelo quarto nervosamente, várias vezes. Vai então até a janela, que está fechada, e olha para baixo. Chora. O fascista relaxado que "descobriu" o bebê acaba de surgir rápido e encaminha-se para a porta, aberta, entrando na sala-de-estar. Pega na bolsa das moedas e começa a guardá-las nos bolsos. Após uns momentos, pega na estatueta e procura enfiá-la no bolso das calças; vendo que não cabe, desabotua um dos dois botões da camisa para metê-la ali. Olha para a porta, atemorizado. Simonetta aparece na porta, vinda do quarto das crianças. Ambos ficam petrificados, sem voz. O soldado olha para ela muito confuso, mas com cumplicidade. Ainda não escondeu toda a estatueta entre a pele e a camisa. Aponta para o bebê no colo de Simonetta e ri clinicamente, batendo nos bolsos cheios de moedas; depois, tira fora a estatueta, mostra-a - já que foi descoberto - e volta a escondê-la debaixo do blusão. Sai então para o corredor, rindo entre dentes. Simonetta só pode excluir um "Oh!" entrecortado. Com um grande gesto teatral, feliz, o fascista apuxa os braços como Simonetta, como se tivesse um bebê no colo ... aconchegando a estatueta que leva sob o blusão.

FASCISTA: Oh madonna mia ... fui eu quem a salvei!
Sai apressadamente.

SIMONETTA (apoiada à parede, exausta e aliviada, sem forças para dar um passo): Canalhas!

CAI O PANO

CENA II

Gabinete de trabalho do Padre-Geral de uma Ordem religiosa. Poucos móveis de escritório, comuns. Um crucifixo, e, não muito longe, uma fotografia de Pio XII rezando, de perfil, um pouco maior que o natural. Quatro cadeirões estilo Renascença, cópias, iguais aos usados nos aquartelamentos da Guarda Suíça. Um genefluxório. Um enorme mapa-mundi demarcado por tubos de néon resplandescentes, no qual pontos vermelhos indicam os lugares, não muito numerosos, onde a Ordem tem missões. Tomando a parede maior do cômodo, vê-se imenso armário, maciço, barrôco, com duas portas enormes.

Em primeiro plano, junto ao telefone, um monge de avançada idade lê o brêviário. Pendente da porta, vê-se um chapéu preto de cardeal e a competente tunicela roxa. O relógio, do tipo vulgar de escritório, bate dez horas: é noite. Ouve-se, então, um tropel forte de passos, como se alguém viesse caminhando sobre o leve assoalho de um celeiro vazio. O frade ergue o olhar e depois levanta-se. Agora, estuta-se a sonora e simpática risada de um homem gordo e jovial, - riso abafado, como se saísse do fundo de um tonel. De fato, provém do armário, cuja porta súbitamente se abre de dentro, chiando. Sua Eminência, a quem já conhecemos de sua visita ao palácio Fontana, aparece jovialmente, numa afabilidade de homem do mundo. Com a mão esquerda, ergue ligeiramente a batina: - usa meias roxas e botinas pretas com grande laço; com a direita, apóia-se no frade, que correu a ajudá-lo a descer. Risadas, tossidelas, palavras a meia-voz para dentro - para o Abade, que ainda está bloqueando a falsa porta na parede. Surge depois o A

bade e fecha as portas do armário. É um velho de cabelo branco, o tipo do funcionário burocrático, esguio, frugal, submisso.

CARDEAL (ainda com um pé no armário e jovialidade principesca): Jonas, isso mesmo! Faz lembrar Jonas no ventre da baleia. Obrigado, meu amigo, obrigado. (Sai de todo. O frade sacode-lhe com diligência o pó da batina, indo depois buscar à gaveta da mesa uma escôva, com a qual limpa cuidadosamente o hábito do Abade). Sim, o esconderijo é genial hem? E o senhor discute com os esbirros de Hitler, meu caro Padre-Geral, encostado a êste armário? (Ri de nôvo). Extraordinário, não é mesmo? Mas ... e se uma de suas ovelhas lá de cima (aponta para o teto) sofre um ataque de claustrofobia?... se não puder aguentar mais ficar aí escondido e fugir ...hem? aos gritos e uivos, fugindo pela porta do armário justamente quando Vossa Paternidade estiver tomando Frascati com o chefe da Gestapo, hem? Que acha?...

A idéia, que ao mesmo tempo o diverte e assusta, fá-lo prorromper numa gargalhada interrogativa e ansiosa.

ABADE (sorridente): Não se preocupe Vossa Eminência. Os alemães estão fartos de saber que a casa está repleta de desertores, comunistas, judeus, monarquistas ... que sei eu! Mas êles respeitam a liberdade dos conventos. (Ao frade que o está escovando): Muito obrigado, Irmão, muito obrigado. Alguém telefonou?

FRADE (fazendo uma referência: Ninguém, Reverendíssimo Padre-Geral. (Ajoelhando-se): Eminência!

CARDEAL (com ar distraído): Deus o abençoe, meu amigo ...

ABADE: Traga-nos uma garrafa de vinho ... Tinto, Eni

nência ? Da última colheita ?

CARDEAL: Não, muito obrigado ... Tenho o coche e os cavalos lá embaixo, à minha espera. Não posso demorar, não é. Bem ... um golinho só, do tinto, hem ? (Ao frade): Mas, por favor, meu amigo, da colheita deste ano não, hem ? (Sai o frade, após uma reverência). E o seu reumatismo, meu caro Padre-Geral ?

ABADE: Agradeço-lhe a solicitude, Eminência... Tenho medo que volte com a umidade de novembro, como acontece todos os anos. Nem antes nem depois, infelizmente. Também não seerei poupado este ano.

CARDEAL: Amanhã de manhã vou mandar-lhe a minha pele de gato. Ponha-a logo, não espere que a dor o aflija.

O Cardeal sentou-se à mesa. O Abade puxa uma cadeira para si mesmo.

Em silêncio, o frade traz dois copos e uma garrafa vestida de palha trançada. Volta a sair em silêncio.

ABADE (servindo): Obrigado, irmão ...

CARDEAL: Bem, Sr. Padre-Geral, aos seus protegidos!

ABADE: Agradeço-lhe respeitôsamente, Eminência. Deus os proteja. Com a sua visita e as suas palavras cordiais, Vossa Eminência trouxe alegria e conforto aos nossos refugiados. Rogo a Vossa Eminência que os venha ver sempre que lhe seja possível.

CARDEAL (comívido): Claro, não é verdade ? Oh, o vinho veio a calhar ... porque o pó, lá no celeiro, é demais. Entre os judeus que estão aí (aponta para o teto), muitos vão se converter à Fé Católica, não, meu caro Padre-Geral ?

ABADE: Seria maravilhoso, Eminência.

Soa o telefone. O Cardeal levanta o fone e passa-o

ao Padre-Geral. Levanta-se, então, põe o chapéu e a tunicela, enquanto:

ABADE (falando ao telefone): Sim, é êle mesmo. Como? Ah!... um momento. Eminência, o Padre Riccardo pede que o recebam imediatamente, com um oficial das S.S. Posso ...

CARDEAL (curioso e irritado): Riccardo Fontana? Claro, claro ... por favor, não é? Mas não o deixe ser importuno, hem?

ABADE (ao telefone): Suba com êle, Irmão. (Põe o fone no gancho e diz ao Cardeal, que passeia de um lado para outro, sem se decidir a partir): O Padre Riccardo, Eminência, já me importunou várias vezes para pedir a Sua Santidade ...

CARDEAL (ofendido e indignado): Sim, já sei ... Esse é o tema perpétuo de Riccardo. Que é que o fez voltar a Roma tão depressa? O posto dêle é em Lisboa. Devia estar lá.

Batem à porta. O Cardeal colocou-se de tal forma que os que entrem não o vejam imediatamente. O Abade abre a porta. Riccardo e Gerstein entram com o velho frade, que logo se retira. Riccardo quase pula os dois degraus que descem para o gabinete. Gerstein fica à porta. Antes de apresentar Gerstein, Riccardo grita:

RICCARDO: Afinal, deixamos as coisas chegar até êste ponto: esta noite começaram a caçar judeus também em Roma!... ó infame!

Vê então o Cardeal, hesita, dirige-se para êle e curva-se para lhe beijar o anel.

ABADE: Que diz, Sr. Padre? É espantoso!

CARDEAL: Oh, Riccardo. Foi o Núncio quem o mandou vir de Lisboa? E que é ...

O Cardeal dirige-se a Gerstein, qua lhe faz profunda

reverência. Gerstein está muito embaraçado e ainda mais desconfiado.

RICCARDO (com vivacidade): Este homem, Eminência, é nossa pessoa de confiança nas S.S.

CARDEAL (apertando com certa cordialidade a mão de Gerstein): Oh, sim... claro. Deus lhe pagará o auxílio que prestou às vítimas. Mas, Riccardo — que é que você acaba de dizer? Em Roma também, hem?... (Irritado, desconcertado, furioso): Nunca pensamos que êsses bandidos... hem, meu caro Abade... realmente acreditávamos que os judeus de Roma jamais seriam presos!

A excitação leva as quatro pessoas a falarem ao mesmo tempo. O Padre-Geral cumprimenta Gerstein, o Cardeal fala com Riccardo, e os outros. O Abade procura acalmar Gerstein, que diz:

GERSTEIN (nervoso): Possó pedir-lhe, Monsenhor, que, além de mim, não seja permitida a entrada de nenhum alemão neste gabinete?

ABADE: Não se preocupe. Se o senhor entrou aqui sem ser seguido, ninguém o verá. Nenhum de seus colegas me visita a esta hora da noite.

GERSTEIN: Colegas... Monsenhor, eu só uso o mesmo uniforme.

ABADE (muito compreensivo): Eu sei, já ouvi falar do senhor — embora, fique tranqüilo, continue a desconhecer o seu nome...

Ambos escutam o Cardeal falar com Ricardo.

RICCARDO (começa enquanto o Abade fala com Gerstein): Eminência, chegamos a isto: cidadãos romanos postos fora da lei! Civis caçados debaixo das janelas de Sua Santidade! Va-

mos continuar de braços cruzados, Eminência?

CARDEAL (consciente da responsabilidade, e portanto muito irritado): Nós já atuamos, Riccardo (com ênfase): inclusive damos asilo a judeus que não estão batizados! Padre-Geral, queira mostrar o seu celeiro a Riccardo, por favor. (Com ar ameaçador, a Gerstein): Vós, os alemães! Vós os alemães, gente terrível! Aqui, debaixo da própria janela dêle... vós arrebanhais mulheres e crianças que, todo o mundo sabe — não é verdade? — jamais regressarão! Vós estais-nos forçando, e agora forçais o Papa, não é mesmo?... a reconhecer oficialmente essas atrocidades, sim senhor.

RICCARDO: Louvado seja Deus! Finalmente, agora...

CARDEAL (corre para Riccardo, que o encara com uma expressão provocante, irônica): Não lhe admito isso, Conde Fontana!

ABADE (a Riccardo): Vou conduzi-lo lá acima, para ver os meus protegidos. Verá que estamos realmente ajudando...

RICCARDO: Mas eu já sei disso, Padre-Geral.

CARDEAL (frio, imperativo): Embora: suba com o Padre-Geral.

Enquanto Riccardo é introduzido no armário pelo Abade, o Cardeal volta-se para Gerstein. As portas do armário continuam de par em par, até que o Cardeal as encosta.

GERSTEIN: Eminência, talvez Hitler retrocedesse se Sua Santidade o ameaçasse com a revogação da Concordata, escrevendo-lhe sigilosamente.

CARDEAL (evasivo e reservado): É possível, sim senhor... é muito possível. Hoje mesmo à tarde falarei com o Chefe. Diga-me, cavalheiro... como puderam os alemães esquecer a missão que Deus lhes confiou no centro do Ocidente...

GERSTEIN (tranquilamente): Eminência, isso não pode ser. Deus não seria Deus se Ele se servisse de alguém como Hitler...

CARDEAL: Ora, ora, decerto que sim... meu caro amigo! Que sabemos nós dos insondáveis desígnios do Senhor? (Entusiástico): Mas uma coisa sabemos, não é mesmo? Que o Ocidente, a civilização cristã Deus não deseja destruir!

GERSTEIN (repugnado): E por quê não, Eminência? Se Deus não deseja destruir-nos, por quê nos cegou até este ponto? A Igreja, Eminência — posso ser franco?

CARDEAL: Naturalmente que sim, ora essa, fale sem reservas.

GERSTEIN: Faz dezesseis meses que Roma sabe o que Hitler tem feito na Polônia; por quê o Papa não diz uma palavra, não diz que lá onde se erguem os campanários das suas igrejas, também se levantam as chaminés fumegantes de Hitler? Na terra onde os sinos dobram aos domingos, os fornos queimam nos dias da semana: é assim o Ocidente Cristão dos nossos tempos.

Riccardo e o Padre-Geral voltam, através do armário. O Padre-Geral fecha as portas.

CARDEAL: Riccardo, compreendo a dor do seu coração. Mas você já viu que a Santa Sé também está fazendo a sua parte, não é verdade?

RICCARDO: Eminência, trata-se de privilegiados, pouquíssimos entre milhões que não podem abrigar-se atrás das portas dos conventos.

CARDEAL: (esforçando-se por reprimir a irritação que volta a dominá-lo): Riccardo — com essas detenções de hoje, em Roma, tudo se altera, claro, hem? Não seria melhor, para sua

segurança (põe a mão no ombro de Gerstein), que o senhor ficasse nesta Casa?... Não é verdade, meu caro Padre-Geral?

ABADE: Eu garanto a sua segurança, a menos que o convento seja bombardeado...

GERSTEIN: Eminência, Monsenhor, estou comovido. Mas a minha família vive na Alemanha e não posso abandoná-la.

CARDEAL: Deus o proteja e à sua Família! Meus senhores, agradeço a vossa amabilidade. Oremos pelos perseguidos, não é mesmo?... Meu caro Padre-Geral, acharei o caminho de volta com a ajuda do Irmão Irenaeus. Por favor, fique com os seus dois hóspedes... sim senhor. Até à vista!

O Abade toca uma sineta para chamar o frade, que aparece de imediato.

ABADE, RICCARDO, GERSTEIN (simultaneamente): Eminência...

O Abade acompanha o Cardeal até a porta, do outro lado da qual o espera o frade. O Cardeal vai com êle. O Abade volta e diz a Riccardo, que está encostado à parede, desesperado.

ABADE: Concordo com o senhor. Hitler vai aprender agora quanto custa desafiar o Santo Padre.

Riccardo continua em silêncio.

GERSTEIN: Monsenhor, tem a certeza de que êle intervirá agora?

ABADE: Absoluta. O senhor também não está convencido, Riccardo?

RICCARDO: Não tenho tanta certeza assim. Se o Papa reagir como de costume — isto é, nada — (com paixão) que faremos, Sr. Padre-Geral ?

ABADE (sêco): Temos de obedecer, como sabe!

RICCARDO (obstinado): Isso seria fácil demais! Olhe para este homem: é um oficial. Se ele não desobedecesse, não quebrasse o seu juramento, seria um assassino. E nós? (Persuasivo, procurando obter a simpatia do Padre-Geral): O senhor já salvou a vida de centenas de pessoas, Padre-Geral...

ABADE: Foi o Papa quem me deu a possibilidade de fazê-lo, não esqueça, Riccardo!

RICCARDO: Não o esqueço, mas pense nisto: essa obra de bom samaritano, que o Papa até agora realizou sem nenhum outro sacrifício a não ser financeiro, não apresenta a menor sombra de risco... e, como o conheço, sei que o senhor será incapaz de contemplar passivamente as vítimas sendo deportadas daqui, amanhã, em vagões de gado!

ABADE: Meus Deus... um sacerdote não pode matar!

RICCARDO (suave, como falando consigo mesmo): Não...; mas pode ir com elas. Pode acompanhá-las.

GERSTEIN (que não imagina há quanto tempo a idéia obsessiva Riccardo): Isso seria totalmente absurdo!

ABADE: E não salvaria nem sequer um judeu.

RICCARDO (mais para si mesmo): É... não salvaria nenhum judeu. Mas salvaria a autoridade que nos é própria.

GERSTEIN (em tom seguro): Os S.S. jamais permitiriam que um sacerdote italiano acompanhasse os deportados.

RICCARDO: E se o sacerdote for ele mesmo judeu, como os irmãos dos conventos da Holanda que foram deportados para o Leste? (A Gerstein): Ainda tenho a estrela de David do meu inquilino. Basta que me vejam com ela e serei imediatamente detido.

GERSTEIN (estupefato): Riccardo... o senhor não seria tratado como sacerdote, iria para a câmara de gás como ju

deu!

ABADE (angustiado e ao mesmo tempo irritado): Queime a estrêla e o passaporte... Pode acontecer-lhe alguma desgraça!

RICCARDO (mudando de assunto): Como explica, Senhor Gerstein, o fato de não termos sabido mais nada de seu amigo Jacobson?

GERSTEIN: A morte dos pais voltou-o contra nós.

RICCARDO: Mas não contra mim, creio!

GERSTEIN (encolhendo os ombros): Talvez o tenham agarrado, e matado no ato.

RICCARDO (volta a ver as horas no seu relógio): Sr. Padre-Geral, diga-me, por favor: que faremos nós se o Papa não protestar? (Pausa. Um gesto desesperado do Abade. Silêncio, enquanto Gerstein observa o mapa com a indicação das missões. Quase sarcástico): Nada? Absolutamente nada?

ABADE: (hesitante, sentindo que tem que dizer alguma coisa): Em casos isolados... ajudar, ajudar como até agora...

RICCARDO: E presenciar? -- Não! Reverendíssimo Padre, isso... essa não pode ser a sua última palavra!

ABADE (esmagado, desesperado): Meu Deus do Céu! Que poderemos nós fazer, então?

Silêncio. Depois:

RICCARDO: Ser indiferente é tão mau como participar. Não sei, talvez seja ainda menos perdoável (Num grito). Mas nós somos Padres! Deus poderia perdoá-lo a um carrasco, mas a um padre, ao Papa!... (Silêncio. Depois, prossegue em tom calmo, objetivo, calculador): Por favor, Sr. Padre-Geral, conte-me uma coisa: se Deus prometeu a Abraão que Sodoma não seria destruída se houvesse ao menos dez homens justos na cidade --

acredita, Reverendíssimo Padre, que o Senhor poupará a Sua Igreja se somente alguns de seus servidores ficaram ao lado dos perseguidos?

ABADE (hostil, mas compreensivo): Muitos de nós ajudamos na medida das nossas forças. Mas não vejo que essa pergunta...

RICCARDO: O senhor vê tão bem como eu, Padre-Geral, tem de ver. O silêncio com que o Papa tem favorecido os assassinos lança sobre a Igreja uma culpa que temos de expiar. E como o Papa, embora também seja somente um homem, pode, representar Deus sobre a terra, então... (Gerstein compreende e tenta interromper, mas Riccardo não se deixa desviar) então... um simples Padre, caso necessário, pode e deve representar o Papa onde êle devia estar hoje.

ABADE (mais chocado que indignado): Riccardo, guardarei a sua... acusação, que é monstruosa, como um segredo de confissão. (A Gerstein, que está fazendo um gesto de concordância): Cavalheiro, rogo-lhe que faça o mesmo... Mas temo por si, Riccardo.

RICCARDO (espantado): Ah, Sr. Padre-Geral... O retrato do Cardeal Pacelli já estava pendurado à cabeceira da minha cama quando eu tinha doze anos. Foi por causa dêle que me fiz sacerdote, muito embora minha... minha mãe me implorasse para não seguir o sacerdócio. Rezarei o resto da noite por que tenha julgado mal o Papa; rezarei por que amanhã êle tenha liberdade as famílias dos perseguidos. Rezarei por essa intenção... eu receio... (muito docemente, quase inaudível), tenho tanto medo do campo...

O Abade dirige-se para êle, paternalmente, quando Gerstein pára no meio dos dois, decidido.

ABADE (não se pode saber se crê no que diz): Amanhã de manhã, Conde, o senhor verá que nem tudo foi em vão. O Papa intervirá.

Silêncio. Os três andam de um lado para outro. Gerstein olha longamente para Riccardo e depois diz, em tom duvidoso, mas astuto:

GERSTEIN: Vejo uma última possibilidade... mas não, não devo falar.

RICCARDO: Fale, por favor!

GERSTEIN: Meus senhores, quem sou eu para incitar dois sacerdotes à desobediência?... Não, não posso...

ABADE: Que quer o senhor dizer com isso?

GERSTEIN: Monsenhor, se, juntamente com o Padre Riccardo, o senhor se apoderasse da Rádio Vaticano por meia hora...

ABADE (desconfiado): Que significa "apoderar-se"? Eu entro e saio da Rádio quando quero.

GERSTEIN (de pronto, mas vê-se que a idéia não lhe ocorreu de súbito): Então, Monsenhor, ordene a todos os sacerdotes da Europa que incitem as suas paróquias, de Narvik à Sicília, a salvar os judeus...

ABADE (furioso): O senhor sugere que um padre teria a presunção de falar em nome de Sua Santidade?

RICCARDO: Sim, se o Papa se esquece de falar em nome de Cristo!

ABADE: Mas isso é execrando, meus senhores! Um simples padre ordenar aos seus irmãos da Europa, como Supremo Pontífice, que se entreguem ao martírio?

ABADE: Mas senhores, a idéia de que o Santo Padre em pessoa tivesse exortado as paróquias a resistir não sobrevive

ria um dia, um único dia: o próprio Papa se encarregaria de dar à publicidade um desmentido. (A Gerstein, mais irritado, ainda excitado): Procure ser realista: se uma tropa-de-choque tomasse hoje a Rádio Berlin, e proclamasse à Inglaterra e aos Estados Unidos, em nome de Hitler, que estavam prontos a fazer a paz — por quanto tempo deixaria Hitler durar a brincadeira? Meia hora? Uma hora inteira?

GERSTEIN: Monsenhor: eu penso no Papa, o senhor fala de Hitler — não existe o menor paralelo!

ABADE (ofendido, irritado): Evidentemente que não! Mas ambos desmentiriam de imediato, claro...

GERSTEIN: Ah, sim! Não, nesse caso, seria preciso impedir que Hitler fizesse o desmentido. Primeiro, eliminá-lo — depois, irradiar a notícia de que as S.S. tinham assassinado o Fuhrer, para que a fúria do povo...

ABADE (em tom clerical, desgostoso; é incapaz de mentir; decidido): Isso é um plano diabólico; mas nós, os sacerdotes, cavalheiro, não temos nenhum meio de impedir que o Papa fizesse um desmentido. Um padre não "impede" o Papa de fazer seja o que fôr. Absurdo!

GERSTEIN (em tom de estudada inocência): Claro que não, Monsenhor, embora qualquer "impedimento" sofrido pelo Papa fôsse automaticamente atribuído às S.A., ao menos enquanto estejam levando vítimas de Roma para Auschwitz...

ABADE (levantando-se e encerrando o assunto de vez): Por favor, meus senhores, terminemos esta conversa de uma vez. Os senhores não podem discutir atos de violência contra Sua Santidade nesta casa, e com sacerdotes. Seria monstruoso.

GERSTEIN (aparentemente ofendido): Monsenhor, que está querendo imputar-me?

ABADE: Não quero imputar-lhe nada. Não me atrevo a pensar o que queria sugerir com a expressão "fôsse automaticamente atribuído às S.S."

GERSTEIN (precipitadamente): Mas eu jamais pensei em sugerir o uso da força contra a pessoa de Sua Santidade, Monsenhor...

ABADE (irônico): Ah não, hem? Ah! Ah!

GERSTEIN (outra vez no pleno domínio de si mesmo): Mas o desmentido pelo rádio poderia ser impedido por um sacerdote, por exemplo, prejudicando o transmissor...

RICCARDO (fascinado pelo plano de Gerstein, como se despertasse): Sr. Padre-Geral, num momento como o que vivemos, isso poderia significar a liberdade para milhares de pessoas, para centenas de milhares... a libertação final.

ABADE (friamente): Sôzinho o senhor não conseguiria chegar até ao microfone, Padre Riccardo... é o que me tranquiliza. O senhor está muito fatigado e nervoso; por favor, gostaria de conversar mais um pouco com o senhor, a sôse

GERSTEIN: Monsenhor, quero agradecer-lhe e despedir-me...

ABADE (mais moderado): Seja mais prudente... Deus o acompanhe.

GERSTEIN: Monsenhor, agradeço-lhe de todo o coração. Conde, até à vista. Boa noite.

RICCARDO: Venha a minha casa amanhã cedo, antes de meu Pai ir visitar o Papa às nove da manhã.

O frade espera Gerstein.

ABADE (depois de olhar para Riccardo algum tempo sem falar): Estava francamente assustado, Riccardo, ante a idéia de o deixar sair lá para fora, de noite, com êsse homem sinis

- 89 -

tro. Que olhos os dêle! Ele está hipnotizando o senhor... Ég se homem foi assinalado, êle traz a marca de Caim! Como se chama?

RICCARDO: Deixemos o nome dêle de lado, Sr. Padre-Geral.

ABADE (sem mostrar-se ofendido): Tem muita razão, desculpe. Diga-me, o senhor não pensava em sair com êle, não é verdade?

RICCARDO: Não, porque ainda queria pedir-lhe um favor. E porque depois preciso confessar-me.

ABADE: Primeiro sou eu que lhe quero pedir um favor. Estou alarmado vendo o senhor escorregar nas mãos dêste estranho embaixador, Conde. Suplico-lhe que seja prudente com êle!

RICCARDO: Não há motivo para preocupações.

ABADE: Riccardo, eu acreditaria êsse homem capaz de ... (Muito agitado): por quê, vejamos... por que é que êle alimentou duas vêzes a idéia — coisa inteiramente gratuita e desnecessária — daquela traição satânica de matar Hitler e imputar a culpa aos S.S.?

RICCARDO: O que é uma ação perfeitamente moral.

ABADE (indignado, violento): E que leva à guerra civil! "Moral"! Nem eu nem êle pensamos assim, meu caro! Essa criatura sinistra não achou necessário dar a impressão de que era "moral". (Sua aversão aumenta conforme leva o pensamento a uma conclusão). Riccardo, êsse homem seria capaz de condená-lo ao Inferno sugerindo-lhe, pela fôrça dos olhos mais do que pelas palavras, que... que... não posso dizê-lo... é tão execrável... tão...

RICCARDO (ainda inibido de dizer a verdade): Ele nada me sugere, Padre-Geral.

ABADE: Sugere, sugere! Sugeriu que o mundo inteiro só se levantaria em bloco contra Hitler, se a sua guarda pessoal, os S.S., fôsse acusada de... do assassínio (com voz quase inaudível), da morte do Vigário de Cristo na terra!

RICCARDO (dá um gemido, e em sua extrema agitação pronuncia o nome de Gerstein, o que o Abade não nota): Vossa Paternidade sabe ler os pensamentos... mas isso não é o que Gerstein pensa...

ABADE (horrorizado, não consegue articular a voz, ga queja e volta bruscamente as costas): Riccardo — o que... não tenho mais nada a dizer-lhe. Saia. (Silêncio. Depois, francamente persuasivo): O senhor não sabe, não faz idéia do que está dizendo... Venha à capela, o senhor queria confessar-se, agora tem de fazê-lo.

Com as mãos trêmulas, acende um candelabro de três velas, apaga a lâmpada que há sobre a mesa e, segurando o candelabro, caminha para a porta. Nota então que Riccardo não o segue. O gabinete está agora iluminado apenas pelas velas.

ABADE: Por quê não me acompanha, Riccardo?

RICCARDO: Não... não posso confessar-me agora. O senhor ver-se-ia obrigado a recusar-me a absolvição, pois não estou arrependido. Por quê o Papannão impede os carrascos de Auschwitz de arrebanhar as suas vítimas, aqui... debaixo das próprias janelas dêle? (Há um toque de loucura em seus olhos) Como saberemos se Deus não porá um assassino no caminho do Papa, para salvá-lo da condenação definitiva?

ABADE (não compreendendo nada, incapaz de reagir): Riccardo... o seu pecado é infinito.

RICCARDO (como um iluminado): Nenhum soldado tem o direito de recusar-se à batalha — tê-lo-á um sacerdote? Po-

deria Judas negar-se? (Com terror das consequências para si mesmo): Ele sabia que estava condenado para toda a Eternidade... seu sacrifício era maior que o do Senhor.

ABADE (destrutivo): Riccardo! Judas não merecia ser comparado consigo, pois o seu desejo é fazer as coisas e lançar a culpa aos outros.

RICCARDO (com paixão selvagem): Eu não! Todos os homens, a terra inteira acusaria Hitler e os S.S. E assim deve ser, assim há de ser... Por isso terei a minha expiação, sobre a terra e diante de Deus.

ABADE: O senhor tropeça, mas Deus ainda o tem em Sua mão — de outro modo, por quê me teria confiado tudo isto?

RICCARDO (objetivo, mas ainda fanático; o Abade escuta apenas, incapaz que é de falar): Porque não posso fazê-lo só! Porque preciso de vós. Tendes de ir ao rádio e dizer que os S.S. cometeram o crime porque o Papa queria salvar os judeus. Uma vez que isso seja difundido, seja conhecido da Islândia à Austrália, pelo resto de seus dias Hitler se converterá, perante a Humanidade, no inimigo da Criação, na sua excreção mais infame! Ninguém poderia divulgar um desmentido digno de fé, antes que os crematórios de Auschwitz tivessem sido extintos... (Prostra-se de joelhos aos pés do Padre-General): Ajudai-me, Reverendíssimo Padre, vós tendes de ajudar-me!

ABADE (transido de horror): Deixe-me! Saia! Excremento da criação, foi o que disse? Eis o que o senhor é! Arrependa-se... vá-se... saia da minha vista, ou venha confessar-se.

RICCARDO (gritando): Eu nada posso fazer sem vós! (Levanta-se e tenta um último esforço): Se não me ajudais, Padre

-Geral... então também terei de orar por vós...

ABADE: Saia. Saia imediatamente, se persiste nessa loucura assassina. Saia... vá-se. (Volta de nôvo as costas a Riccardo; com voz enrouquecida): Saia... feral... assassino!

Riccardo sai, e a porta fica aberta. As velas tremulam violentamente, até que a corrente de ar as extingue. O Padre-Geral prostra-se de joelhos sôbre o genuflexório.

CAI O PANO

CENA III

Ao alvorecer do dia 17 de outubro.

A cena mostra o Quartel-General da Gestapo, na antiga Divisão Cultural da Embaixada da Alemanha em Roma, na Vila Tasso. O vestíbulo de entrada está transformado em vasto escritório, que por um lado comunica com as adegas — convertidas em celas — e por outro se abre sobre um pátio sombrio, cuja porta é invisível ao espectador. Ouve-se o ruído de pesade de caminhão penetrando no pátio. Descarrega-se gente, que é levada para as celas colocadas sob o cenário. Destacam-se ordens gritadas, como:

— 'runter!

— raus da!

— Los, los! Súbito!

Uivam latidos de cães. Soa uma ordem:

— Fora daí! Fecha a matraca!

Witzel vai contando tranquilamente:

— 48, 49, 50, 51, 52... — ah, com aquêles lá, e os dois ranhosos, completa sessenta. Leva êstes para junto dos outros.

Antes que o Sargento se faça visível nas escadas que ligam o pátio à casa, vê-se no primeiro plano cênico um oficial das Waffen-S.S., que se levanta de uma poltrona onde estava dormindo, com as botas descalças ao lado e os pés noutra poltrona, cobertos por uma capa leve: é Salzer. Abre a bôca num bocejo canino, total; estica o pescoço e logo se espreguiça deliciado, passando as mãos pelo cabelo e pelas faces. Depois, pega numa garrafa de água mineral e bebe, e, só com as

meias calçadas, vai até a porta de vidro e observa o pátio, até que Witzel chega e faz o seu relatório.

SALZER é um oficial como muitos outros: alto, espaúdo e insignificante, resplendente de saúde. Está com cerca de trinta e cinco anos, e é mais devotado ao Fuhrer Adolf Hitler que a maioria, pois justamente a essa devoção deve êle agradecer o andar caçando civis indefesos nos territórios ocupados, em vez de arriscar a vida na Frente Russa, como a grande maioria dos da sua idade.

Assim como um autêntico Abade dos Salvatorianos tem muito pouco em comum com o Geral da Ordem descrito nesta obra, assim o oficial aqui representado tem apenas ligeiras semelhanças com o verdadeiro Obersturmführer Kappler, que pertencia ao número daqueles oficiais das S.S. cujas ações não foram anônimas e portanto, em 1945, tiveram a pouca sorte de ser acusados de fatos precisos. Por suas atividades como Chefe da Polícia Alemã em Roma, nos anos de 1943 e 1944, Kappler recebeu uma sentença provisória de prisão perpétua: dentro de sua autoridade absoluta, tinha mandado executar 335 reféns — em vez dos 330 que Berlim lhe ordenara. Gostaríamos, contudo, de atribuir a nosso Chefe de Polícia uma qualidade notável que o Cônsul Moelhausen atribuía a Kappler. Qualidade que ajuda a compreender melhor o curso dos acontecimentos históricos, e é, além disso, típica de muita gente que nos dias de hoje tem de exercer funções análogas, mais tarde ou mais cedo: êsse oficial, inteligente e sem dúvida obediente, nem sequer mantinha relações negativas com as suas vítimas. Se recebesse ordem, teria prendido com o mesmo zelo as prostitutas ou as freiras de Roma. Não era nenhum fanático racial e trabalhava com a impassibilidade de uma guilhotina.

Não obstante, que nas celas da sua prisão reinasse o terror é um fato comprovado.

WITZEL (aparece no topo das escadas, entra no salão perfila-se e comunica): Comandante! - resultado da operação, 1.127 detenções.

SALZER (começando a calçar as botas): Obrigado. Pouco, mas bom. Dantes havia oito mil judeus em Roma. Passaram sêbo nas canelas para o Sul, para os americanos. Ora, êles que lhes dêem de comer. Fui o primeiro a dizer que não valia a pena.

WITZEL: É que há centenas dêles escondidos nos conventos. Pegamos trinta que estavam procurando escafeder-se para lá. Os nossos italianos do Batalhão Motorizado deveriam ir inspecionar êsses conventos, onde se tem a certeza de que, em cada cem frades, vinte são falsos: comunistas, judeus, traidores de Badoglio ...

SALZER (com impaciência crescente: dogmático descabe lado, quanto menos seguro está da sua razão, mais autoritário se torna para os subordinados): Você está louco, Witzel. Completamente louco. Por quê não liquidar também o Papa! Diabo! Será que você ainda não entendeu (gritando) que não estamos na Ucrânia? (Ameaçador): Witzel, torne-o responsável ... você parte no próximo trem para a Frente Leste se não obrigar êsses fascistas idiotas a comportar-se. Êsses papa-macarrão, sempre valentes como o diabo quando se trata de prender civis... seriam realmente bem capazes de fazer uma raziã num convento, e ainda mais se fôsse de freiras ... essa canalha lúbrica! (Leva a mão à frente): Você está completamente louco! (Em tom firme): Nenhuma provocação aos católicos, entendeu?

WITZEL: Sim, senhor, mas nós precisamos ...

SALZER (gritando): Entendeu ... ou não ?

WITZEL (temeroso): Sim senhor, Comandante.

SALZER (muito calmo): Bom. - Que mais queria dizer ?

WITZEL (confuso): Que nos limitamos estritamente à lista em nosso poder, a lista de Mussolini. Claro, muitas crianças não constavam dela. Além disso, em geral, se alguém ... por exemplo ... estivesse de visita em casa de algum judeu, claro ... não constava da lista. Mas eles são todos judeus.. garantido! Alguns ficavam um pouco atrevidos e ameaçavam a gente com a Igreja, jurando que eram católicos ... alguns... de nascença e, sobretudo, quer dizer ...

SALZER (tinha vestido a capa e pára de abotoá-la, extremamente agitado): Que é que você está para aí gaguejando.. seu idiota! Se você me tivesse contado ontem à noite, ainda poderia pôr fim a tôda essa estúpida operação. Prender católicos em Roma ... Diabo, eu ... (desnortado, falando mais baixo) ... talvez de fato alguns não sejam judeus!

WITZEL (cauteloso): Mas, Comandante, nem mesmo o senhor seria capaz de descobrir isso. Quem vai saber quando eles mentem ?

SALZER: Bom, não interessa: suma daqui e traga-me, dentro de cinco minutos, tôda a corja da Cela Um que diga ser católico entendeu ?

WITZEL: Sim senhor, Comandante.

SALZER: E outra coisa, hoje, essa cambada recebe ração dupla ... Quando os tivermos do outro lado do Brenner, pouparemos as rações. E nada de pancada, e bastante ar fresco no porão, entendido ?

WITZEL: Sim senhor, Comandante.

Sai apressado. Salzer abre a porta de vidro que dá pa

ra o pátio, que pouco a pouco se vai iluminando. Leva os dedos à boca e solta forte assobio, fazendo sinais aos dois milicianos, que prenderam os Luccani junto com Witzel, para que se aproximem. Aproximam-se os dois. O "correto", depressa e fazendo uma continência rígida; o malandro, todo relaxado, sobe vagarosamente os degraus e assim entra no gabinete, rindo sorvendo ruidosamente uma enorme fatia de melão, que passa de um lado para outro da cara - bela e suja - como o crescente da lua nova. Ao chegar, com ar divertido, bate fortemente os calcanhares - para caçoar da "disciplina" alemã.

SALZER (indiferente): ... dia. à vontade. De que é que você está rindo ?

MALANDRO (em tom comovido de queixa): Não é brincadeira, Comandante, o serviço é duro p'ra burro. Não se dorme, não se come nem há dinheiro. O serviço de noite dá cabo de mim.

SALZER (divertido): Você é impossível ... (Ao "correto"): Que é que ele tem - a amiguinha passou a noite toda à espera dele ?

CORRETO (ofendido por Salzer dar tanta atenção ao outro): Não conheço a garôta dele. Mas a minha esperou toda a noite. Solicito uma licença, Comandante.

MALANDRO: Que belas garôtas judias, Comandante!

SALZER: Podem retirar-se, agora. E você não lhes toca nem com o dedo. Outra coisa: vocês são bons católicos, não são ?

CORRETO: Não, eu não sou mais católico.

MALANDRO (simplório): Bem ... não sou; sou dos normais.

SALZER: Não importa. Vocês vão observar êsses tra-

paceiros que afirmam ser católicos. Veremos se conhecemos as velhas tradições da vossa Igreja. Concordam ?

CORRETO (rindo com malevolência): Têm que saber rezar. Eles rezam ?

MALANDRO (contente): Cantar! Cantar é mais divertido! Ou então, vamos batizá-los no Tibre.

SALZER (sério): Nenhum pode ser torturado, entendido ? Nada de pancada, está bem claro ?

CORRETO: E se eles não quiserem rezar ?

SALZER: Se souberem rezar, rezarão. Vá buscar o meu café e pão, sim ?

CORRETO: Sim senhor, Comandante.

Sai o miliciano "correto".

MALANDRO: Nós não vamos revistar as pessoas, Comandante ? Há cada garotinha mais gostosa entre os judeus ...

SALZER: Livre-se de pôr as mãos nelas!

MALANDRO: (Agora sinceramente triste, fazendo, com a mão, um gesto de quem vai cortar a gorja): E essas mocinhas judias, Comandante, também vão ser mandadas para a Polônia ?

SALZER (acabando de se vestir e penteando o cabelo): Ninguém aí dêse grupo vai para a Polônia; vão trabalhar na fábrica ... em Mauthausen, onde temos um balneário. Ah, ah... lá vem Witzel com os devotos.

Witzel atravessa a porta que leva ao subterrâneo, acompanhado de Carlotta, moça de uns vinte anos, de um homem de quarenta anos e do velho Luccani. Nenhum deles usa a Estrêla de Davi. Os três têm ar exausto; os homens não trazem cordões nos sapatos, cinto ou gravata, e estão barbudos. A moça, ainda belíssima, está pálida e desarrumada.

WITZEL (gritando para os judeus): De cara para a pa-

rede! Meia volta! Estes são os três da Cela Um, Comandante. Continuam a afirmar que são católicos, mas os papéis deles não provam isso. Esse aí, o comprido, não sei não, só diz que é fabricante de equipamento militar.

SALZER (calmamente, no primeiro plano): Muito bem... Que bela coleção que você arranjou ... Belas, Witzel, é inconcebível! Vou mandá-lo para a Frente Leste, seu idiota! (Mais alto, fora de si): Não quero vê-los antes do café!

O miliciano malandro espia a jovem e, com toda a calma, aproxima-se dela. Separa-a dos homens, fala-lhe impetuosamente, tenta colocar-lhe um cigarro nos lábios etc.

WITZEL (apontando timidamente para o homem de quarenta anos de quem acabara de falar, e que, dada a situação, ainda está excepcionalmente bem vestido): Este aqui ... afirma que ...

SALZER: Não quero saber o que ele afirma. Com trinta mil diabos, tudo o que eu quero é tomar o café. (Mais calmo): Não agarraram um alfaiate, um bom cortador de uniformes?

WITZEL: Não, Comandante, não pegamos nenhum alfaiate. Mas catamos um sapateiro de uma loja de calçados, e um barbeiro ...

SALZER: Ora, um barbeiro! ... Mas, agora me lembro de que ainda não fiz a barba. Essa canalha imunda não me deixa dormir de noite; assim vou abaixo das pernas. Depois do café mande o alemão "recuperado" vir fazer a minha barba, entendeu?

WITZEL: Sim, senhor Comandante... Mas aí vem o café.

Corre a estender uma toalha na mesa. O italiano correto traz, numa bandeja enorme, café e torradas. Witzel coloca tudo sobre a mesa. Salzer belisca uma torrada, sem sentar

-se. Sua atenção está voltada para o italiano malandro, que, no fundo da cena, tenta beijar a môça. Agarrou-a pela cintura e por um ombro. Ela defende-se com expressão de asco, até que, conseguindo desvencilhar-se, assenta-lhe tal bofetada que o gorro do malandro voa pelo ar. Salzer, que ia intervir, solta uma gargalhada e ri até as lágrimas lhe virem aos olhos. Até o italiano correto se diverte, mas Witzel, com a mania de disciplina própria dos fracos de espírito e o senso de honra nacional-socialista, agarra o malandro pelo pescoço.

WITZEL: Arre, seu porco! Você não tem vergonha? Foi ra daqui! Bolinando judias, hem? (Empurra-o para o pátio, ajudando com um pontapé. Custa-lhe recobrar a calma. Seu sentido da ordem está tão arraigado que recolhe do chão o gorro do malandro e chega a limpá-lo com as mãos. Depois, abre a porta e atira-o atrás do miliciano, gritando): Vergonha não se compra com dez liras! Seu animal ... Dei-lhe um sabão ...

SALZER (sempre rindo): Os italianos não compreendem, Witzel ... São tão parecidos com os judeus! (Com a chícara e uma torrada nas mãos, aproxima-se da môça, impressionado): Cos diabos! Você é sempre assim tão arredia quando um homem se aproxima? (A môça não responde). Não tem jeito de o ser, para dizer a verdade. Na certa que você deve ter um amigo! Estará êle também lá embaixo, no subterrâneo?

CARLOTTA (friamente): Meu noivo morreu em combate na África.

SALZER (falando depressa para ocultar a perturbação): Como? Quando foi? Como morreu? Do lado dos ingleses? Ou quê ...

CARLOTTA: Do lado dos alemães, é claro. Era daqui, romano.

SALZER (esforçando-se para mudar de assunto): Desde quando uma judia pode casar com um italiano ?

CARLOTTA: Porque eu me converti à religião católica.

SALZER: Ah, sim. De qualquer forma, lamento têmos de enviá-la para uma fábrica de armamentos na Áustria. Como você não chegou a casar com esse ariano, segundo a lei continua a ser completamente judia. Sua religião não importa para nada. Nós, os alemães, somos tolerantes... cada qual pode rezar a quem lhe apetecer.

CARLOTTA (anustada): Mas eu já estaria casada há muito tempo - e, portanto, de acordo com a lei, seria meia-ariana - se meu noivo não tivesse caído em combate... pela Alemanha. Por favor, deixe-me ir embora. Já estou inscrita para entrar como noviça num convento, no dia primeiro de novembro.

SALZER (embaraçado, muito sério): Seu caso é complicado. Não posso dar uma decisão imediata (Acana para o italiano correto): Não lhe toques com um dedo, ouviste ?

CORRETO: Sim senhor, meu Comandante!

SALZER: Leva-a outra vez para a cela.

CARLOTTA (cada vez mais atemorizada): Ah, por favor, não! Por favor, não!...

SALZER: Tudo estará decidido até primeiro de novembro. (O miliciano leva a moça. Vê-se que Salzer se sentemais à vontade desde que ela não está mais ali. No primeiro plano, Witzel toma café. Levanta-se ao ver que Salzer se aproxima). Sente-se, homem. Escute uma coisa, Witzel: se o tal sapateiro de que você falou for bom, se souber fazer botas decentes, sob medida, então ele pode ser ariano por enquanto - e a família dele, pelo que me diz respeito. Ficará por aqui. Es

tá claro ?

WITZEL: Sim senhor - um bom sapateiro vale alguma coisa.

SALZER: Preciso de um par de botas que se veja. Você também deve mandar fazer um par. Botas que sejam macias e ao mesmo tempo firmes. Couro que se limpe e brilhe. Esta merda (aponta para as suas botas) está boa é para fazer estêrco ... A cada passo que dou, fazem-me lembrar quatro anos de guerra. E já não dão brilho, de jeito nenhum.

WITZEL: Sim senhor, Comandante.

Witzel acabou de tomar o pequeno-almoço e sai. Salzer muda de tom com a rapidez de um ventríloquo, uma vez desaparecido Witzel. Fala então em voz rouca, insultante, aos 2 prisioneiros voltados para a parede. O que se passa agora não está em contradição com a intenção de tratar bem os judeus enquanto estiverem em Roma, demonstrada por Salzer. O "tratamento" dos judeus detidos noutros países, salvo raras exceções, não poderia ser representado em nenhum palco do mundo.

SALZER: Eh, vocês, judeus batizados! Meia volta! Vamos. meia volta! Vamos, já disse! (O velho Luccani volta-se, de frente para os espectadores). Mostrem-me agora que vocês são católicos. Cadê a tua cédula de identidade ? (O quarentão exhibe o seu passe). Como é que você veio parar aqui ? Você não é católico coisa nenhuma! Witzel!

Volta-se, mas Witzel não está. O correto da Milícia chega, entretanto, recolhe o serviço de café e desliza sem dizer palavra. Durante esse lapso de tempo o interrogatório prossegue.

INDUSTRIAL (precipitadamente, como se estivesse num exame): Eu trabalho para as vossas forças armadas. Tenho gran

des fábricas de tecidos. Minha família é católica, da nobreza pontifícia. Estou nesta cidade por acaso, apenas por acaso; pegaram-me na raia devido a um engano. Arrancaram-me do meu automóvel. Asseguro-lhe que a minha prisão vai ocasionar intervenções enérgicas.

SALZER (irritado): Você deve trabalhar como seus irmãos! Afinal de contas, você é judeu - o máximo que posso fazer é informar sua família ...

INDUSTRIAL (tira apressadamente a carteira do bolso e extrai um livrinho de endereços): Queira ter essa gentileza. Aqui tem o endereço e o telefone, faça o favor...

SALZER (rindo grosseiramente, arranca-lhe o livrinho da mão e atira-o longe; depois, com olhar de escárnio): E como irá protestar a sua família, se nem sequer sabe que nós o prendemos ?

INDUSTRIAL (aterroizado): Como ? Mas ... todo o mundo sabe e diz que os senhores nos prenderam. Sabe-o Roma inteira, a Itália inteira!

SALZER (agora, contra sua decisão anterior, tão mal-doso quanto possível): Se resolve ameaçar-me, Sr. Industrial, com suas enormes fábricas de tecidos, compreenda então que o seu destino é desaparecer de uma vez por todas. Desaparecer.. digamos, num cano de esgoto, ou na vagina de uma prostituta da Via Apia, sei lá ...

INDUSTRIAL (loquaz, com medo): Mas, por favor ... desde 1941 que estou trabalhando para as Forças Armadas alemãs. Minhas fábricas ...

SALZER: Continuarão a trabalhar para nós. Você acompanhará seus irmãos de ... fé.

INDUSTRIAL (afastando-se ostensivamente uns passos

de Luccani): Eles não são meus irmãos e jamais o foram. Casei na Igreja Católica, e foi um Cardeal que celebrou o sacramento na Basílica de São Pedro. Faz mais de dezesseis anos que não tenho nenhuma ligação com os judeus. Prender-me é um erro, que lhe pode acarretar as mais graves consequências!

Salzer está muitíssimo irritado, porque teme precisamente as consequências; não só pelo eventual protesto do Papa, mas porque este judeu, testemunha do que acontece nos cárceres da Gestapo, não deve abrir a boca outra vez. Entra Witzel. Atrás dêle, com ar rigidamente marcial, Katitzky, soldado das S.S. - um letão alto e louro. Traz consigo um estôjo de barbear.

SALZER: Lá vem você ameaçar-me outra vez ... Ora, estou de fato muito assustado com as ... consequências. Vamos, Katitzky, passa o sabão...

KATITZKY: Às suas ordens, Comandante.

Witzel arrasta a poltrona onde Salzer dormia para o meio do gabinete. Põe outra cadeira em frente, na qual Salzer estende os pés.

SALZER: Se as suas fábricas trabalham para as nossas Forças Armadas, então você aprova as nossas medidas contra os judeus. Aprova, ou não ?

Estende-se na poltrona, mas afasta Katitzky para o lado. Witzel senta-se diante de uma mesa e carimba metódicamente um maço de formulários, soprando o carimbo como se quisesse engoli-lo. Depois, começa a fazer uma limpeza também metódica dos dentes e dos ouvidos, escutando o interrogatório.

INDUSTRIAL: Aprovo, sim. Mas, por mim, desde que me casei, faz mais de dezesseis anos...

SALZER: Seu casamento não interessa para nada.

- 105 -

INDUSTRIAL: Queria só dizer que há muitos anos sou contrário ao judaísmo, tanto no íntimo como externamente. Há muito, muito tempo. De acôrdo com a legislação antijudaica de Mussolini, demiti imediatamente - e posso prová-lo - todos os judeus que desempenhavam funções importantes nas minhas fábricas. O Conde Ciano, pessoalmente...

SALZER (amavelmente): Está aguardando ser executado em Verona.

INDUSTRIAL: O próprio Mussolini me tem tratado como uma exceção.

SALZER: Como grande contribuinte ?

INDUSTRIAL: Não, como bom fascista. Se quisesse, poderia ter emigrado mais de dez vêzes ...

SALZER: Uma vez já chegava.

INDUSTRIAL: Queria dar a minha contribuição para a vitória do Ocidente sôbre o bolchevismo. Pensava ...

SALZER (levantando-se): Muito bem, muito bem, você fala que nem um livro. Você pensava que a nossa luta é boa e justa, não é ? E aplaude também o fato de responsabilizarmos os judeus de terem instigado a guerra ?

INDUSTRIAL: Quem perturba a paz sempre deve ser castigado.

SALZER: Vejo que está generalizando. O que eu quero ouvir é uma definição clara: declara-se você contra a sua raça e a favor de Adolf Hitler, que deseja libertar o mundo dessa raça ?

INDUSTRIAL: A minha conduta durante esta guerra constitui prova bastante.

SALZER: Uma conduta que permite ganhar tanto dinheiro como você tem ganho nesta guerra, não constitui prova ne-

nhuma. Deixemos de palanfrório: você aprova o extermínio dos judeus, ou não ?

INDUSTRIAL: Hitler sabe o que faz.

SALZER: Sim, ou não, homem ? Não me faça perder tempo.

INDUSTRIAL: Sim.

SALZER: Isso soa um pouco fraco. Vejamos ... cuspa na cara dêste judeu.

INDUSTRIAL: Por favor lhe peço, mas êste senhor também é católico! Além disso, pessoalmente não me fez nada. Não!

SALZER: E a mim - fez êle alguma coisa de pessoal ? Vamos, cuspa na cara dêle!

INDUSTRIAL: Não, não faço isso.

SALZER: Muito bem ... Witzel! Leve êste grande industrial para junto de seus irmãos de fé.

WITZEL (levantando-se): Toca para a cela ... vamos, raus!

INDUSTRIAL (quase aliviado de o levarem): Sr. Comandante, aguarde os protestos do Duce e do Papa. Eu não experimentaria ...

SALZER (agora convencido que tem de matá-lo, levantando-se): Lá vens tu outra vêz, rapaz! Tu nem sequer és católico ... Precisas dar-me tôdas as provas possíveis de que, em teu fôro íntimo, renunciaste aos antecedentes judaicos. Se você quiser ajudar-se a si mesmo - muito bem.- Agora, ameças! É ridículo que você queira ameaçar-me. Vamos, cuspa no velho, que não o mando para a cela - palavra de henra. Vamos, cuspa: essa é a prova.

O industrial está no fim. Compreende que até mesmo êle, com seus privilégios especiais, pode sumir naquela casa

"como um fósforo". O que lhe acontece agora não é agradável, mas é humano: só depois de se ter rebaixado tanto é que recobra sua inteira dignidade. Mais tarde, na rampa de entrada de Auschwitz, vemos como êle ampara o velho Luccani. Agora, após as últimas palavras de Salzer, não hesita: cobrindo de súbito os olhos com as mãos, com a face retorcida de dor, cespe no casaco do velho. Salzer, Witzel e o italiano soltam gargalhadas, cada qual de modo diferente. Witzel é quem ri mais alto e por mais tempo.

SALZER: Que penal... teria dado uma boa foto.

Vamos, leva-o daqui, mas não para a cela - nós cumprimos a palavra! Vamos pôr êste cavalheiro no canil! (Ouvem-se risadas, mas não de Salzer).

INDUSTRIAL (gritando): Não! Porcos!

WITZEL: Vamos lá para os cachorros. Tira já as calças, vamos! Já!...

INDUSTRIAL (que logo recupera o domínio de si mesmo): Vamos para os cachorros, sim. (Suplicante, dirigindo-se a Luccani): Perdão ... peço perdão ao senhor ... (Luccani olha para êle sem falar). (Industrial, em tom desesperado): Pelo amor de Deus, não me despreze. Foi o medo... é terrível ... Estou tão envergonhado!

LUCCANI: Eu já não sinto nada. Reze.

Witzel empurra brutalmente o industrial para fora da porta. Salzer está tão excitado que se esquece, por momentos, dos seus temores pelo que pratica em Roma. Volta-se imediatamente para Luccani.

SALZER: Reze você também, vamos! Reze, reze, prove que é católico. Cante, vamos, cante uma Ave Maria! Vamos, depressa, cante!

- 108 -

LUCCANI: Não, eu não invoco o Nome de Deus em vão.

SALZER: Em vão? Santo homem, se você não cantar imediatamente, logo irá cantar com os anjos no Céu. Ou com os homens nas fernalhas. (Chama o miliciano). Eis a sua última oportunidade: um irmão de religião verá se você sabe cantar uma Ave Maria, sem cometer erros. Vamos, seu sacristão, faz o exame.

LUCCANI (patético, com enorme desprezo): Não falarei com esse traidor da pátria...

MILICIANO CORRETO (gritando): Traidor da pátria? Que? Dá um tranco violento no peito do velho. Luccani cambaleia, tropeça e logo se apruma. Salzer agarra o miliciano pelo braço, puxando-o para trás.

SALZER: Vem cá! Tu não podes bater nêle!

MILICIANO: Comandante, foi um insulto: traidor da pátria - não admito que ninguém me diga isso!

SALZER (perigosamente interessado, a Luccani): Que pretendia você dizer?

LUCCANI (escandindo as sílabas, cortante): Que um italiano que entrega um velho oficial do exército aos alemães, é um traidor da pátria. Talvez eu tenha combatido lado a lado do pai desse covarde no Isonzo - veja ...

Leva a mão ao bolso e tira duas medalhas. Salzer faz uma pausa e depois, calmamente, diz:

SALZER: Por que é que você não disse logo que era oficial, homem?

LUCCANI (para o miliciano): Não tens vergonha, covarde? Nós lutamos na frente contra os caçadores alpinos austríacos, todos bons atiradores - e tu contra quem lutas? Contra teus compatriotas indefesos. Traidor! (Salzer mantém si-

lêncio, permitindo o insulto ao miliciano, que despreza como a todos os soldados italianos. Não sente que as palavras do velho Luccani também se aplicam à sua "luta". O velho volta as costas ao miliciano e diz a Salzer, muito calmo): Como Cô sul-Geral na Áustria e como soldado da Primeira Guerra Mundial, aprendi a respeitar os alemães - e ainda não quero cruz cavalheiro... Por favor, permita-me que lhe solicite um pedido, uma gentileza...

SALZER (agora já extremamente ansioso, no íntimo; o olho oficial tocou-lhe na corda sensível, sobretudo porque Salzer sempre evitou o serviço na Frente): Claro, claro, eu respeito o senhor como oficial. Naturalmente, o senhor não será levado para Auschwitz e sim para Theresienstadt, onde ficará internado até o fim da guerra.

LUCCANI: Agradeço-lhe muito essa prova de seus bons sentimentos. Mas o que eu desejava... Eu já tenho setenta e dois anos, não é preciso dar-me tratamento especial. Deixe-me com meu filho e minha nora, lá embaixo, no subterrâneo. O Senhor também está apenas cumprindo o seu dever. Mas talvez o senhor também tenha filhos, cavalheiro... Os meus netos estão aqui - um menino de nove anos e uma menina de seis. Ponha essas crianças em liberdade. Conheço umas freiras que viriam buscá-las e as criariam na fé católica. Pégo-lhe por... (perde um pouco a reserva) Eu nunca na minha vida supliquei nada a nenhum homem, mas agora lhe imploro... Lembre-se de seus filhinhos, eu... eu...

Gagueja, em pranto.

SALZER (em voz rouca): Ninguém tocará num pêlo das crianças... que pensa o senhor de nós, alemães? O senhor irá para Theresienstadt, os judeus mais novos vão trabalhar na

construção de estradas.

LUCCANI: Mas as crianças não! Foram arrancadas dos pais ontem. Então, realmente, devemos acreditar no que se diz a respeito dos vossos campos na Polônia...

SALZER: São tudo mentiras da propaganda aliada. Não escute a Rádio Inglesa. Se fôsse verdade o que esses agitadores dizem ... cre o senhor que o Papa receberia, tão afavelmente, milhares de soldados alemães em audiência? Agora, vá embora ... Nós não lhe tocamos num pêlo.

LUCCANI (mais seguro de si, mas muito aterrorizado, motivo pelo qual emprega palavras grandiloquentes): Como oficial, o senhor é um homem de honra. Como poderia o senhor já mais olhar nos olhos sua esposa e seus filhos outra vez, Eu lhe rogo em nome de sua mãe...

Salzer dera-lhe as costas, emocionado até o fundo de si mesmo, transtornado. Enquanto Luccani falava, Witzel chegou com o sapateiro, que porta uma pasta de couro. É um judeu rechonchudo, de meia-idade, que fica encostado à porta tímidamente, até que Witzel, com um sinal, lhe ordena que se volte para a parede.

Ante as últimas palavras de Luccani, Salzer começa de súbito a berrar freneticamente com os milicianos e Katitzky, e depois também com Witzel. Quanto mais grita, mais fica fora de si. Finalmente puxa a pistola, como se o fato ridículo de empunhar a arma pudesse protegê-lo contra os seus sentimentos de humanidade.

SALZER: Que é que vocês estão aí fazendo, pasmados como idiotas? Levai-o daqui! Mandei que o levassem daqui! E que ninguém lhe mexa! Todos fora daqui ... esse aí também. (Aponta para o sapateiro). Vamos, levai-o embora! Toca daqui,

- 111 -

vamos! Witzel, quando é que você vai aparecer imediatamente ao ser chamado ?

WITZEL: Êste é o sapateiro, Comandante. Trouxe a ferramenta consigo, também.

SALZER (ainda gritando): Estou pouco ligando, não quero ver ninguém aqui! Nem a você. Saiam já todos lá para feral! Raus!

WITZEL: Comandante ...

SALZER: Se alguém mais protestar, arreie-lhe as calças e veja se foi circuncidado. Católico ou não... pouco me importa. O que quero saber é se está circuncidado.

WITZEL: Sim senhor, Comandante ... e as mulheres, Como vamos saber com as mulheres ?

SALZER (gritando outra vez): Você dá comigo em louco... Imbecil! Saia todo mundo daqui, já! Não quero vê-lo ou tra vê-lo!

WITZEL: Sim senhor, meu Comandante.

Enquanto todos abandonam o gabinete, Gerstein entrou pela porta do pátio, deslizando até ficar quase atrás de Salzer. Chega a tempo de ver Witzel e o miliciano levar os dois judeus. Põe brandamente a mão no ombro de Salzer. Ao fazê-lo, a expressão do seu rosto, que revelava grande fadiga, muda por completo. Seu semblante indica agora energia e espírito vigilante, o que procura ocultar com um sorriso.

GERSTEIN: Você anda com sono hein ? Salzer! Você está pálido.

SALZER (enfasiado): Bolas, Gerstein ... você me assustou. Você chega sempre tão furtivo, tão calado! Por onde andou esta noite ?

GERSTEIN: Que aconteceu com você ?

- 112 -

SALZER (ainda confuso): O bastante para arrasar os nervos da gente ... O idiota do meu sargento, por pura estupidez, trouxe para cá um saco cheio de católicos ao fazer a raptação desta noite.

GERSTEIN (exagerando, com esforço para ocultar a sua satisfação): Que ? Você também prendeu católicos ? Está bem arrumado com isso... Atualmente o Fuhrer não se pode dar ao luxo de ter problemas com o Papa.

SALZER (agitadíssimo): Não me confunda mais ainda, Gerstein! Já tentei safar-me duas vezes desta operação estúpida! Nos fins de setembro veio ordem para iniciar as prisões a primeiro de outubro. O Papa sabia. Estava mesmo disposto a garantir o resgate de 50 quilos de ouro que nós exigimos pela liberdade dos judeus, se eles não conseguissem reunir essa quantidade. Essa boa-vontade do Papa - no momento pensamos que ele ia dar escândalo - deu-nos coragem para avançar e deportar os judeus. Provavelmente está tudo bem ... Se o Papa calou o bico diante de tal exigência - por que não o fará agora ? Aliás ele é muito amigo dos alemães!

GERSTEIN (abatido, sem poder responder durante algum tempo; depois): Para mim, você extrai conclusões otimistas demais, Salzer: o fato de o Papa querer garantir o resgate dos judeus, prova claramente que está ao lado deles. E se fechou o bico há três semanas, foi por imaginar que os judeus comprariam a sua liberdade com o ouro. Vem agora você e o engana rotundamente. Espere só e veja ... Amanhã ele estará ao microfone, para protestar contra o que você fez esta noite.

WITZEL (entra e saúda Gerstein): Heil Hitler, Tenente!

GERSTEIN (cansado): Heil und Sieg!

SALZER: Witzel, traga-nos mais um pouco de café e torradas.

WITZEL (saindo): Dím senhor, Comandante.

SALZER: É muito possível que o Papa arme barulho hoje. Berlin, na certa, não vai correr o risco de queimar os judeus de Roma imediatamente. Se o Papa protestar, devolvêmo-los ao ponto de partida. Só serão levados ao forno quando es tivermos realmente seguros de que o Papa não se interessa mais por êles.

Oferece um cigarro a Gerstein, que procura mais uma vez intimidar Salzer.

GERSTEIN: Obrigado. (Cala-se porque Witzel aparece com café e torradas. Depois, a Witzel): Obrigado, muito obrigado.

WITZEL: Não há de que, meu Tenente.

SALZER (inquieta): É verdadeiramente triste o que você diz.

Gerstein leva o dedo à boca por detrás de Witzel. A êste, procurando puxar conversa sem compromissos:

SALZER: Que é feito do nesso sapateiro, Witzel? (A Gerstein): Agarramos um sapateiro que vai fazer botas para nós todos.

GERSTEIN: Ótimo! Eu também estou precisando de umas novas.

WITZEL: Êle trouxe a ferramenta, porque eu mandei. Mas não tem material, por isso vamos levá-lo à loja dêle para pegar o que fôr preciso. Mas lá ferramenta êle tem - um calxote cheio. "Para que é que tu queres isso"?, perguntei-lhe. Resposta dêle: "Mesmo na Polônia, tenho de ganhar o pão dos meus filhos". (Witzel diverte-se, rindo um riso cúmplice. A es

- 114 -

tarrecedora bestialidade de toda a cena aparece aqui, em sua máxima franqueza, no humor sórdido dos remoques de Witzel, mais cruéis ainda pelo sotaque suburbano de Kassel, indolente e arrastado). "Ora - disse eu - queres trabalhar para os teus filhos ? Então cuida de tí. Conheces o teu officio ? Vamos instalar uma lojinha para tí em Auschwitz ... coisa fina, com vitrinas - ou talvez até uma loja bem grande em Varsóvia, só para tí. Aí podes cuidar da tua família" ... É ingênuo, não é ?

Ri a bom rir, deliciado. Gerstein não consegue engolir o café; levantou-se, fazendo força para aparentar indiferença. Todavia, até Salzer foi tocado no íntimo pela vulgaridade e o imbecil cinismo de Witzel, e diz indignado:

SALZER: Bem, Witzel - aqui tem um cigarro e agora saia. Ainda estaves conversando.

WITZEL (pega o cigarro e sai): Muito obrigado, Comandante.

SALZER: Você não está comendo nada, Gerstein ...E ao chegar, estava faminto ...

GERSTEIN (pegando numa torrada e tentando falar no tom mais natural possível): Você não deve provocar o Papa e voltar-se agora contra o Fuhrer. Suspenda as deportações até depois de amanhã. Na certa que êle vai protestar - e depois você é quem aguenta o tranco.

SALZER (fatigado, sentimental e algo inquieto): Ah, Gerstein, para você é fácil falar. Gostaria de estar em Roma só para ver igrejas e museus; gostaria de tomar banho em Ocetia com as crianças, ou comprar alguma coisa bonita para minha mulher na Via Veneto ... Em lugar disso - meu Deus! - tenho de ser mais papista que o Papa ? Ou êle intervém até ho-

je à tarde, ou então tenho de despachar tudo esta noite. (Soa o telefone. Salzer aponta com ar significativo para o aparelho, dizendo enquanto se aproxima d'ele): Fala do diabo que êle aparece ... Você quer ver que é o Papa já ... (Ao telefone): Sim, faça a ligação... (A Gerstein): O Comandante da cidade! Sim, senhor, aqui fala Salzer. Heil Hitler, Sr. General... ah, sim, estávamos exatamente falando nisso - claro, sim senhor! C'os diabos! Então é mesmo um protesto! (Faz sinal a Gerstein, que se aproxima do aparelho em tensão extrema, para poder acompanhar a conversa). Já tinha pensado nisso, sim senhor... Como ... Como diz, por favor? Obrigado, sim ... sim senhor. Vossa Excelência está de posse do texto completo? Ah, já vem a caminho para eu ler ... sim, humildemente lhe agradeço, Sr. General. Ah... bom, isso não é assim tão perigoso. E também não veio pessoalmente do Papa. Não obstante, é uma ameaça concreta. A minha opinião? ... Vossa Excelência bem sabe que eu realizei a operação contra o meu melhor juízo. Mas, infelizmente, a carta do Bispo Vossa Excelência não nos exime do dever de deportar ... Muito bem. Não insiste? Também é o meu receio, evidentemente, Sr. General, muito bem, enquanto os judeus estiverem aqui nas minhas celas, serão particularmente bem tratados. Temos de esperar, sim senhor. Meus humildes agradecimentos, Sr. General, sem senhor. Heil Hitler, Sr. General.

Descansa o fone e olha para Gerstein.

GERSTEIN: Você faria bem em comunicar tudo a Berlin imediatamente. Se houver barulho, farão de você o responsável.

SALZER: Raios me partam, que é que eu posso fazer?
(Em voz alta): Se ao menos êsse maldito Papa dissesse de uma

vez por tôdas, de modo bem claro, em que posição está! (Mais calmo): Se nos deixar as mãos livres como até agora, e tentar cumprir o seu dever de cristão apenas como essa carta do Bispo, então as deportações vão começar esta noite.

GERSTEIN: Pelo amor de Deus, Salzer ... aí está o protesto!

SALZER (quase desconfiado): Como é que você pode dizer uma coisa dessas, Gerstein! Trata-se do comentário de um Bispo, não é nenhum protesto! Iam rir na minha cara, em Berlim, se eu deixasse escapar essa canalha por causa disso. Nem sonho em soltá-los ...

GERSTEIN (um tanto mais cauteloso): Não quero fonfun di-lo, Salzer, mas ninguém me fará crer que o Papa vai lhe per^{mitir} mãos livres aqui em Roma.

SALZER (irritado outra vez): Também eu não acredito, Gerstein! Após a tal carta do Bispo, estou absolutamente con^{vencido} de que Pio vai bradar aos céus pelas suas ovelhas ... e o Fuhrer cederá, naturalmente. Mas se o protesto fôr na base do palavriado mole ...

Desde as últimas frases, Gerstein está muito agitado vendo constantemente as horas no seu relógio e andando de um lado para outro. Quer encontrar-se com Riccardo o mais depressa possível. Despede-se de modo quase evidentemente abrupto. Lá fora, o dia já está claro.

GERSTEIN: Bem, Salzer, tenho de ir embora, adeus. Te^{nh}a cuidado com o Papa.

SALZER (sem desconfiança, sorrindo, cada vez mais sa^{tisfeito}): Nunca ví ninguém tão nervoso como você! Olhe para si agora mesmo, Gerstein: qual a razão dessa repentina pressa judaica ?

GERSTEIN (receoso e depois aliviado): Que ! Estou realmente tão nervoso ? Tenho de ver ainda alguma coisa de Roma ... (Lança uma alusão): Quem sabe se poderei voltar a ver as margens do Tibre ? Você deixou-me muito deprimido ... (Comporta-se como se Salzer é que tivesse mantido aquela conversa "derrotista"): O que você me contou, Salzer ... e depois os americanos já em Nápoles, os russos em Kiev ... Fui contagiado pela sua má disposição.

SALZER: Meu Deus do Céu, acho que os interrogatórios é que me fazem sair dos eixos.

GERSTEIN (estendendo-lhe a mão): Muito obrigado pelas torradas.

SALZER: Oh, Gerstein, que pena que você vá embora. Eu é que lhe agradeço ... Você conhece o caminho para o aeroporto ? Dê saudades minhas à Finlândia ... Heil!

WITZEL (entra, bate os calcanhares e anuncia): Comandante, o Abade está lá fora e quer falar urgentemente com o senhor.

SALZER (enquanto Gerstein dá um passo atrás, de súbito): Era só o que me faltava ... Bom, que entre. (Witzel sai. A Gerstein): Você tinha razão. Aí vem o protesto. Esse homem vem de três em três dias ... um patife pegajoso, sempre pronto a arrancar alguma coisa.

WITZEL (anunciando oficialmente): Comandante ... o Reverendíssimo Superior-Geral, Monsenher...

Salzer ajustara rapidamente o cinturão e o quepe. Volta-se para a porta e encara o Padre-Geral, que entra com passo rápido e confiante, Gerstein, por detrás de Salzer, faz um sinal negativo com a cabeça e, logo que Witzel fecha a porta, leva os dedos aos lábios.

- 118 -

ABADE (de forma alguma dando a entender que ainda há poucas horas tinha estado com Gerstein): Deus o salve, Senhor Salzer ... Lamento muito ter de incomodá-lo tão cedo. Mas o senhor já tem uma visita ...

SALZER (rindo amistosamente): Bom dia, Padre-Geral.. Sim, é uma visita de Berlin, um querido colega ... Apresento-lhe o Sr. Superior Geral dos Salvatorianos, que vem uma vez por semana, a mando de Sua Santidade, arrancar um comunista dos malvados nazistas.

Riem os três, Gerstein de alívio.

GERSTEIN: Muito prazer em conhecê-lo, Monsenhor ... O camarada Saltzer já me fêz as suas queixas: que o senhor é um tenaz negociador, difícil ...

ABADE (lisonjeado): Ora, ora... êle disse isso? Bem, pois para mim é um cumprimento! Vim hoje outra vez por causa de um comunista ... ou o que o senhor chama um comunista ... É um jovem de dezoito anos, Tagliaferro, que os senhores prenderam há pouco em Milão. Meu Deus, se êle é comunista, então eu sou muçulmano! (Ri). O pai dêle é o primeiro jurista de Milão e ontem dirigiu-se ao Papa, pedindo ajuda. Ponha o garoto em liberdade... Se êle voltar a espalhar volantes, o pai lhe dará um bom puxão de orelhas, a êsse imbecilzinho ...

GERSTEIN (tão desapontado como Salzer está aliviado ao ver que o Abade não veio interceder pelos judeus, diz prontamente): Por favor, queira perdoar-me Monsenhor ... Salzer, de fato tenho de ir embora ... Até à vista, até à vista!

ABADE (malicioso, retém a mão de Gerstein com firmeza e pergunta inexoravelmente): Até à vista!... Como disse que se chamava?

GERSTEIN: Gerstein. Sigo agora mesmo de avião para

a Alemanha.

ABADE: Ah, Senhor Gerstein, muito bem ... Eu escuto mal, não pude entender. Bem, faça um vôo agradável, boa viagem!

GERSTEIN: Muito obrigado, Monsenhor. Adeus.

Salzer acompanha Gerstein até a porta.

SALZER: Não acha que as suas preocupações (com um movimento da cabeça para indicar o Padre-Geral) são um pouco exageradas? (Voltando-se para o eclesiástico): Queira sentar-se, Sr. Padre-Geral.

GERSTEIN (calmo, com um gesto em direção ao Padre-Geral): Espero que sim, para seu bem, Salzer ... mas não, acho que ainda não informaram êsse padre. Bem, meus senhores, até à vista ...

SALZER e ABADE (em uníssono): Adeus Gerstein, até à vista, boa viagem ...

CAI O PANO

ATO IV - II GRAN RIFIUTO

Ed io, che riguardai, vidi una insegna, che girando correva tanto ratta, che d'ogni posa mi parevain degna: e dietro le venia sì lunga tratta di gente, ch'i' non avrel mai creduto, che morte tanta n'avesse disfatta. Poscia ch'io v'ebbi alcun riconosciuto guardai, e vidi l'ombra di colui, che fece, per viltate, il gran rifiuto.

DANTE, Inferno, Canto III (*)

No Palácio Pontifício. Uma pequena Sala de Trono, quase vazia, frequentemente usada como salão para audiências mais íntimas e conversas sobre negócios. Está atapetada de vermelho - côr das vestes dos Cardeais que, como se sabe, simboliza a disposição de defender a fé ao ponto "de derramar o próprio sangue". O Papa veste de branco, evidentemente. Sua batina é tão alva como a pomba com o ramo de oliveira do seu braço de armas, bordado com a tiara e as duas chaves cruzadas no tapete suspenso atrás do trono dourado.

Esta colgadura eleva-se até o Baldaquino que, por sua vez, se eleva até o teto - tão alto que não é visível aqui. De ambos os lados do trono, pouco elevado, há uma porta estreita e alta, também encobertas, as duas, por tapetes de ouro e púrpura.

(*) - Preferimos manter os versos de Dante em Italiano - embora o Autor os cite na tradução alemã - pela correlação existente entre o título do Ato e as palavras finais do último verso, correlação que não existiria em português. Damos aqui, porém, a tradução desses versos, extraída de: Dante Alighieri, O Inferno, versão portuguesa em tercetos por Domingos Ennes, Lisboa, 1887: "Então olhei: e vi uma bandeira / Que girava por modo que parece / Que não havia de a deter mansira; / Tamanha chusma a segue, e lhe obedece, / Que eu me espantava, ao ver tão denso enxame, / Que a morte tantos corpos desfizesse. / Alguns reconheci sem longo exame; / Passou, entre a corte que vagueia, / Esse que uma recusa fez infame". (Nota do Tradutor).

pura. Encostado à parede da esquerda está um console de estilo barroco, com um relógio astronômico e apetrechos para escrever. Em cima, um grande crucifixo de latão forjado. Alguns escabelos dourados junto às paredes. Não há guardas.

O Cardeal está conversando com o velho Fontana. O Conde, com uma pasta debaixo do braço, está de casaca, com a Ordem de Cristo. Sua Eminência, embora esteja bem no seu ambiente, mostra-se mais impessoal que em suas visitas à casa dos Fontana ou ao convento, mas parcimonioso e comedido em palavras e gestos.

CARDEAL (não sem malícia): O Chefe está muito ofendido, como sempre, quando rejeitam os seus préstimos como intermediário. Ele gosta muito de escrever cartas a Roosevelt, que não dizem nada, não é mesmo ?

FONTANA (vivamente): É a Hitler que ele deveria escrever, Eminência! Esse revoltado, esse patife até com os judeus de Roma se permite ...

CARDEAL: O Senhor pensa que Hitler sabe como a sua corja se comporta aqui ? Mas nós também viemos hoje para falar nisso. Tenho rezado pelos judeus ...

FONTANA (frio): É uma reabilitação saber que o Papa finalmente protestou, Eminência. Ouvi esse rumor hoje de manhã cedo, por intermédio do homem de confiança que meu filho tem nas S.S.

CARDEAL (muito surpreendido e até assustado): Protestar ? De modo nenhum, o Chefe não protestou, Conde! Aí vem ele. Não, disso eu não sei nada.

FONTANA (surpreso): Mas sim! Hoje de manhãzinha, êle ...

As últimas palavras foram ditas em voz sussurrante

por Fontana e o Cardeal, pois a porta da direita foi aberta silenciosamente por um Guarda Suíço. No momento em que o Papa entra, depressa e sem dizer palavra, a porta é outra vez fechada. Sua Santidade, à primeira vista apenas uma figura alta, num branco resplendente, está agora de pé em frente dos dois homens, que se ajoelham e lhe beijam o anel. O Cardeal logo se levanta, mas o Papa ajuda graciosamente o Conde a erguer-se, aproximando-o mais de seu rosto frio e sorridente. Após as primeiras palavras de Sua Santidade, que tratam de negócios sem preliminares, Fontana afasta-se uns passos. Enquanto Sua Santidade se dirige cada vez mais, e finalmente, de modo quase exclusivo, ao Conde, e depois de se sentar no trono, limpando os óculos, o Cardeal coloca-se à esquerda do Papa. O ator que representar o papel de Paceli deve lembrar-se de que Sua Santidade é muito menos pessoa que uma instituição: gestos amplos, um movimento animado de suas mãos extraordinariamente belas e uma sorridente frieza aristocrática são suficientes, além do ardor glacial de seus olhos atrás dos óculos de ouro. O resto deve deixar-se à recôndita e solene linguagem do Pontífice, que neste caso se trata de homem nada velho, com seus 68 anos. Está na plenitude de sua capacidade.

PAPA: Querido Fontana! Temos a alegria de vos receber, para ouvir vosso conselho e também o de Nosso venerável Irmão, pois observamos contrito o desenvolvimento da guerra aérea. Fábricas, centrais elétricas, estações de estradas de ferro e represas - tôdas as instalações - requerem imperiosa proteção. Naturalmente, consideramos de maneira muito realista a possibilidade de que nos ouçam, no que respeita à indústria e às minas. Com a Nossa Cidade Eterna, as coisas são outras: ninguém mais deseja pecar contra Roma! O embaixador alemão foi tão amável

que pediu ao Marechal Kesselring para reduzir a guarnição alemã a cerca de um milhar de homens. Os alemães mostraram neste ponto uma amabilidade muito maior que os americanos. Não obstante, também a Casa Branca se guardará de Nos provocar de novo. Recomendastes-nos, Conde Fontana, que os homens que rodeiam Roosevelt, industriais e militares dos Estados Unidos..

FONTANA: E também de Londres, Santíssimo Padre.

PAPA: Sim, realmente ... fossem abordados para adquirir ações. Mas como, caro Conde, conseguiríamos convencer os grandes financistas a se interessarem pela indústria italiana, que está em situação tão perigosa ?

FONTANA: As melhores ações que possuímos, têm tanto mercado como antigamente, Santíssimo Padre. Penso, em particular, nas ações de propriedade da Companhia de Jesus ...

PAPA (como se estivesse afastando um perigo físico): Não, caro Conde, é não ... não! Devemos guardar-nos de começar novo atrito com os jesuítas - seria muito desvantajoso.

CARDEAL: Deus seja louvado, a Companhia de Jesus, de fato! Por quê razão nos ocultam os seus livros, não é mesmo ? Os oito mil padres dos Estados Unidos são refratários, sim senhor.

PAPA (interrompendo de imediato): Somente no que diz respeito a dinheiro, entendei, Conde. De outro modo, são os servos devotados da nossa Causa. Deus nos defenda de não ver nos isso, Eminência.

CARDEAL (respeitosamente): Sim, não é mesmo ?... é verdade. E tampouco são avaros: Somente a Diocese de Nova York, contribui mais para a Santa Sé do que todo o Ocidente Reunido, é verdade, sim. Todavia, não nos deixam ver os livros deles!

PAPA (malicioso): O momento de exercer pressão sobre êles chegará um dia, Eminência.

FONTANA (sorrindo, enquanto tira dois cheques de sua pasta): Beatíssimo Padre, longe de mim querer demonstrar ingratição para com os jesuítas, a Ordem de meu filho; um dos dois cheques que tenho a honra de apresentar a Vossa Santidade, procede da Sociedade de Jesus - é uma soma que ajudará a acalmar a cólera de Vossa Eminência...

Entrega os cheques ao Papa, que tira os óculos para ler as cifras.

CARDEAL (sorridente, olhando com imensa curiosidade os cheques): Pareço assim tão implacável, hem ?

PAPA (sem mexer uma pestana, devolve os cheques a Fontana; êste entrega-lhe uma caneta e segura a sua pasta para que o Papa endosse os cheques, passando-os, depois, às mãos do Cardeal): Caro Conde, Eminência: dai ambos graças em Nosso nome aos doadores dêste óbolo de São Pedro ...

CARDEAL (que num relance fêz a soma das duas quantias, fita o Papa e depois Fontana): Oh, claro! Isso realmente ... sim, não é mesmo ? Vou agradecer ao Irmão Spellman.

Devolve os cheques a Fontana, que volta a guardá-los na pasta.

FONTANA (em tom suplicante): É preciso fazer alguma coisa, Santíssimo Padre, pois as minas da Sociedade na Toscana serão bombardeadas. É preciso que eu peça licença aos jesuítas para vender as ações de Idria e Monte Amiata ...

PAPA: Com prejuízo ?

FONTANA: Não, com prejuízo não. Os Padres compraram a maioria das ações pelo valor nominal, e ainda terão lucro nelas.

PAPA: Tenta! Estais livre para tentá-lo, Fontana. Pois o Nosso coração está angustiado pelas famílias dos proletários, os quais, com a destruição das fábricas, sobretudo das minas, não só se tornariam mais pobres como também extremistas - ficariam anarquistas - nem é bom pensar nisso.

CARDEAL (sinceramente contrariado): Sim, não é mesmo? ... Agora, depois da queda de Mussolini, que apesar de tudo sempre enfrentou o comunismo e era uma garantia da ordem social, produziu-se um vácuo que me enche de grande pavor, não é mesmo? Graças a Deus que os alemães ainda estão no país e não permitirão greves nem madraçaria. Mas ... que vai acontecer quando as suas tropas se retirarem, hem ... não é mesmo?..

PAPA: Então teremos os americanos aqui, Eminência. Não obstante, que falta de tato a dos alemães, levando também os judeus de Roma. (Sumamente indignado): Tendes ouvido falar disso, Conde? ... Eminência? Que coisa mais malcriada!

FONTANA: Roma está abalada, Santidade.

CARDEAL: Sim, não é mesmo? ... um atrevimento infame!

FONTANA: Seja-me permitido, também em nome dos israelitas que têm procurado refúgio em minha casa, expressar os meus mais profundos agradecimentos a Vossa Santidade.

PAPA (todo bondade, espontâneo, cordial): Mas, caro Fontana, não é preciso dizer que Nós faremos, como sempre, tudo aquilo que Deus nos der a capacidade de fazer para amparar os infelizes.

FONTANA: Constitui uma verdadeira redenção o ter Vossa Santidade feito agora tão decidida ameaça. Ser-me-á permitido, com toda a humildade, perguntar se já houve alguma reação do Comandante alemão da cidade?

O Papa olha com desconfiança e sem compreender para o Cardeal, e depois para Fontana:

CARDEAL: O Comandante da cidade ? Reação a que ?

PAPA (desconfiado): Reação ? A quê, Conde ?

FONTANA (algo inseguro, suspeitando o que está por vir): Bem, ouvi meu filho dizer que o Bispo Hudal, esta manhã ameaçou o Comandante da cidade com um protesto de Vossa Santidade.

PAPA (com aspereza): O Bispo ameaçou ? Em Nosso Nome! Eminência, haveis dado poderes ao Bispo, em nome da Santa Sé ou em Nosso Nome ...

CARDEAL: Tomo a Deus por testemunha, Santíssimo Pai! Eu só ouvi falar do protesto aqui, dos lábios do Conde ... Não pode ser, não acredito, não é mesmo ...

FONTANA (excitado): Não sei quais os termos exatos ! O Bispo talvez não tenha protestado realmente em nome de Sua Santidade, e sim apenas anunciado que era de esperar uma declaração pública do Santo Padre. Meu filho diz...

PAPA (muito descontente): Vosso filho, Conde Fontana... onde está vosso filho? Não devia estar em Lisboa ?

CARDEAL (assustado, pressuroso): Está lá embaixo, na Secretaria de Estado, Beatíssimo Padre, à minha espera.

PAPA (sumamente indignado): Manda-o subir!

O Cardeal dirigiu-se logo para a porta e murmurou uma ordem ao Guarda Suíço. Em face da cólera do Papa, o dever de obediência leva-o também a mostrar má cara ao velho Fontana.

FONTANA: Perdão, Santíssimo Padre, para meu filho. Seu zelo é filho do desespero. Em Berlim êle foi testemunha de como os nazistas arrojavam criancinhas judias em caminhões.

PAPA (um gesto de aborrecimento, e depois com voz a-

paixonada, impulsiva): Testemunha!... Conde, um diplomata tem de ver muita coisa e ... calar. Vosso filho não tem noção de disciplina. Quem quiser ajudar, não deve provocar Hitler: tem de atuar secretamente, com discrição, astuto como a serpente. Assim é que se deve lidar com os S.S. Ocultamos centenas de judeus em Roma. Milhares receberam salvo-condutos! Hitler já não é tão perigoso. Diz-se em Portugal e na Suécia que êle está negociando a paz com Stalin. Se ficamos calados, caro Conde, é para evitar males maiores.

O Papa volta-se impacientemente e encara Riccardo, que acaba de entrar.

PAPA (amistoso, sorridente): Eis o vosso filho! Aíes tá êsse cabeça de vento ...

Riccardo sente-se confuso, na suposição de que o Papa fêz o protesto, e portanto com a sensação de o ter julgado mal e severamente na noite anterior. Beija-lhe o anel. O Papa sorri.

RICCARDO: Santíssimo Padre...

Faz depois uma reverência ao Cardeal, que o remeta com um olhar frio para o Papa.

PAPA: Temos muito prazer em ver-vos, Riccardo, e apreciamos com amor o vosso zêlo. Fala sempre em Nosso Nome quem intercede pelos perseguidos. Só que ... acabamos de saber, com espanto, que vós ou o Bispo Hudal protestastes contra a deportação dos judeus, em Nosso Nome - é verdade? Emi-nência ... por favor, o Superior-Geral.

O Cardeal aproxima-se da porta e transmite a ordem ao Guarda Suíço.

RICCARDO (cortêsmente, sem compreender): Eu? Não, Santíssimo Padre, eu só ouvi de meu informador nas S.S. que

Vossa Santidade tinha ameaçado protestar por intermédio do Bispo Rudal.

PAPA (irritado): Que presunção é a vossa, de conspirar com os S.S. ?

CARDEAL (maligno): O Santo Padre - sim, não é mesmo? - ouviu agora falar pela primeira vez na pretensa proclamação ...

PAPA: Deixai-o, Eminência!

RICCARDO (como se estivesse esmagado, volta-se para seu pai e diz, mas não em voz baixa): Com que, então, nada se fez! (Ainda não o crê). Vossa Santidade não ameaçou protestar? Não compreendo ... (Logo compreende, e exclama apaixonadamente, quase num grito): Santíssimo Padre, os judeus estão sendo deportados, assassinados!

CARDEAL: Cale-se ...

PAPA (sorrindo) Não, não, Deus te abençoe, Riccardo, fala. Teu coração é bom. Só que não tens que tratar com os S.S. O Superior-Geral nos dirá o que houve. Domina-te! Na tua idade, só a moderação te honra.

RICCARDO: Não se trata da minha honra, Beatíssimo Padre. Trata-se da honra da Santa Sé, que é mais preciosa que a minha...

FONTANA: Riccardo!

O Papa fica silencioso; o Cardeal logo responde por êle:

CARDEAL: Ah, êle teme pela honra da Cúria! Então v'cê nunca ouviu falar - hem, não é mesmo? - que nós criamos organismos inteiros, escritórios, comissões, simplesmente para auxílio e salvamento dos judeus?

RICCARDO (perdendo por momentos o domínio de si mes-

- 129 -

mo): Esse auxílio só alcança alguns judeus da Itália, Eminência! (Voltando-se para falar simultaneamente ao Papa): Mas o terror reina agora em todos os países! Só na Polônia já foram assassinados um milhão e oitocentos mil judeus! E como esta cifra foi transmitida oficialmente ao Legado Papal em Washington, Deus não pode querer que Vossa Santidade a ignore!

CARDEAL (indignado): Saia daqui para fora ... não é mesmo ... como se a falar desse modo na presença do Santo Padre! Conde, proíba seu filho...

Durante as últimas palavras de Riccardo o Papa levantara-se, mas depois volta a sentar-se. Decorre um momento antes que consiga falar, o que faz com grande esforço.

PAPA: "Ignorar"! Não temos a intenção de prestar contas a Riccardo Fontana. O Senhor seu Pai não tem nada a dizer? (Com aspereza crescente, numa tentativa de mudar de tema): Sabeis vós, Sr. Secretário, por exemplo, que há algumas semanas já estávamos preparados, com ouro, com grande soma de ouro, para ajudar os judeus de Roma que os alemães queriam deportar? Os bandidos de Hitler prometeram a liberdade dos judeus mediante resgate. Depois quiseram exigir de nós uma soma completamente fora da realidade, uma chantagem. Pois ainda assim, pagamos!

RICCARDO (volta-se desconcertado para o pai; depois, diz rapidamente ao Papa): Então Vossa Santidade já sabia, há várias semanas, o que os S.S. queriam fazer aos judeus?

PAPA (irritado, evasivo): Que dizeis?! O Superior-Geral poderá confirmar tudo o que já se fez. Os conventos e mosteiros estão de portas abertas...

Entra o Superior-Geral, a quem já conhecemos. O Papa volta-se rapidamente para ele. O Monsenhor ajoelha, beija

o anel, faz uma reverência ao Cardeal e entra de imediato na conversa. O Cardeal evita olhar Riccardo, que se postou ao lado do pai. Antes que o Guarda tenha tempo de se retirar, o Cardeal bate palmas e manda trazer quatro escabelos dos que estão encostados à parede e agrupá-los à volta do Papa. Sua Eminência toma assento, o mesmo fazendo o velho Fontana, que está muito nervoso e cansado.

PAPA (friamente, ao Abade): Superior-Geral, por favor, informai-nos do que o Bispo Hudal fez em Nosso Nome contra a deportação dos judeus. Foi dêle, exclusivamente, tão louvável idéia ?

ABADE: O Secretário da Embaixada da Alemanha, visitou-me secretamente esta madrugada e pediu-me para ameaçar o Comandante da cidade, através de Sua Excelência o Bispo, com o protesto oficial de Vossa Santidade.

PAPA (satisfeito e aliviado): Aí está! Um alemão fazer isso... como é simpático. Que tempos êstes, em que a alta traição é o último recurso dos justos! Um alemão que se envergonha dos S.S.! Agora a carta do Bispo surtirá o seu efeito e salvará aquilo que ainda puder, ser salvo.

RICCARDO (com a irreverência do homem que nada mais tem a perder): Essa carta não salvará nada, Santíssimo Padre! Somente vós podeis ...

FONTANA (interpondo-se entre o filho e o Papa): Posso falar pelo meu filho, Beatíssimo Padre ?

PAPA: De que se trata, Conde ?

FONTANA: Santíssimo Padre, se ousasse pedir-vos com toda a humildade... Ameaçai Hitler de forçar quinhentos milhões de católicos a protestar cristãmente se êle continua com os assassinos em massa!

O Papa vê que tem de responder de modo objetivo a este experimentado conselheiro. Está desgostoso, irritado e fala como se voltasse a dizer o que já tinha explicado mil vezes antes. Não obstante, consegue dominar-se, aproxima-se de Fontana e põe-lhe a mão no ombro.

PAPA: Fontana! Um conselheiro da vossa perspicácia! Como é amargo que também vós não Nos compreendais. Não vedes que a catástrofe é iminente para a Europa Cristã, se Deus não Nos utiliza, a Santa Sé, como Mediador? (Sublinhando cada palavra com uma batida no braço do trono): Sòmente Hitler defen de hoje a Europa, caro Conde. E êle combaterá até à morte, porque um assassino não espera perdão. Não obstante, o Ocidente deve perdoá-lo se êle fôr útil no Leste. E, de qualquer modo, a Razão de Estado proíbe denunciar Hitler como um bandi do, pois êle deve continuar a ser um interlocutor digno. É lamentável, Sr. Secretário, que nada saibais dos esforços de vosso Superior ...

RICCARDO: Sei muito bem, Santíssimo Padre. Mas não entendo que possamos utilizar Hitler como instrumento.

O Papa faz um par de movimentos nervosos com as mãos. Cala-se, seja por estar tão agitado que não consegue articular a voz - como antes - seja por considerar abaixo de sua dignidade o dar resposta.

CARDEAL (atalhando as palavras de Riccardo): Rogo a Vossa Santidade que encerre esta conversa! É simplesmente ináudito ... bem... que o Secretário ... (A Riccardo):Tenho-o na conta de homem de talento, sim senhor. Mas os polemistas são completamente inúteis na Secretaria de Estado hem?

PAPA (sua voz parece que está enferrujada; depois, com ironia cáustica): Conde Fontana, vosso filho nos parece ... al

tamente madura para uma viagem de recreio ...

FONTANA: Santíssimo Padre ... Riccardo, em Berlim, por intermédio do Cônego Lichtenberg, que está prêso, e pelo que êle mesmo viu...

PAPA (sarcástico, mas ainda tremendo de indignação): Sim, estamos muito tristes por vê-lo assim. Riccardo, ide pagar três meses em Castelgandolfo, ponde a Nossa biblioteca em ordem - se é que os vossos nervos podem resistir a êsse trabalho. E, sobretudo, entregai-vos aos exercícios, dai longos passeiões e contemplai a Campagna e a água. De manhã, às margens do Lago Albano, tudo é harmonia. A fresca claridade dos dias de outubro, desvendando a paisagem para além das águas, abre perspectivas no mais íntimo do nosso ser ... Ide hoje mesmo. Com todo o gosto vos damos permissão...

CARDEAL: Sim, não é mesmo ?... E poucas leituras, para poder restabelecer os nervos.

Riccardo faz uma vênia ao Cardeal, com leve ironia.

PAPA: Só se pode admitir a queda de Hitler se sobreviver como um tampão entre o Oriente e o Ocidente, como pequena potência militar autônoma, não muito forte, mas o bastante para que não possa ser completamente ocupada e dividida.

CARDEAL: Que é que os alemães pensam que estão fazendo aqui, prendendo até mesmo católicos, hem ... não é mesmo ? Todavia, que essa impertinência nos sirva de lição: os alemães devem ser mantidos de joelhos!

FONTANA (com amargura): Pelos anos a fora, Eminência! Para sempre, para sempre... têm os alemães de ser mantidos de joelhos.

PAPA (com impaciência): É certo que o terror contra os judeus é nauseabundo, mas não deve amargurar-nos até ao pon

te de nos fazer olvidar o dever que em futuro muito breve será imposto aos alemães, como Protetores de Roma. E a Alemanha deve sobreviver, não só como fronteira do Oriente, mas para manter o equilíbrio de forças. Queira Deus que fracasse a investida do Leste, pois a Europa reconheceu a tempo que, diante dessa ameaça, deve enterrar suas contendas internas. (Faz menção de sair, mas, depois de alguns passos, detém-se ao advertir que os Fontana se interpõem no seu caminho, e prossegue): E orai, amados do Senhor, orai também pelos judeus, muitos dos quais em breve estarão diante da face de Deus.

FONTANA: Com todo o devido respeito pelo que vos impõe silêncio, imploro-vos humildemente, rogo-vos...

PAPA (que se refêz após momentâneo embaraço): Poderíeis crer, Fontana, que deixaríamos passar inteiramente sem comentário essa injúria praticada sob as Nossas próprias jangals? Naturalmente que não! Eminência, o escrevente, por favor... Ninguém dirá que Nós sacrificamos a lei do amor aos cálculos políticos - não! Hoje como sempre, Nossos pensamentos estão com os oprimidos.

Como se nunca tivesse pensado em fazer outra coisa, o Papa dá agora o ar de quem vai protestar publicamente contra a detenção dos judeus. O Cardeal chamou o escrevente, que é um monge alto, gótico, franzino como uma aranha. Parece tão submisso e incharacterístico como um funcionário público da quarta geração, e tem uns requintes esquisitos que envergonhariam profundamente qualquer homem normal. Escreveu na Alemanha uma tese sobre "O Símbolo do Lírio nos Últimos Pré-Rafaelitas". Enquanto o refinado Benedictino faz as três genuflexões protocolares, num ritual que lhe é bem próprio, e se assenta ante o "console" de pena em riste, o Vigário de Cristo "concentra-se".

A frialdade e a dureza do rosto do Pontífice, que os propagandistas da Igreja descreviam amoravelmente como "espiritualização sobrenatural", atingem, por assim dizer, o ponto de congelamento. Tal como gostava de o fazer nas fotografias, olha mais além dos que o rodeiam, para longe e para o alto.

É inevitável que a cena adquira efeito irreal e até fantasmagórico. Palavras, palavras, numa linguagem completamente degenerada, instrumento clássico para falar sem dizer nada. É um consolo que, com o palco arranjado de tal modo, seja impossível mostrar algumas das vítimas em pano de fundo-famílias em frengalhos dos netos aos avós, algumas das centenas de milhares de famílias europeias, inclusive católicas, alguns dos frades e monjas - a caminho das câmaras de gás, abandonados por todos, abandonadas até mesmo pelo Vigário de Cristo. Foi assim na Europa, de 1941 a 1944.

PAPA (ditando): O ... Santo Padre ... ouve com emoção profunda e compaixão crescente o eco sempre maior das ... dos infortúnios que se intensificam ... pela duração do... presente conflito.

CARDEAL: Isso com certeza vai aborrecer muito os alemães, sim senhor.

Os Fontane entreolham-se em silêncio. O rosto do Padre-Geral está impassível.

PAPA (enquanto dita, começa andar de um lado para outro): Depois que o Papa tentou, como se sabe, em vão ... impedir a deflagração da guerra, e... e... advertiu os dirigentes das nações para o espantoso perigo de empunhar as armas no momento presente, não tem cessado de recorrer a todos os meios ao seu alcance para minorar os sofrimentos que ... que ... de qualquer forma são consequência das monstruosas conflagrações

mundiais. A universal e paternal obra de auxílio do Papa tem crescido com o aumento de tantos sofrimentos - ponto e vírgula. Sofrimentos; e não conhece - isto deve ser impresso em grifo...

ESCREVENTE (num fio de voz): Pois não, Santíssimo Padre, deve ser impresso em grifo.

PAPA (com um grande gesto e tom de voz mais alto):.. e não conhece fronteiras de espécie alguma, vírgula, nem de nacionalidade, vírgula, nem de religião, vírgula, nem de raça. (Aos Fontana): Satisfeitos, queridos irmãos em Cristo ?

CARDEAL (aparentemente impressionado): Nem de raça, Santíssimo Padre, sim senhor, isso é de atualidade lancinante, não é mesmo ? Mas ainda faltaria aqui ... se posso permitir-me, com toda a gratidão e humildade, acrescentar - se vos apraz ... (Voltando-se para o escrevente, patético): Essa multiforme e incessante atividade de Pio XII (faz uma reverência assim como o Padre-Geral) ainda se acentuou mais nos últimos tempos, devido às detenções, também em Roma, na Cidade Eterna, de israelitas que ...

PAPA (negando violentamente com a cabeça): Não, Eminência, assim tão direto não, não! A Santa Sé tem de continuar a ser o abrigo do espírito de neutralidade. (Com impaciência): Tão direto, não ... Bom, então, escrevente, como estava antes da menção direta a Roma e aos judeus ?

ESCREVENTE (levanta-se, faz uma reverência, e diz na sua voz fininha): Essa multiforme e incessante atividade de Pio XII ainda se acentuou mais nos últimos tempos, devido às ... -"devido as" são as últimas palavras, Santíssimo Padre.

PAPA: Agora prossigamos: devido ao agravamento... isso... devido ao agravamento dos sofrimentos de ... de tantos

infelizes. Eminência, pensamos que isso é mais amplo do que mencionar somente os judeus.

CARDEAL: Sem dúvida, Santíssimo Padre, não é mesmo? Fica mais amplo, caro.

PAPA (reconciliado): Já que vós, Eminência e Irmão querido, haveis nomeado aqui a Nossa humilde pessoa, então seria de toda a justiça, lembrar igualmente as orações de todos os crentes. - Então, escrevente ... (Dita agora muito depressa): Oxalá essa atividade abençoada, vírgula, graças sobretudo às orações dos crentes do mundo inteiro ...

Riccardo, entretanto, tinha-se voltado para o Padre Geral, e procura afastá-lo do Cardeal, que estava no primeiro plano. Consegue-o, enquanto o Papa continua a ditar e Fontana se retira para o último plano.

PAPA (hesitando): ... do mundo inteiro ...

ESCREVENTE (faz uma reverência, e depois, quase cantando com a sua voz fininha): Eu pensei, se posso sugerir uma forma de redação a Vossa Santidade ...

O Papa assente com um movimento da mão.

ESCREVENTE: ... que com unânime sentimento e ardoroso fervor não cessam de elevar a sua voz ao Altíssimo...

O Cardeal e o Papa trocam um olhar.

PAPA: Sim, sim, está perfeitamente de acordo com o Nosso espírito. Bem. Como dizia ... elevar a sua voz ao Altíssimo, vírgula, a fim de obter no futuro resultados ainda maiores e para que amanhã pronto o dia em que (destacando as palavras, quase em tom de canto litúrgico) a luz da paz brilhe novamente sobre a terra, e os homens deponham as armas, e se extingam todos os ódios e todas as discórdias, e os homens se olhem como irmãos, e enfim trabalhem juntos em justiça pe-

lo bem-estar comum. Ponto final.

Durante a última e longa frase final, o Papa foi-se aproximando do escrevente. Depois da palavra "deponham", dirigiu-se para o Cardeal e Fontana, quase cantando o resto do ditado. Entretanto, Riccardo importuna apaixonadamente o Abade de Padre-Geral.

RICCARDO: Esse palavreado! Padre-Geral, o senhor sabe tão bem como eu que Hitler nem se dará por achado. Ajude-me! É preciso, é preciso a nós dois, chegar hoje à emissora!

ABADE (afastando-se de Riccardo, diz em tom suave e breve): O senhor está louco! Cale-se...

CARDEAL (enquanto Riccardo fala com o Padre-Geral): Esta proclamação, Santíssimo Padre... sim, não é mesmo? ... alimenta a esperança de que ...

O Papa ouviu o Padre-Geral falar com Riccardo. Afastou-se do Cardeal e diz, sorrindo sem cordialidade:

PAPA: Então, Sr. Secretário, ainda não estais satisfeito conosco?

O Cardeal também se volta para Riccardo. Antes de este poder responder, dada a sua agitação extrema, seu pai diz:

FONTANA: Santíssimo Padre, esse manifesto, no qual nem sequer se mencionam as detenções, não pode ser interpretado como referência à questão judaica.

PAPA (que chegou ao limite da paciência): Não falamos Nós, expressis verbis, de homens de todas as raças, Conde Fontana?

CARDEAL: A proclamação passará à História, sim senhor.

ABADE: Fazemos o que podemos.

FONTANA: Sr. Padre-Geral - como muito bem o sabe, a

- 138 -

Santa Sé possui outros meios de se fazer ouvir. Beatíssimo Padre, expedi um ultimatum a Hitler, ou então um Breve que o embaixador lhe entregará.

O Papa, agitado, faz um sinal ao escrevente para que se retire.

ESCREVENTE: Vossa Santidade ainda não ... se Vos posso lembrar com toda a humildade ... ainda não assinou.

O Papa, em irritação extrema, estende a mão para a pasta que o escrevente lhe estende. Entretanto, Riccardo tira a Estrêla de David que trazia consigo e prende-a na batina. O Papa vê isso imediatamente. Fica sem voz. Com o olhar fixo em Riccardo, pega - ou melhor, arranca - a pasta dourada que o frade segura nas mãos e molha a pena no tinteiro. Deve ser uma pena de pato, idêntica àquela com que, em 1 de novembro de 1950, subscreveu o Dogma da Assunção da Virgem Maria. Com ar ausente, mergulha a pena na tinta. Enquanto assina, o Cardeal diz:

CARDEAL (ofegante, exasperado): Sr. Secretário - o senhor se esquece de quem é! Retire-se... saia daqui! Como se permite ... na presença do Santo Padre! É uma blasfêmia, sobre o hábito sacerdotal ... uma blasfêmia.

FONTANA (implorando): Ricardo ... não, por favor ...

RICCARDO (impassível, em tom apaixonado): Santíssimo Padre, o que Vós assinastes aqui foi uma carta-branca a Hitler, para fazer aos judeus o que já vem fazendo ...

Ao assinar apressadamente, em sua grande agitação, a pena escorrega dos dedos do Papa e suja-lhe a mão de tinta, que ele contempla com ar de censura, de modo que todos vêem.

CARDEAL (interrompendo o que Riccardo ia dizendo) : Cale-se! Santíssimo Padre, com toda a humildade Vos rogo, sus

pendamos esta cena!

O Papa já se recobrou o bastante para poder continuar a falar. Fã-lo de modo hesitante, embora sem a gagueira que afligia freqüentemente Pacelli como Cardeal, mas raro como Papa.

PAPA: Em nome das vítimas ... mais esta ... esta insolência! E essa impertinencia aí ... a Estrêla de David no hábito de um servo de Cristo!

Volta a olhar para a mão suja de tinta, de regra tão escrupulosamente limpa, e mostra-a aos circunstantes, com vexame profundo, como se fôsse uma ferida. O Cardeal ordena ao escrevente que se retire e, voltando-se para Riccardo, aponta-lhe furioso o peito, onde está a Estrêla de David.

RICCARDO (respondendo depressa à censura do Papa): Esta é a estrêla que todo judeu tem de usar a partir dos seis anos de idade, para indicar que está fora da lei ... Eu a usarei até que ...

PAPA (tremendo de cólera): Não usareis nada! Proibimo-lo ... Nós vos proibimos de usar na batina ... isso... essa ...

Está transtornado, a ponto de quase perder a fala.

RICCARDO (com calma, objetivamente): Usarei esta estrêla até que Vossa Santidade amaldiçoe, diante de todo o mundo, o homem que está massacrando bestialmente os judeus da Europa.

O Papa está em silêncio, aparentemente à mercê de Riccardo e da força de suas palavras.

CARDEAL: É um ultraje e uma loucura! Saia daqui para fora!

PAPA (faz outra tentativa de ir embora, muito nervoso)

so e alquebrado): Insubordinação nesta morada, desobediência, arrogância e protestantismo ... Bah!... eis aí a gratidão que recebemos por todo o bem feito por Nós ao Secretário.

FONTANA: Rogo a Vossa Santidade que me exonere de minhas funções!

PAPA: Ficai, Conde. Bastante provação já tendes com esse filho, não precisais de pagar pela loucura d'êle.

FONTANA: Por favor, Santíssimo Padre, exonerai-me.

PAPA (majestoso, frio): Ficareis... e ponto final. - E vós, Padre-Geral ... (volta-se para o Abade; o escrevente entrou sem fazer ruído, carregando uma grande bacia de cobre e uma toalha de mão) ... tendes de garantir-Nos que êste desatino terá fim. Acompanhai o Secretário até sua casa. Deus o guarde, êle não sabe o que diz e Nós lhe perdamos. Naturalmente êle não pode voltar ao seu pôsto, nem retornar a Lisboa ...

Riccardo assiste a tudo como se já não lhe dissesse respeito; não se consegue mesmo saber se êle ouve o que se diz. O frade aproxima-se do Papa com a bacia. Fontana, arrasado, cai de joelhos diante do Papa, e o frade tem o pavor estampado no rosto.

FONTANA: Rogo-vos, Santidade... Pelo amor de Deus, Santíssimo Padre...

PAPA (constrangido) Vamos, Fontana, levantai-vos, que podeis vós fazer? O comportamento de vosso filho, apesar de tudo, não pode malquistar-nos (Finalmente, glacial e duro): Non possumus. Não podemos nem devemos escrever a Hitler. Êle - e em sua infeliz pessoa os alemães in corpore - apenas se sentiria provocado e denunciado. pÉ preciso que vejam em Nós - e assim o deveria fazer Roosevelt - um mediador equitativo. Enfim, terminemos isto, ad acta.

Dirige-se de volta ao trono enquanto pronuncia a última frase. Ia lavar as mãos na bacia que lhe estende o escrevente, quando Riccardo, já na porta, diz com voz calma e firme:

RICCARDO: Deus não destruirá a sua Igreja, só porque um Papa se furtou ao seu chamado.

O Papa levanta-se sem poder conciliar palavra. Não consegue ocultar que tais palavras o feriram profundamente. Igualmente olham para a porta aberta, pela qual Riccardo saiu calma e abruptamente. Ninguém fala, só os rostos e os gestos dão idéia do espanto que domina os presentes. Fontana sente que, para ele, tratase de algo mais do que um "escandalo" imperdoável. Dá três passos desesperados em direção à porta, cheio de angústia, como se quisesse seguir Riccardo ... e depois retorna, completamente arrasado. Apoiado contra o "console", olha fixamente para o chão. Um Guarda Suíço aparece à porta, de a labarda na mão; o Cardeal, numa agitação extrema, faz-lhe sinal para que a feche. O Papa senta-se e começa a lavar as mãos. Incapaz de pronunciar palavra, sente-se feliz por ocultar o tremor das mãos com as repetidas abluções. O Cardeal, muito emocionado, contempla-o. Logo se aproxima d'ele e diz, num tom íntimo de voz que raramente usa:

CARDEAL: Santíssimo Padre, não vos deixeis impertunado por essas tolices. São apenas impertinências, não é mesmo ? ...

O Papa sorri para ele contrito e agradecido. Agora já consegue falar. Diz ao Abade Padre-Geral, com isso aquietando um pouco a sua atribulada consciência:

PAPA: Caríssimo Abade, há bastante pão para os refugiados, nos mosteiros ?

ABADE (em tom consolador, como se falasse a um enfermo grave): Os conventos estão bem providos, Santíssimo Padre, ao menos para as primeiras semanas.

PAPA (amargurado por ser tão mal compreendido): Summa iniúria! Como se não quiséssemos ajudá-los a todos, a todos! O que nos era dado fazer, foi feito. Deus sabe que somos inocentes do sangue derramado. Como as flôres (a voz sobe de tom, declamatória) esperam nos campos, sob a espessa camada das neves do inverno, o sôpro cálido da primavera, assim devem aprender os judeus a esperar, orando e confiando, que chegue a hora do consôlo celestial. - Agora queríamos (enxugou as mãos e põe-se de pé), já que estamos reunidos aqui, em nome de Jesus Cristo, queríamos orar pela conclusão da guerra ... Fontana, por favor, juntai-vos também ao nosso círculo, rogo-vos.

Fontana coloca-se de má vontade entre o Abade e o Cardeal, que se prostraram no sopé do trono, um do lado esquerdo, o outro do lado direito. O frade depositou a bacia e a toalha sôbre a mesa e também ajoelha, muito devotamente. O Papa desce dois degraus, inclina-se para o velho Fontana e diz com brandura:

PAPA: Fontana, ninguém sabe melhor do que Nós o que é ser Pai. É uma coroa de espinhos ...

Fontana é forçado a beijar o anel da mão que lhe é estendida. Então, o Papa, mais uma vez senhor por inteiro da situação, sobe de nôvo ao trono: "A silhueta alta e esguia levanta-se ... e erque os olhos ao Céu... Com os braços abertos em amplo gesto, o Papa parece querer estreitar a tôda a Humanidade em paternal abraço".

PAPA (o pano começa a descer desde as suas primeiras palavras):

- 143 -

Exsurge, Domine, adiuva nos, et li
bera nos propter nomen tuum.

Sit super nos semper benedictio
tua.

CAI O PANO

CENA I

O palco deve estar o mais escuro possível. E o estaria por completo, se não se divisasse o posto da guarda à esquerda, no primeiro plano.

Torna-se desde logo evidente, pelo efeito sonoro, que os monólogos são recitados ou "pensados" no interior do trem, sem que os recitadores apareçam. Ouve-se o ruído de um trem de carga em movimento, que depois pára. A lívida luz da alvura ilumina parcamente a cena, de modo a só tornar visíveis as silhuetas dos deportados, completamente amontoados no fundo, à direita, entre malas, cestas e embrulhos. Por enquanto não haverá nenhum outro efeito realista, como choro de crianças, conversas etc., a não ser a batida monocórdica das rodas nos trilhos da estrada de ferro, a qual deve persistir também durante a recitação dos monólogos.

MONÓLOGOS

O VELHO:

Não quero morrer no vagão nem aos olhos de meus netos.
Há tanto tempo que a angústia esvaeceu as suas faces,
truncou suas perguntas! Eles sentiam o que eu sei agora
- que o fim desta jornada é também o nesso fim.
Em tôda parte e onde quer que seja, ó Deus Terrível,
O Céu sempre nos cobre, e também são os carrascos
homens que houveram de Vós o seu poder.
Também Vós vêdes, Senhor? Sim, também haveis de ver ...
Tão fiel Vos servi, entre tantos que Vos negam

tão certo estava eu da Vossa onipotência!
 Como poderia imaginar, ó Deus inconcebível,
 que também aqui obraria a Vossa mão ?
 Não era o meu consolo na velhice
 crer que ninguém Vos arrancaria do timão ?
 É esta fé em Vós que me destrói!
 Eu Vos advirto pelo Vosso Nome:
 Não mostreis Vossa grandeza incinerando
 crianças ante as mães, para que ouçais
 repetir Vosso nome nos gritos torturados!
 Quem poderá ver no fumo das fomalhas
 um pressário de ressurreição ?
 Ó Deus Infinito ... Ser-Vos-á mais semelhante o homem
 Se acaso não tiver também limites ?
 Estará êle em tal abismo de maldade
 porque o moldaste à Vossa própria imagem ?
 Já não posso ter cólera, nem orar. Ó Deus Funesto
 agora eu só Vos posso implorar:
 Não me deixes morrer neste vagão
 nem diante dos olhos dos meus netos.

A MULHER

Êles riram, ao ver as fraldas e roupinhas
 que eu trazia na mala. Foram muito corteses
 quando lhes disse que estava de oito meses.
 E perguntaram até pelo meu marido.
 Como se dois dias antes não te houvessem
 arrancado da oficina, e jogado pela escada,
 espôso meu, até o sangue te jorrar da bôca!

E teu rosto ... quando te voltaste! Ah, se eu soubesse
o que querias dizer! Pensaste em nosso filho?
Que pensavas? E êles riam, e êles riam,
quando gritasqe que em breve me verias.
Quão felizes éramos em nossa pobre vida!
Não tínhamos inimigos ... Como gostávamos
da mesa da cozinha, e do sol da praça
ao lado do vendedor de uvas
ou à sombra do parque ... Ao domingo
íamos de mãos dadas ao cinema.
Agora, jamais chegaremos a ser três
jamais voltaremos a ser uma família!
Nunca mais estaremos à mesa, comendo e conversando
não teremos nunca mais um teto
nem caninhos e sonhos descuidados
nem o leite da manhã, nem a luz do entardecer
nem um leito e um homem do trabalho
que me dava o seu calor, o seu conforto e o seu amparo.
Ah! Tínhamos esquecido o mal que há no mundo!

Já ameaçam o infante no ventre da mãe
e o ancião que apenas quer morrer no catre
como o animal ferido em seu covil
após a caçada da vida!... Falávamos tanto
de tí, meu filho, pensávamos em teu nome
e mês a mês íamos comprando o enxoval,
o teu bercinho! Quanta alegria a nossa!
Ah! Não pode ser ... nada pode acontecer-te
Tu vives! Sinto as tuas mãos, o teu coraçãozinho.
E dentro de um mês virás ao mundo,

desamparado!

Santa Maria, Mãe de Deus - não o permitais!

Deixai-me o meu filho... deixai-nos viver!

A DONZELA:

Não há esperança, Bem-Amado ... não me encontrarás.
Deus é tão frio como o esplendor de San Giovanni.
Ele não se importa que a mulher grávida a meu lado
jamais chegue a ser mãe, ou que eu nunca te pertença.
Deus é frio, minhas mãos gelam quando as junto para rezar.
E os deuses antigos estão mortos como as suas lendas
como as velhas relíquias do Museu do Vaticano
- o ossário da arte. Ah ... senão talvez tivesse
a esperança de que ainda me encontrasses
como Orfeu encontrou Eurídice.

Mas este vagão não é a barca que se faz ao Hades
nem os trilhos que levam à Polônia são o Estige.
Até o próprio inferno foi arrebatado aos deuses
e povoado de guardas que os cantos não comovem.

Jamais me encontrarás, por muito que me busques.
Mas não o faças por muito tempo ... Busca outro amor
outra mulher que te dê mais do que eu. Esquece. Sê feliz.
E não esperes para amar! Os amantes são caçados
estão sempre em perigo. Não percas o teu dia
como perdemos o nosso na Campagna.
Não percas a tarde junto ao mar
quando a praia, o negro areal de Ostia,

é ainda cálido ... um leito para vós.

Não o esqueças para sempre nem tão súbito:
a escuridão nos rodeava e protegia
a ressaca nos inundava o coração e abafava
tuas palavras e nossos arrulhos de ternura
que ninguém podia ouvir. Aconcheguei-me a ti
tão pequenina, escondida, segura como nunca mais
e tua boca me trazia à vida. Ah ... essa noite
que nos foi dada e que não foi nossa!

Por que - perdoa-me, Bem-Amado - resisti às tuas mãos ?

Ah... se estivesses a meu lado agora, agora
que estou tão sozinha! Mas nós perdemos a nossa hora.
Se estivesse contigo à beira-mar! Talvez uma onda
nos levasse longe, para longe... juntos
Estou tão só! Toma outra vez um punhado de areia,
da areia de Ostia, e arroja-a ao mar
como se fôsem as minhas cinzas,
e grita meu nome ao vento,
como outrora, em Ostia ...

Após o último monólogo, ouve-se um barulho forte e estridente: é o trem que pára. Abrem-se as portas corrediças dos vagões, e começa então a gritaria, bem conhecida por muitas descrições, e com a qual os chefes de turma ("kapos") achavam necessário descarregar os trens. São ordens muito repetidas, que se devem reproduzir com todo o realismo, tais como:

"Vamos, vamos raus da!"

"A bagagem fica aqui!"

"Rápido, rápido!"

"Quem está doente não desce!"

"... não desce!"

"Fora daí, depressa, diabo!"

Chôro de crianças. Uma mulher grita "Rachele... Rachele ... onde estás, Rachele?".

De vez em quando ouvem-se latidos de cães, apitos e tridentes - e o silvo do vapor que escapa da locomotiva. Os prêsos, petrificados de medo, são arrancados rápida e brutalmente do vagão imaginário pelos "kapos", e desaparecem na escuridão do cenário.

Silêncio.

CENA II

Durante tôda a cena nunca se faz luz por completo, a penas um palor crepuscular. A "nuvem" vista em quase todos os desenhos feitos pelos internados, pairava constantemente sobre Auschwitz, junto com o fedor pestilencial de carne queimada e miríades de mscas. Tudo isto era sentido pela populao das vizinhanas e os viajantes que passavam pela via férrea do ramal Cracóvia-Kattowice, os quais se apinhavam s janelas quando o trem corria junto ao campo.

O cheiro meftico, o claro das chamas visível a 30 quilmetros de distância, a chuva de centelhas que brotavam dos fornos crematórios, as dez pras gigantescas nas quais se podiam queimar, ao ar livre e simultneamente, mil cadáveres - tudo isso constitui a atmosfera infernal que rodeava a fábrica da morte, inclusive as suas instalações ferroviárias e os parques circundantes. O que se passava no interior dêste mundo subterrâneo, perto dos crematórios, não  sequer imaginável, quanto mais suscetível de evocao atmosférica.

O cenário  completamente fantasmagórico, mesmo que seja possível, do ponto de vista técnico, criar a "realidade". Bastam poucas indicações:

No proscênio, à esquerda extrema, está a casa da guarda, à direita da qual se vêem alguns canteiros de flôres, tratados com esmro desumano, assim como um banco. Ao fundo, o poscnio está mais elevado e em ligeiro declive para a direita, de modo que os deportados que vão para as câmaras de gás, invisíveis, permanecem por bastante tempo em cena. À direita, uma rampa une o poscnio ao proscênio. Como pano de fundo, vê-se a portaria, tantas vêzes fotografada e ainda ho-

je (1959) intacta, pela qual entravam os trens de prisioneiros em Auschwitz: um edifício extenso, triste, parecido a um estábulo, com poucas janelas e uma torre de vigilância baixa ao centro, lembrando um silo.

Dois degraus levam à casa da guarda, que se abre para os espectadores. Há uma janela de grandes dimensões na parede do fundo, janela que está em sombras, junto à qual se vê uma máquina de escrever, telefone e cadeiras de escritório. No canto da esquerda do recinto há uma estreita cama de campanha. Ao lado, uma mesinha com um serviço de café, biscoitos e numerosas garrafas de "schnaps", que nunca faltavam quando se cometia um crime sob o regime de Adolf Hitler, o abstêmio.

A mise-en-scène em conjunto só será característica de Auschwitz se pudermos sentir o peso do fumo e do fôgo pairando sobre o pano de fundo. Deve ter-se a impressão de que esta barraca sombria e o pequeno jardim constituem ainda um arremêdo de fachada humana - mas uma fachada que, mais do que o cultar, revela o que se passa lá por detrás.

Infelizmente, não podemos consolar-nos com a idéia de que um campo como Auschwitz funcionasse ou fôsse dirigido por doentes mentais ou criminosos natos. Não, eram criaturas normais, médias, que tinham ali o seu "emprego". Para termos em mente êsse fato, começemos por examinar Helga.

Seja fortemente um velho despertador. Helga, agora auxiliar de transmissões das S.S. ("Blitzmaedel") desliga-o logo, afasta o cobertor e senta-se na cama, onde tinha adormecido com a lâmpada da mesinha acesa. É jovem e bonita, e veste apenas uma equipe de ginástica. Na blusa, sobre o farto seio esquerdo, está costurado um emblema desportivo; o pequeno calção branco tem, como adorno, do lado esquerdo, as insígnias rú

nicas das S.S. Helga dá as costas para os espectadores, ainda, e da cama emergem lentamente sua perna direita, primeiro, depois a esquerda: duas belas pernas nuas. Finalmente põe-se de pé em frente da cama e começa a entoar a melancólica canção de Hans Leip, "Lili Marlene". Ainda descalça, pega num fio elétrico com tomada e liga-o numa cafeteira cheia de água; depois, senta-se na cadeira giratória, diante da máquina de escrever, e calça com prazer evidente as meias, pois são coisa rara neste quarto ano de guerra. Está agora completamente desperta. Depois de pôr a blusa e a gravata preta, veste o uniforme cinzento, quase masculino, mas que lhe acentua a figura de manequim. Abre então a porta e aspira rapidamente o ar do exterior, a neblina e o fumo; põe em seguida o casquete sobre os cabelos louros. Seu plantão noturno termina às sete horas, isto é, daí a pouco.

Recolhe o cobertor com cuidado, dobra-o, verte água quente num coador e vai começar a ler um livro volumoso, que estava ao lado da cama, enquanto toma o café, quando aparece o Sturmbannfuhrer Dr. Fritsche com dois industriais.

Algumas palavras mais sobre Helga. Suas aptidões específicas femininas - primeiro, a de concordar por inteiro com as opiniões dos que lhe produziam forte impressão; segundo, a capacidade de ignorar tudo que a pudesse perturbar, são faculdades que ela não teve necessidade de desenvolver de modo especial. Como tôdas as características acentuadamente femininas, são-lhe inatas em tal medida que talvez achasse Auschwitz "em ordem" se realmente viesse a refletir sobre o assunto. Claro, ela jamais reflete sobre o assunto. Por isso, constitui uma espécie de pílula soporífera muitíssimo atraente para os senhores de Auschwitz, que às vêzes ficam apavora-

dos com fantasmas noturnos. Não tem nada em comum com as vi-
ragos que eram guardas do campo, embora esteja perfeitamente
consciente da natureza do que transmite pelo telefone e o te-
letipo. Pela sua afabilidade e encanto feminino, Helga prova
de forma inconsciente e simples, e de modo mais convincente
que o próprio Comandante Rudolf Hoess, quão "humano" pode ser
o homem embora se converta em criminoso profissional e, ao mes-
mo tempo, que "humano" é um vocábulo já imprestável por dema-
siado ambíguo. A ocupação favorita de Helga, quando nenhum
homem se ocupa dela, é sonhar que poderia viver muito longe da
lí, nos prados de Luneburgo, digamos. Gostaria de ser real-
mente noiva fiel e ditosa, que não enganasse constantemente o
noivo, um tenente belo mas tapado, funcionário dos crematóri-
os. Mas não faz outra coisa com o Doutor, a quem está de tal
modo prêsã que vence todos os seus escrúpulos e temores, para
poder passar uma hora com êle na cama durante o dia. Odeia êle
se médico, porque se sente prisioneira de seu encanto lascivo
- e porque odeia tudo o que além de mau fôr inteligente. Em
seu afã de limpeza e respeitabilidade, poderia chegar mesmo a
ter horror à matança dos judeus, se lhe viesse à mente que is-
so de fato era tão censurável como, digamos, que o adultério
ou escutar a B.B.C. Mas, a exemplo de tôdas as môças jovens,
ela pode ser completamente manobrada - não como material male-
ável nas mãos de um amante, mas de forma idêntica a muitas se-
cretárias que, mesmo em suas manifestações mais íntimas de sim-
patia, só repetem como papagaios o que diz o chefe.

Por isso, dois anos mais tarde, em 1945, compreende-
rá rapidamente e sem sombra de oportunismo que "não estava cer-
to" o que se tinha feito aos judeus. Mas também foi porque um
judeu, oficial das fôrças de ocupação, de forte virilidade,

lhe fêz compreender isso. Mesmo na cama, ela não lhe confessará, por motivos de segurança, ter conhecido todos os detalhes horripilantes daquilo a que ela dava a sua participação, em Auschwitz. "Naturalmente", não tinha a menor idéia de que se exterminavam os homens de forma sistemática - e o americano acreditará, não só porque ela é encantadora, mas também porque lhe parece possível o que diz, tal como seus colegas, os juizes de Nuremberg, acreditaram em Julios Streicher, quando afirmou desconhecer por completo as operações de extermínio.

O Doutor não só recebe ajuda de doces jovens sem caráter, mas também de amargos burgueses cheios de caráter - o que vem confirmar a afirmação incontestável do Principe de Talleyrand, de que o homem casado, com família, está sempre pronto a fazer alguma coisa por dinheiro ... Aquêles a quem Deus destina uma função, destina-lhe também colegas. Os cavalheiros que vão agora ver Helga, embora "imaginários", já nos são conhecidos da segunda cena do primeiro ato. Há muito nos são familiares, seja porque os vimos diariamente no carrossel do Milagre Econômico Alemão, ou no espelho de nosso próprio quarto de banho.

Vê-se, nesta manhã, que êles sobreviverão à guerra, para satisfação física e financeira d'êles. Embora todos pareçam indispensáveis em seus postos, e portanto dispensados de irem para a frente de combate, são na realidade tão intercambiáveis como pneumáticos de automóvel. Por essa razão, bastará examinar um d'êles.

Vejamos o que está de uniforme: Herr Dr. Fritsche. É homem pálido, de óculos, parecido ao Reichsfuhrer Himmler como uma foto sem retoques ao retrato de um profissional. Os materiais humanos de ambos os sexos que chegam em boas condições

são distribuídos por Fritsche, contra recibo, às diversas indústrias que se instalaram à volta de Auschwitz como abutres sobre restos de carne... E, uns meses depois, sempre contra recibo, aceitar em devolução os miseráveis despojos de trabalhadores explorados por firmas de tanta reputação como as IG Farben - e entregá-los às câmaras de gás. Herr Fritsche nunca sentiu escrúpulos por desenvolver essa atividade, pois estava formado em Direito e sabia que nada se passava aí que não tivesse vindo corretamente pelos canais competentes. Jamais lhe passou pela cabeça bater num prisioneiro, e está convencido de que seus subordinados somente os flagelam quando algum, por simulação ou preguiça, deu motivo a que o açoitem, de a cordo com o regulamento de castigos físicos. A prova de que uma doença não era simulada só se aceitava quando o detido morria dela.

Por princípio, Herr Fritsche não presencia nem ouve a execução de castigos disciplinares, assim como evita ver os fornos crematórios em pleno funcionamento, pois teme sinceramente "perder a fibra e recair em nossas idéias burguesas". Combate essas tendências com longos passeios sob a proteção de dois cães-lobos e com a leitura das Cartas Educativas Nacional-Socialistas, muito embora Herr Fritsche se desinteresse por completo da política. Fêz estudos superiores à custa de muitos sacrifícios e casou-se com moça pobre. Por isso, aspira a um rápido êxito financeiro em sua carreira, mas jamais enriqueceria ilegalmente: o relógio de pulso, de ouro, propriedade de um judeu de Amsterdam, que morreu queimado, chegou-lhe ao antebraço pelos canais competentes. Como o "Führer", porém, falou recentemente com áspero sarcasmo dos juristas, dizendo que todos pertenciam ao passado, o Dr. Fritsche já não vê vantagens em seguir a magistratura e trabalhar de ad

vogado parece-lhe completamente absurdo. Diga-se de passagem, não é porque tenha sentido o grotesco do caso quando gente da sua laia processava, por exemplo, um homem que havia roubado uma bicicleta - coisa que sucedeu amíúde, como se sabe, na Alemanha Ocidental depois de 1950. Tudo o que o Sturbannfuhrer Fritsche diz a si mesmo, é que, após a vitória final, a moderna jurisprudência só admitirá as duas medidas punitivas seguintes: morte ou deportação para as regiões ocupadas do Leste, pois o Grande Reich Alemão não deve ficar sobrecarregado com prisões cheias de "bôcas inúteis". Por consequência, e porque faz bom efeito, o Dr. Fritsche só fala do feudo que sem dúvida lhe será outorgado pelos seus serviços e que pensa explorar junto com a família. Infelizmente, o feudo estaria localizado na Ucrânia, então momentâneamente reconquistada. Não é preciso dizer que êle nada entende de agricultura. Acha muito difícil entrar em contato com criaturas vivas: Helga, por exemplo. Chega a evitar aproximar-se de um cavalo, por medo de levar um coice. Em 1952 é consultor financeiro de uma das mais importantes companhias de construção da Alemanha, em 1960 é conselheiro do Tribunal de Recursos, com direito a aposentadoria. Resignou-se à mudança de profissão, apesar do temporário sacrifício financeiro, por causa de uma doença cardíaca que o leva a preocupar-se com a segurança econômica da família ...

A atmosfera tornou-se o mais clara possível, apesar da neblina e do fumo estagnado. Enquanto Helga prepara o seu café, Fritsche aparece envolvido num capote de inverno, de quepe e protetor de ouvidos. Vai quase a entrar na barraca para esquentar-se quando, vindo da esquerda, aparece um oficial de expressão carrancuda, com capacete de aço, chicote, lanterna

e um cão-lôbo, e se dirige a êle.

OFICIAL: Meu Major, uma informação!
Prende o cão às pernas do banco.

FRITSCHÉ: Tão de madrugada ? Que houve ?

OFICIAL: Uma grande surpresa na plataforma da estação externa, meu Major. O Papa mandou-nos pessoalmente um padre...

FRITSCHÉ: Que é que o Papa fez ?

OFICIAL: O Papa mandou um padre acompanhar os judeus batizados. Êsses judeus vêm de Roma, afinal! Vinha com êles como diretor espiritual, claro. E vai...

FRITSCHÉ: E vai o que ?

OFICIAL: E vai daí, algum idiota embarcou o homem em Roma como se fôsse um desses porcos. Amontoado junto com êles, lá no vagão, de sotaina, claro... E não é judeu, é italiano ... e além disso dizem que é amigo dos Pacelli.

FRITSCHÉ: Maldito! Que sujeira maldita!

OFICIAL: O meu receio é que êle já tenha visto coisas demais no trem!

FRITSCHÉ: Venha daí, precisamos de um schnaps, depois de um choque dêstes!

Atravessaram o jardinzinho; Fritsche bate baixinho à porta, quase com timidez.

HELGA: Entre!

FRITSCHÉ (tímido): Olá ... Heill und Sieg! Dá licença de entrar e nos esquentarmos um pouco em sua companhia, Senhorita Helga ?

HELGA: Pois não, bom dia. Está frio, não ? Sirva-se, Heinz, aqui tem cigarros; Senhor Fritsche, faça o favor ...

OFICIAL (pega um cigarro): Obrigado, Helga. Como

vai ? Eu não quero tomar schnaps, estou saindo do serviço.

HELGA: E o senhor Fritsche ? Café ?

FRITSCHÉ: Não, muito obrigado, só um schnaps, tenho que ir à estação. (Ao oficial, enquanto Helga arruma uns papéis): É preciso que o senhor leve o padre embora. Às oito em ponto vou chamar Berlin. Ele quer voltar para Roma ? Só nos faltava êsse sujeito aqui!

OFICIAL: Quer ir a Breslau, com dinheiro alemão. Vai visitar o Bispo de lá e depois segue para Berlin, para a Nunciatura.

FRITSCHÉ: Para que ? Quer apresentar queixa, ou que?

OFICIAL: Não, não fala nisso. É que êle trabalhava lá. Claro, estava furioso com os idiotas que o embarcaram em Roma ou na Itália do Norte como se fôsse um judeuzinho. Agora já está mais calmo.

FRITSCHÉ: O sujeito que fêz isso vai-se divertir na frente russa bem depressa! Bêsta irresponsável! Proceder dêg se modo, como se estivesse na Ucrânia, sobretudo agora, que a nossa posição na frente russa está tão precária ... É incrível ... Bem, mais um schnaps para passar o susto. Helga, te nha a bondade, distribua o consôlo ...

HELGA: Estou sempre distribuindo consôlo ... e quem me consola ?

FRITSCHÉ: Bem... vou telefonar para Berlin. Adeus, Helga, muitíssimo obrigado!

HELGA: Até logo.

OFICIAL: Vou com o senhor, preciso de dormir um pouco.

HELGA: Heil, Sr. Fritsche! Heil, Heinz! durma bem... eu também tenho que recuperar o sono perdido desta noite ...

Helga boceja e ri. Fritsche e o oficial saem. Helga desliga a lâmpada da mesa e levanta a cortina escura exigida pela defesa antiaérea, que está ao longo da fachada traseira. Soa uma serra mecânica, e êsse ruído procedente de uma das oficinas do campo, sublinha algumas palavras particularmente significativas do Doutor.

O "Formoso Diabo" surge, elegante, pela direita, e puxa com leveza os renques do pequeno jardim. Sobe os dois degraus que levam à porta, de pingalim na mão e um livro debaixo do braço. Já entrou no cômodo, sorridente, amável, pérfido, sedutor, muito alto e magro. Helga fica assustada até ao fundo da alma, mas vê-se que prefere êsse mêdo à paz de espírito. Recua um passo, mas êle já a atraiu a si e beija-a na boca, enquanto ela diz:

MELGA: Tu! Sai daqui, larga-me diabo. Odeio-te, odeio-te... larga-me! Não ... alguém pode ver-nos! Olha a janela... canalha... volta para a tua judia!

Depois dos primeiros beijos, Helga tenta afastá-lo. Êle ri com suavidade e ternura e abraça-a fortemente enquanto ela se debate, batendo-lhe, furiosa mas sem esperança - apertada nos braços dêle como num tórno.

MELGA (torturada, fraca, aconchega-se a êle, que lhe mordisca uma orelha): Vais desgraçar a todos nós, a todos os três! Vai dormir com as prisioneiras, até que alguém te enforque.

DOCTOR (com terna ironia, pelo que Helga afinal se vê obrigada a sorrir): Estás com ciúmes de uma pobre mulher como aquela? Mas eu não te odeio por ires cumprir tôdas as noites o dever de noiva com o teu Gunther. Para mim, só tens tempo ao meio-dia ... Vens hoje?

HELGA: Agora já tens a tua judia.

DOUTOR: Mas tu só virás para perguntar, minha gatinha, se eu te posso emprestar algum livro ... Nada há de mau nisso!

HELGA (consegue libertar-se e afasta-se três passos; Larga-me de uma vez... podem ver-nos.

DOUTOR: Tens razão, então sai de perto da janela. (A garra-a por um braço, Helga defende-se com um pontapé; êle dá um par de voltas sobre si sem soltá-la); Olha, é a primeira vez que te vejo com meias!

HELGA (agora encostada a êle, contente): Estava tão fria esta manhã ... Ah, não ...

Êle deita-a de súbito na cama de campanha e coloca o joelho esquerdo entre os pés dela.

DOUTOR: Estou antecipando o prazer do meio-dia. Olha aqui ...

Tira um colar de pérolas do bolso e o faz oscilar di-
ante do rosto de Helga. Ela não presta atenção, mas diz, atormentada:

HELGA: Êle vai-te denunciar... vai matar-nos!

DOUTOR: Cala-te de uma vez! O teu Gunther já fica muito contente quando não tem que matar ninguém. Hoje à tarde êle está de serviço no crematório, enquanto nós nos aquecemos na cama. E então? Então terás muito medo e ficarás pequenininha, minha gatinha nua ... (suave) ... e logo sentirás tal fogo que nem vais saber quem te pôs assim tão assanhada. Olha, olha... (Agita o colar).

HELGA: Que medo me dás!

DOUTOR: Não gostas do colar? Achei as pérolas hoje de manhã ao abrir uma ostra de uma judia, gorda como um barril.

Vou fazer-te presente delas quando te cases...

HELGA: Não quero saber do colar. Que iria eu dizer a Gunther ?

DOCTOR: Que o herdaste. Mas nós vamos estreá-lo hoje ao meio-dia. (Levanta-se, passeia nervosamente pelo cômodo e diz com ironia e encanto): Então não haverá razões para teres vergonha. Colocarei as pérolas no teu pescoço... e a mão esquerda também estará ornada com a aliança de noivado ...

HELGA: Ainda caçoas de mim ? Não quero o colar, não quero não quero!

DOCTOR (com grande calma): Isso te faz muito bem ... Vê-se no teu rosto ... é como limpar um espelho embaciado.

Helga sacode violentamente a cabeça, mas não consegue ocultar um sorriso. Depois abraça o Doutor e o atrai para a cama.

HELGA: (Calma, depois hesitante, mal podendo pronunciar as palavras): Ah ... conta, por que havias de fazer isso com essa judia ... Ela tinha dois filhos. Ela sabe que tu os mandaste ...

DOCTOR (afasta-se dela, mas não agitado; objetivamente): Não vim aqui para falar do meu serviço. Não sejas infantil e ciumenta ... Ah; biscoitos ... Tenho fome. (Beija-a, pega um biscoito, morde-o e encaminha-se para a porta): Bem, vamos seleccionar os italianos.

HELGA (interpõe-se em seu caminho e mostra pela primeira vez certa firmeza, que não dura muito tempo): Não ficarei com ciúmes se me disseres por quê essa mulher precisamente ...

DOCTOR (aborrecido): Que diabo, é porque me excita, é porque me excita.

HELGA (leviana, feminina): E eu não te excito bastante ?

DOUTOR: Bobinha ... meu docinho de leite! Não compreendes ? Quero ver se essa miserável mulher continuará a dormir comigo depois de lhe dizer o que aconteceu aos seus filhos ...

HELGA (afastando-se dêle): Como és horrível! Poupa-lhe a vida, pelo menos deixa-a viver...

DOUTOR: Para que lhe serve a vida ? A família dela está morta.

HELGA (alto, excitada): Mas ela espera isso, é por isso que se entrega a tí! Qualquer mulher o faria, até eu.

DOUTOR: Pode ser que a princípio só viesse por isso. Para se lavar com água quente e comer alguma coisa ... É possível ...

HELGA: Qual o teu interêsse, então, se sabes isso ?

DOUTOR (sorridente): Agora as coisas já não são tão simples. Agora, ela vem para (Interrompe o que ia dizer com uma gargalhada).

HELGA: Cada vez me pareces mais estranho ... (Hesitando, falando com dificuldade): Sim ... se fazes com ela como fazes comigo, então ela deve estar apaixonada por tí, mesmo que te amaldiçoe e se amaldiçoe a si mesma por toda a eternidade.

DOUTOR: Eternidade!

HELGA: Nunca mais irei ter contigo, nunca mais!

DOUTOR (beija-a sorrindo): Está bem ... como sempre, vem à uma e meia. Sinto tamanha avidez de me aquecer junto à tua pele, minha gatinha ...

HELGA (grita, com os olhos rasos de água): Nunca mais,

nunca mais, já disse!

DOCTOR (volta a tomá-la nos braços, doce, ternamente): Dorme primeiro um bom pedaço ... e não batas à porta. Olha apenas à tua volta e, se alguém te seguir, dá volta à casa e experimenta outra vez.

HELGA (desconcertada): Tenho de pensar muito antes.

DOCTOR (sorrindo): Então pensaremos juntos. Adeuzinho.

Helga tinha-o acompanhado até a porta. Agora o Doutor já está fora da casa. Enquanto pronunciava as últimas palavras, ia mordiscando o biscoito. Não viram chegar os deportados, nesse momento, pelo fundo do cenário. Formam à esquerda, ao fundo, um muro fantasmático. Não trazem bagagem, pois a bagagem ficava sempre nos trens.

(Aqui só nos afastamos da exatidão histórica em que as mulheres e as crianças ainda não estão separadas dos homens, enquanto que, na realidade, desde a descida do trem, e por conseguinte antes da seleção, já se separavam uns dos outros).

Ouvimos a "música de fundo" que acompanha os deportados enquanto descem pela rampa à direita: o rumor leve e pacífico de um misturador de concreto. Agora, à direita, ouve-se o silvo de um apito - vindo do lugar onde se vê o reflexo do fogo, o qual não deve ser representado com realismo. Um "kapo" destaca-se do grupo que permanece em segundo plano, escolhe ao acaso seis deportados de vários tipos e idades e manda-os descer para a direita, sem dizer palavra. Helga e o Doutor dão uma olhadela rápida às primeiras vítimas que avançam quase paralisadas de terror, até que elas desaparecem pelo fundo à direita. Depois, o resplendor do fogo torna-se mais in-

tenso. O som do misturador de concreto diminui. Sua monotonia reflete o processo estereotipado dos assassinios.

Helga está agora afobada para sair daqui. De súbito, aponta à direita e exclama:

HELGA: Olha! Olha lá no fundo! O padre!

DOUTOR (afastando-se e dando dois passos para a direita): Ora ... Vai, vai dormir, Helga.

HELGA: Não, escuta ... Fritsche deu ordem para que o Padre - acho que deve ser esse - não entrasse no campo! Foi deportado por engano!

DOUTOR (voltando-se): O negócio é igual para todos, todos têm de entrar!

HELGA: Parece que ele não é judeu!

DOUTOR: Eu decido quem é judeu. Não te preocupes, já estou a par do assunto.

HELGA: Até logo. - Como o cheiro está forte, hoje! Horrível.

DOUTOR: - A garoa não deixa subir o fumo. Sonha com os anjos, meu docinho de leite.

Helga sai até o jardim, contorna a casa pela esquerda e desaparece. Ainda se lhe divisa a cabeça através da janela. O Doutor, golpeando com o pingalim as suas elegantes e flexíveis botas de montar, fita Riccardo, que está ao lado da Sra. Luccani, do sogro e dos filhos, mal reconhecíveis ainda. Ouve-se o ruído estridente de um caminhão que se aproxima. A "luz" opressiva, a fumaça gasosa e o resplendor do fogão fazem que o espectador se concentre na figura do Doutor, que está de costas para a audiência, arrogante, mas contudo gracioso. Planta-se na frente de Riccardo e olha-o fixamente. Riccardo, tímido e assustado, como se sentisse o peso daquele olhar, vol-

ta os olhos para êle. Depois, pega rapidamente a filhinha dos Luccani ao colo.

DOCTOR: Tu aí! Vossa Santidade! O de prêto, vem cá um pouco. (A Sra. Luccani chega o filho mais perto de si, e todos os deportados, com exceção de Riccardo, olham para o Doutor. Reina um grande silêncio). Vamos, vem cá!

Com passo impaciente, o Doutor dirige-se ao fundo, à esquerda, para o grupo de deportados, e faz sinal a Riccardo, que já não pode evitá-lo: hesitante, destaca-se da fila com a menina nos braços. O Doutor volta atrás em silêncio e fica o mais perto possível do proscênio, à direita, fazendo sinal a Riccardo para que o siga. Riccardo segue-o, vacilante. A Sra. Luccani, que o vê partir com sua filhinha, grita fora de si:

JULIA: Não vá! Pique aqui, fique conosco!

Começa a chorar. O sôgro pega-a por um braço para acalmá-la e fala com ela. Ao grito de Júlia, Riccardo detém-se e olha para trás. Tem medo.

DOCTOR (ameaçador, como se falasse a um cão): Vem cá, já disse!

Riccardo avança um pouco mais. Agora êle e o Doutor estão cara a cara, bem no proscênio. Riccardo tem sangue na cabeça e no rosto. Foi espancado.

DOCTOR: Fôste tu que fizeste essa macaca bonitinha?

RICCARDO (maldoso): Os alemães mataram o pai dela com pancadas, porque achavam graça que êle usasse óculos.

DOCTOR: Gente terrível, êsses alemães. (Com o pingalim, dá uma pancadinha quase amistosa no peito de Riccardo). Que é da tua Estrêla de David?

RICCARDO: Tirei-a porque queria fugir...

DOCTOR: Ouvi dizer que não és judeu? E contaste ao

pessoal na plataforma que o Papa te havia mandado para cuidar dos judeus.

RICCARDO: Disse isso só para escapar. Acreditaram e deixaram-me em liberdade. Mas eu sou judeu como os outros.

DOUTOR: Meus respeitos! Aí está uma peça digna de um jesuíta! Mas, então ... como é que voltaram a agarrar-te ?

RICCARDO: Ninguém me agarrou. Eu mesmo me meti outra vez no meio dos outros.

DOUTOR (sarcástico): Vejam que coisa, quanta nobreza! Mas é claro que tu não és judeu... (Riccardo cala-se. O Doutor senta-se no banco e continua, com ironia profunda): Um mártir, hem ? ... Mas, então, por que quiseste fugir ?

RICCARDO: O senhor não ficaria assustado, se o trouxessem para aqui ?

DOUTOR: Assustado ? Por que ? É um campo de integramento. E quando se está perto de Deus como tu! ...

RICCARDO (muito incisivo): Aqui se queimam seres humanos ... o cheiro de carne e cabelos queimados ...

DOUTOR (agora trata-o por "senhor"): O senhor não sabe o que está dizendo. O que está vendo são apenas fábricas de lubrificantes, medicamentos, azêto, borracha, granadas de mão ... Aqui está nascendo uma nova Bacia do Ruhr. As maiores indústrias alemãs têm filiais, e a Krupp as terá em futuro breve. Os ataques aéreos não nos alcançam e a mão-de-obra é barata.

RICCARDO: Já faz um ano que sei o que se passa aqui. Só que minha imaginação não era bastante. E hoje, de repente, não tive mais coragem ... de continuar .

DOUTOR: Não diga! O senhor já está ao corrente de tudo! Muito bem ... Compreendo o seu desejo de ser crucifica

do, mas vou-me dar ao prazer de esvaziar a sua soberba em nome de Deus, do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Tenho outros projetos para o senhor.

Riccardo pôs no chão, a seu lado, a menina que trazia ao colo, e que se aperta muito contra êle.

DOUTOR (à menina): O titio Doutor tem bombons para você... venha ... venha cá ...

Tira do bolso um pacotezinho; a menina estende a mão com avidez:

MEMINA: (tímidamente): Obrigada.

O Doutor pega na menina e quer sentá-la no banco ao seu lado, mas ela, sem soltar o pacote de bombons, resiste e aperta-se contra Riccardo.

DOUTOR (sarcástico): Que paixão! (À menina, amigável): Como se chama você? (A menina não responde). Pena que não tenha um irmãozinho gêmeo. A pesquisa sobre gêmeos é a minha distração. Mesmo quando estamos atarefados, as crianças aqui nunca vivem mais de seis horas. Nem as mães. Temos bastante bēstas de carga, por isso mandamos as crianças de menos de quinze anos para a câmara de gás, juntamente com as mães. Assim evitamos muitos gritos e choradeiras. Que é isso? o senhor acaba de dizer que sabia o que se passa aqui.

RICCARDO (a voz rouca de horror): Seja breve.

DOUTOR: Como?! Mas então o senhor não queria morrer já, também? Veja como é: aspirar fundo por um quarto de hora - e lá estará o senhor sentado à mão direita de Deus Pai. Não! Não posso fazer-lhe um favor dessa natureza, enquanto todos os seus semelhantes se convertem em fumo sem essa consolação. Enquanto o senhor tiver fé, a morte será uma brincadeira.

- 168 -

Ouve-se barulho no segundo plano: os deportados têm de ser conduzidos. A Sra. Luccani tenta sair da fila para se aproximar de Riccardo. Grita:

JULIA: Deixe-nos juntos! Não vou! ... Minha filha!
Um "kapo" corre à frente e procura pôr Julia outra vez na fila. O velho Luccani agarra-o com rudeza.

LUCCANI SR.: Não batam nas mulheres! Não batam nas crianças!

A menina procura arrastar Riccardo até onde está a mãe. Riccardo hesita. O Doutor intervém.

DOCTOR: Larga-a! (À mulher): Quem vai chorar então, se vos separam?

Os deportados avançam outra vez. O velho quer ficar, mas é arrastado. Chama com voz cansada:

LUCCANI SR.: Julia, Julia! Estou esperando... vamos.

Arrastam-no. O fundo do palco fica vazio quando sai o grupo, no qual está incluído o industrial, que vai amparando o velho e uma mulher grávida. Logo se cala o misturador de concreto.

JULIA (suplicante, ao Doutor): Deixe-nos ficar com o Padre. O senhor vê como a menina gosta d'ele. Foi tão bom para nós durante a viagem! Por favor, deixe-nos morrer juntos, o Padre e nós ...

MENINO (que ela trouxe consigo da fila, com medo do Doutor): Vem, Mamma, vem ...

DOCTOR (a Julia): Ora, ora! Aqui não morre ninguém.
(A Riccardo): Conte a verdade à mulher! Tudo isso são fábricas, veja as chaminés! A senhora tem de trabalhar lá, e trabalhar duro, mas ninguém lhe fará mal. (Afaga o cabelo do menino para acalmá-lo: Vamos, menino. Vamos arranjar alguma coisa

sa para você comer e uma fatia de pudim!

JULIA (embora ainda meio louca de medo, sente-se agora cheia de confiança no Doutor): O senhor sabe onde está o meu marido? Para onde foi levado o meu marido?

DOCTOR: Agora vão embora. Vamos, leve a sua irmãzinha. Seu marido? Bem, ainda deve estar em Roma. Ou talvez noutro campo. Não conheço toda a gente que há aqui. (A Riccardo): Vamos, devolva a menina à mulher. (À Julia): Vá, pegue a menina. Ainda temos que conversar.

JULIA (a Riccardo): Fique com a gente, por favor, fique! Esta manhã o senhor sumiu de repente! Fiquei tão contente quando o vi voltar ...

RICCARDO (afaga a menina, dá-lhe um beijo e entrega-a à mãe): Voltarei logo ... eu volto - tão certo como Deus está conosco.

DOCTOR: Então, faça o favor ... dentro de um quarto de hora seu amigo estará outra vez com a senhora. (Chama um "kapo" e entrega-lhe a família). Quem fica para trás não ganha comida. Vá embora ... depressa!

Saem todos, menos Riccardo e o Doutor. Riccardo caminha baleia.

DOCTOR (solícito): Vejo que o senhor está muito cansado. Sente-se ...

Aponta-lhe o banco e dá como que uns passos de dança de um lado para outro. Riccardo senta-se, exausto.

RICCARDO: O senhor é... é o diabo!

DOCTOR: Diabo? ... Fabuloso! Eu sou o Diabo, o senhor o capelão da minha casa. Façamos um negócio: salve a minha alma. Mas, primeiro, tenho de lhe fazer um curativo. Por favor, venha cá... como arranjou êsses arranhões?

Enquanto o Doutor entra na casa, Riccardo fica sentado no banco e leva à frente o lenço ensanguentado para limpar o sangue fresco.

DOUTOR (no limiar da porta): Venha, venha. Ainda tem muitos projetos que lhe interessam, Sr. Capelão...

RICCARDO: Que pretende de mim ?

DOUTOR: A minha oferta foi a sério; senão, sabe o que verdadeiramente o espera ?

Está dentro da casa e mexe numa caixa de "pronto-socorro" doméstico. Ricardo sobe as escadas e deixa-se cair na primeira cadeira que vê.

DOUTOR (fala quase a sério, enquanto lhe põe uma atadura): Há pouco tempo, essas bêstas torturaram um Padre vindo da Polónia, que também era voluntário e se ofereceu para morrer no lugar de um prêso com filhos. No fim, puzeram-lhe uma coroa de arame farpado. Teve o que queria, o que vocês todos querem: o martírio de Cristo. E, mais tarde ou mais cedo, não resta dúvida de que Roma vai canonizá-lo. Mas o senhor, meu caro amigo, será apenas gaseado. Pura e simplesmente gaseado, sem que nenhum outro homem, nem o Papa, nem Deus, venha jamais a saber. Morrerá como um caracol esmagado pelo pneu de um automóvel, morrerá sem finalidade.

RICCARDO (desdenhoso): Crê que Deus não assinala as vítimas senão quando são mortas com fausto, espetacularmente?

DOUTOR: Ah, ah! Então Deus assinala as vítimas! Sério ? Pois olhe, ultimamente, só em um dia, queimei 9 mil pessoas! E Deus não acusou o toque...

RICCARDO (gemendo, diz contra a sua própria opinião): Não é verdade, não pode ser...

DOUTOR (displícite): Nove mil em um dia. E criatu-

ras tão encantadoras como a menina que o senhor trazia ao colo... As crianças mais pequeninas muitas vezes vão para o fogo desmaiadas, sobretudo as criancinhas de peito. É um fenómeno interessante. Por estranho que pareça, o gás nem sempre as mata.

Riccardo esconde a face nas mãos. Logo se precipita para a porta, mas o Doutor puxa-o para trás e ri.

DOUTOR: Ora, o senhor não pode viver sempre fazendo o bem! Pare de tremer assim. Palavra de honra que o deixarei viver ... Que diabo de diferença pode ter para mim mandar uma peça a mais ou a menos pela chaminé ?

RICCARDO (grita): Viver... para ser seu prisioneiro!

DOUTOR: Meu prisioneiro, não: meu sócio (dá um tapinha no pescoço de Riccardo) ... houve tempo em que também usei cabeça... somente uma natureza teológica, como eu, se arriscaria a assumir o peso de tão grande culpa ...

RICCARDO (bate na fronte em desespero e grita): Mas por quê ... por quê ... Por quê faz isso ?

DOUTOR: Porque eu queria uma resposta! Jurei que havia de provocar Deus tão desmedidamente, que Ele teria que dar uma resposta. Mesmo que fôsse apenas negativa, que é a única capaz de desculpá-lo: que Ele não existe.

RICCARDO (sarcástico): Uma piada ... que milhões de seres pagam com a vida. Então o senhor não é... sequer ...um criminoso ? É apenas um idiota ? Tão primitivo como Virchow que dizia ter dissecado dez mil cadáveres e não ter encontrado vestígios da alma ...

DOUTOR (ferido): Alma! Não é isso um tanto primitivo ? (Imita um sacerdote em oração): Credo quia absurdum est. Sempre o mesmo ? (Sério): Escute a resposta: nem um suspiro

veio do Céu, nem um único suspiro em quinze meses, desde que estou mandando turistas para essa Ascensão.

RICCARDO (irônico): Com tamanha selvageria ... e só para tentar mostrar o incompreensível ...

DOCTOR: (Com uma risada de verdugo): Na realidade, Auschwitz nega o Criador, a Criação e a Criatura. A vida como idéia está morta. Desta experiência, só restará um pecado: maldito seja quem cria a vida. Eu suprimo a vida, o que é a forma atual de ser humano, a única salvação para o futuro. Falo com inteira seriedade, mesmo no íntimo. Por piedade, eu próprio sepultei sempre os meus filhos em preservativos.

Silêncio.

RICCARDO (tenta mofar dele, mas acaba gritando para não chorar): Uma conferência humanística proferida por um sádico! Salve uma criança, uma só, para que se veja que o senhor é um ser humano.

DOCTOR (displícite): Com que direito os padres olham de cima para os S.S. ? Nós somos os dominicanos da era tecnológica. Não é por simples acaso que tantos colegas meus provêm de boas cepas católicas. A Igreja, que durante séculos praticou o crime no Ocidente, agora quer representar o papel de instância moral de uma parte do mundo. É um absurdo ! (Está muitíssimo divertido). Uma civilização que entrega as almas de seus filhos nas mãos da Igreja em cujo passado existe a Santa Inquisição tem que se iluminar com as nossas fogueiras humanas. Concorda com isto ? Não, é claro (Cospe e toma um "schnaps"). Um de nós é honesto ... o outro crente.

(Malévolo): Foi a sua Igreja a primeira a provar que se podiam queimar os homens como carvão. Somente na Espanha, e sem fogos nos crematórios, vocês queimaram trezentas e cinquenta mil pes

soas. Para isto é preciso a ajuda de Cristo.

RICCARDO (indignado, em voz alta): Sei tão bem como o senhor quantas vezes a Igreja tem sido, e é, culpada. Senão, não estaria aqui. E não direi mais nada se fizer Deus responsável pelos crimes de Sua Igreja. Deus não preside à História. Ele participa do que é finito. Em Ele se resumem todos os sofrimentos do homem.

DOCTOR (cortando-lhe a palavra): Sim, sim, também já me ensinaram isso. O sofrimento dêb na terra a corrente o princípio do mal. Mas, de que forma? Onde... onde é que eu fui jamais acorrentado? (Dá uma palmadinha no ombro de Riccardo, rindo. Êste retrocede). Acho graça na sua cólera. O senhor é um parceiro, vi-o desde logo. Vai auxiliar-me no laboratório, e tôdas as noites conversaremos.

RICCARDO: Não tenho a menor intenção de ser o seu bêbo da côrte. Jamais vi um homem mergulhado em sofrimento tão profundo; porque o senhor sabe o que faz ...

DOCTOR (desagradavelmente tocado): Tenho de decepcioná-lo outra vez. É certo que sempre me assalta o enfado. E só por isso que me distrai o nosso debate, única razão pela qual o senhor continuará vivo. Mas, sentir-me em tormento? Não. Estou estudando a fundo o ser humano. Ainda ontem observava um trabalhador dos fornos crematórios: à medida que êle ia retalhando os cadáveres para que caibam pela porta dos fornos, deu de cara com o cadáver da espôsa. Qual seria a reação dêle?

RICCARDO: Não parece que êsse estudo o alegre particularmente... O senhor mesmo não é mais feliz do que o tal trabalhador.

DOCTOR: Não? Está muito enganado ...

(Sem uma pausa): O senhor pode ter aqui champanha e mulheres. Hoje ao meio-dia, enquanto essa família que veio consigo desapa- recer no crematório, eu também desaparecerei, mas entre as pernas de uma garôta de dezenove anos. É um consôlo melhor do que a sua fé, porque realmente o "temos" com o coração, a bô- ca e as mãos. E o temos na terra, quando faz falta. Mas o se- nhor conhece tudo isso...

RICCARDO (em tom distraído): Claro, é um belo consô- lo - mas que não dura muito ...

DOCTOR (pondo as luvas quase triunfante): Entendem -nos maravilhosamente. Terá no laboratório duas belas garô- tas...

Durante as últimas frases voltou a soar lá fora o zim- bido do misturador de concreto. Não se vêem ainda deportados, mas ao fundo, à extrema direita, o reflexo do resplendor de um fogo inenso brilha de nôvo, poderoso e ameaçador. Ouve-se o ruído de dois caminhões. Apitos estridentes. Riccardo levan- ta-se de um salto, escancara a porta, aponta para a luz do mun- do subterrâneo e grita com desprezo, enquanto o Doutor se a- proxima lentamente dêle:

RICCARDO: Lá ... lá embaixo ... eu estou lá, no meio dêles! Que necessidade tenho eu agora de crer no Céu ou no In- ferno? (Mais perto do Doutor, calmo): O senhor sabe, já sabe por São João, que o Juízo Final não será nenhum acontecimento cósmico. (Forte, destacando as palavras): Seus esgares ins- tintivos, imundos e idiotas, põem de lado tôdas as dúvidas... tôdas! Se o Diabo existe, é porque Deus também existe - se- não, há muito que o senhor teria vencido!

DOCTOR (toma-o pelo braço, rindo às gargalhadas): Aí está como gosto de vê-lo, pulando como um fanático.

Retém Riccardo por ambos os braços, pois Riccardo quer precipitar-se para o fundo, onde aparece à vista outro grupo de deportados, esperando em silêncio. Somente um "kapo" lhes faz a ronda. O Doutor força Riccardo, cujas forças logo se a batem, a sentar-se no banco. Riccardo oculta o rosto nas mãos apoiando os braços nos joelhos.

DOUTOR (apóia um pé no banco e diz em tom de camaradagem): Esgotamento total. O senhor está tremendo, hem? Tem tanto medo que nem consegue manter-se em pé.

RICCARDO (retrocede porque o Doutor aproximou demais o seu rosto, e diz com tranquilidade): Nunca disse que não tinha. A coragem, no fundo, não passa de uma questão de vaidade.

DOUTOR (Riccardo, que contempla as vítimas à espera, mal o escuta a princípio): Dei-lhe a minha palavra de que nada lhe acontecerá. Tenho outros projetos para o senhor ... A guerra está perdida, os Aliados vão me enfermar. Arranje-me um esconderijo em Roma, num convento. O comandante também ficará agradecido por tirar do campo o enviado do Santo Padre, que não está aqui precisamente a convite. De acordo? Um momento...

Dirige-se para a casinha e olha à volta.

RICCARDO (como em sonhos): Em Roma? ... Tenho de regressar a... Roma?

DOUTOR: Faremos uma bela viagem de automóvel até Breglau... (entra na barraca, vai ao telefone, disca um número, escuta, enquanto diz, metade para Riccardo e metade para o fone) ... com uma garôta loura como o sol... e o Vigário de Cristo. - Helga, alô! Helga?... Já está dormindo... E Pio o terá outra vez a seu lado.

Deixa a barraca. Riccardo está transtornado.

RICCARDO: Não ... jamais! Tudo o que o senhor quer é que eu fuja outra vez. Mas não andaria com metrô. Seria abatido por tentar fugir ...

DOUTOR (tira uma carteira e mostra-lhe um passaporte): Compreendo perfeitamente que duvide da minha oferta. Mas, veja aqui: não é um passaporte da Santa Sé?

RICCARDO: É ... onde o arranjou?

DOUTOR: Só lhe faltam as datas... Ponho-as quando for preciso ... Agora, vamos ao nosso acôrdo: o senhor descobre-me um esconderijo em Roma, até que eu possa fugir para a América do Sul.

RICCARDO: Como imagina poder desertar? Roma está ocupada pelos alemães!

DOUTOR: Por isso me seria tão fácil ir lá em peregrinação. Com uma ordem de viagem perfeitamente legal. Dentro de uma semana estou lá. Depois desapareço ... com a sua ajuda. De acôrdo?

Riccardo mantém silêncio.

DOUTOR (impaciente, insistente, aliciante): Sim ... pense apenas na sua pessoa, então... e na sua alma ou seja lá o que o senhor me chame. Chega a Roma e pendura a sua mensagem nos sinos de São Pedro ...

RICCARDO (hesitante): Que diria o Papa que êle ainda não saiba? Pormenores, claro. Mas que na Polônia os judeus são mortos em câmaras de gás ... já se sabe há mais de um ano.

DOUTOR: Sim ... mas o Vigário de Cristo deve falar! Por quê se cala? (Veemente): Lance-lhe o desafio... Que foi? Assente-se. (Pega Riccardo pelos ombros, que se abate sobre o banco). Está mais branco que as paredes de uma câmara de gás.

Pausa.

RICCARDO (sentado no banco, penosamente): Já pedi ao Papa para fazer um protesto, mas êle só faz política. Meu Pai estava ao meu lado... meu pai!

DOUTOR (com uma gargalhada infernal)! Política! ... Claro, se não serve para outra coisa êsse prega-sermões!

RICCARDO (durante um instante fica ausente; depois, ainda absorto em seus pensamentos): Não o julgemos.

Durante a última frase o misturador de concreto silencia. À direita, vindo do fundo, das fogueiras, ouvem-se toques de apito. O "kapo" empurra as vítimas expectantes para a direita, cena que não deve ser diferente daquela vista com os Luccani e os outros italianos. O Doutor chama o "kapo" com um toque de apito. Os de ortados desaparecem à direita, descendo a rampa. O fogo alcança extraordinário resplendor.

KAPO (que se aproximou, em posição de sentido): Senhor Major!

DOUTOR (apontando para Riccardo): Este homem vai contigo até o crematório. Nada de brincadeiras com êle, entendido? (Irônicamente, a Riccardo): Não o esquecerei, Padre. Terá comida suficiente a um dia normal de trabalho de nove horas, mais ou menos. Poderá prosseguir nos seus estudos, na procura de Deus. Dentro de quinze dias vou trazê-lo para o laboratório, como meu auxiliar, se assim o quiser. Deve querer ... (Ao "kapo"): Pelas tuas próprias cinzas: que não lhe toquem num cabelo ... hem? ... numcabelo! Falarei com o vosso inspetor. Pronto, fora daqui.

KAPO: Sim senhor, Major.

Acompanha Riccardo para a direita e descem a rampa. O Doutor observa-os parado, imóvel.

CAI O PANO

CENA III

O mesmo cenário. Pela alvorada outra vez, aproximadamente uma semana mais tarde. Neva. O misturador de concreto está funcionando de novo.

Helga está na casa da guarda, penteando-se diante de um espelho de mão. Chegam Fritsche e dois civís: O Barão Rutta e o Engenheiro-Chefe Muller-Saale, ambos com pastas de documentos.

FRITSCHÉ: Os senhores vieram muito cedo! Infelizmente não posso levá-los ainda para a sala dos oficiais. Tenham a gentileza ...

Deixa os civís passarem adiante d'êle.

RUTTA: Temos um dia cheio pela frente, Major.

FRITSCHÉ (à porta, onde os civís ainda se encontram): Aqui acharemos uma mesa e schnaps. O inverno veio de repente. Nem quero pensar como será lá nas frentes do Leste.

Bate à porta e abre-a quase timidamente.

HELGA: Entre!

FRITSCHÉ (acanhado): Queira desculpar... Trago comigo alguns visitantes vindos de Essen. Estes cavalheiros irão logo para a sala dos oficiais... Só queríamos tomar um schnaps juntos. Eles fizeram uma longa viagem... Dá licença?

RUTTA (muhdano): Seremos talvez um grande incômodo, Senhorita? Espero que tenha repousado bem durante a noite. Bom dia.

HELGA: Estive esta noite de plantão, não dormi muito, mas não tem importância.

- 179 -

MULLER: Heil Hitler, Senhorita, muito bom dia.

FRITSCHÉ (apresentando): O Sr. von Rutta e o Sr. Muller-Salle - a Senhorita Helga, nossa virtude mais bela. Estamos de serviço e gelados, cara Helga.

RUTTA ("charmant" ao exagêro): Mas, já nos conhecemos! Foi em Berlim, não é verdade? Onde nos teríamos encontrado antes? - Que encantadora surpresa ...

HELGA: Foi em Berlim... naturalmente!

RUTTA: Mas, claro! E agora em Auschwitz. Agrada-lhe o seu trabalho?

HELGA: Trabalhar é sempre trabalhar. Mas o meu noivo também está aqui.

MULLER: Ah, ah... então foi o amor que a arrastou para cá. Seu noivo é digno de inveja, realmente ...

HELGA: Os senhores querem café ... ou uns schnaps?

RUTTA: É muita amabilidade sua, Senhorita Helga. Segundo creio, o Sr. Muller tomará um schnaps ...

MULLER: Não é má idéia. Esta noite o frio estava de rachar.

RUTTA (rindo sem motivo): Quanto a mim, sem querer incomodá-la, preferiria uma xícara de café quentinho.

HELGA: Com muito prazer ... a água já está quase fervendo.

Fritsche sorri para ela um tanto bôbamente, esforçando-se por ser encantador, mas sem saber como. Ela dispõe xícaras e copos. Os homens despem os capotes, Rutta traz abrigo de peles e polainas. Abancam-se todos. Muller-Saale tira um arquivo da sua pasta, Rutta uma planta de construção que estende sobre a cama. Indica Helga:

RUTTA: Meus cumprimentos, Sr. Fritsche! Jamais espe-

rei encontrar em Auschwitz graça tão encantadora ...

FRITSCHÉ (sorrindo, como se Helga fôsse noiva dêle):
Sim... é a Fôrça pela Beleza! (*)

O telefone toca. Helga atende.

HELGA: Plataforma Interna Nº Um. Está, sim... um mo-
mento, por favor. Herr Fritsche, é para o senhor ...

MULLER (em tom cômicamente objetivo, enquanto Helga
fa ao telefone): Não há dúvida que se o serviço já estivesse
acabado, também gostaria de me divertir com êsse espetáculo..

FRITSCHÉ (completamente desinteressado, atendo à con-
versa): Sim, felizmente temos aqui algumas senhoras... Com vog-
sa licença ... obrigado (Atende ao telefone enquanto Rutta dob-
ra o projeto na cama de campanha). Aqui fala Fritsche...
sim senhor, Comandante. Gerstein? E eu tenho de ir buscá-
lo? Mas eu estou com uns visitantes de Essen ... Não posso
levar-lhe o Padre. Sugiro que o chamemos aqui e Gerstein to-
me conta dêle. Sim senhor. Naturalmente. Nunca deveria ter
acontecido. Foi uma leviandade imperdoável. É o que su sem-
pre disse. Muito obrigado. (Descansa o fone, murmurando): Ó-
timo, até que enfim. (Depois, sem pausa, voltando-se para a ca-
ma de campanha, demonstrando admiração): Com trinta mil dia-
bos! A fábrica de espoletas!

RUTTA: É verdade ... não é ideal? Capacidade para
quinhentas mil espoletas por mês. Em sua opinião, quando é
que a Krupp pode iniciar a produção aqui em Auschwitz? Decer-
to que não lhe está faltando mão-de-obra.

(*) - Alusão à organização nazista "A Fôrça pela Alegria". (No-
ta do Tradutor).

- 131 -

FRITSCHÉ: Até sobre! Um momento, por favor.

Presta atenção ao que se ouve lá fora, como todos fazem. Helga continua preparando o café. Ao longe distingue-se um alto falante:

"Atenção, um aviso: O internado Riccardo Fontana, Nº 16.670, deve apresentar-se imediatamente na Casa de Guarda da Plataforma Interna Nº Um. Fim da comunicação!"

FRITSCHÉ: É um padre de Roma, um ariano. A Igreja enviou-o para acompanhar os italianos, pois alguns eram católicos. Agora vai sair. Ficou aqui dez dias ... por engano.

MULLER (incrédulo): E vamos ... e vão deixá-lo sair? Não é muito arriscado?

FRITSCHÉ: Nós internamos dois padres polacos para se virem de reféns dele. Se ele falar... eles morrem. De modo que ficará de bico fechado.

RUTTA: Isso mesmo! Na Fábrica Krupp também se empregam reféns. Os trabalhadores vindos da Bélgica e da França, têm de fornecer à Companhia um refém, um compatriota ...

MULLER: Excelente seguro de vida ...

Gargalhadas.

O café está pronto. O aviso é repetido ao alto-falante. Enquanto Muller-Saale fala com Helga, Fritsche faz uma chamada telefônica.

MULLER: Qual é a sua terra de origem, Senhorita Helga?

FRITSCHÉ (a Rutta, enquanto segura o fone na mão): Por favor, Sr. Barão, queira desculpar-me. Alô? Quem fala é o Major Fritsche. Faça o favor de mandar trazer imediatamente à Casa de Guarda da Plataforma Interna Nº Um a trouxa 16.670... é uma sotaina. Que? É uma batina preta, de uma

- 182 -

padre católico! Não pode encontrá-la já? Você está louco, o 16.670 entrou na semana passada. Dei ordens expressas para não a juntar com a pilha grande. Então faça o favor de procurar. Também acho que sim. Bem. Imediatamente.

MULLER: Sua mãe é da Saxônia, ou alguma da Saxônia lhe ensinou a fazer um café tão gostoso?

HELGA: Fico satisfeita pelo fato de o senhor gostar. Mas em Hamburgo também sabemos fazer café.

MJELLER: Realmente está uma delícia.

Fumam e bebem.

RUTTA: Em primeiro lugar, os meus mais sinceros agradecimentos! Meu colega Streifer, das Indústrias Farben, não exagerava ao falar da harmonia exemplar que reinava em Auschwitz entre as S.S. e as indústrias.

FRITSCHÉ: Aqui, sim! Mas, como se arranja a Krupp para refrear vinte mil estrangeiros?

RUTTA: Muitos obedecem. Senão, a Gestapo leva um de vez em quando. São um problema, essa corja. Nunca estão satisfeitos.

Gargalhadas de mofa, mas Helga não ri com êles. Lá fora aparece Gerstein, de capacete de aço, procurando ansiosamente alguma coisa. Seu rosto está sombrio e crispado. Olha cautelosamente para a barraca e hesita - sabe que se aproxima o momento mais perigoso de sua vida. Depois, adota uma expressão despreocupada, bate, entra e saúda militarmente.

GERSTEIN: Meu Major ... o Comandante mandou que me apresentasse ao senhor. Tenho ordem de vir buscar aqui um tal Padre Fontana.

FRITSCHÉ (amistosamente): Heil Hitler, Gerstein! ... Meus senhores ... irei em seguida ... Já estou informado do ca

so, Gerstein.

HELGA: Bem, eu também vou ... Bom dia, Sr. Gerstein.

GERSTEIN: Oh, Senhorita Helga, como passa, bom dia .

RUTTA: Mais uma vez, mil agradecimentos, Sr. Fritsche.

MUELLER (enquanto todos vestem os capotes, ajudando-se uns aos outros): Foram uns minutos deliciosos na sua chovana do bosque, Srta. Helga. Costaria muito que tôdas as manhãs me fizesse o meu café. Heil Hitler!

RUTTA (a Gerstein) Heil Hitler!

GERSTEIN Heil Hitler!

HELGA (voltando-se ao sair, em voz alta): Ainda ficou aí um pouco de café, Sr. Gerstein.

FRITSCHÉ (aos civis): Vou já, já. (A Gerstein): Bem, então o senhor se encarrega de levar o padre ?

GERSTEIN: Ao senhor, Major ?

FRITSCHÉ (muito ausente): Não, a mim não (Decidido): Eu nada tenho que ver com êsse caso. Leve-o ao Comandante do campo. Lá êle assina uma declaração dizendo que nunca viu aqui senão canteiros de flôres.

GERSTEIN: Êle ficará calado depois de sair daqui.

FRITSCHÉ: Nunca aconteceu que deixassem sair daqui alguém.

GERSTEIN: Também eu fiquei surpreendido. Bem, êles sabem o que estão fazendo. Eu atendi por acaso ao telefone quando o Núncio chamou. Comuniquei imediatamente o assunto a Eichmann, que ficou tão assustado como eu.

FRITSCHÉ: Foi uma tremenda leviandade por parte do Doutor deixar entrar aqui êsse corvo.

Aparece, ansioso e amargurado, um "kape". Traz um embrulho atado com barbante, do qual pende a etiquêta 16.670.

Fritsche e Gerstein deixam a barraca e o "kapo" entra como em brulho. Sea ao longe a sirene de uma fábrica. Fritsche verifica o seu relógio e acerta-o.

FRITSCHÉ (rindo): Ah, a sotaina! Deixa-a ficar aqui na barraca. Bem, Gerstein, o corvo ...

KAPO: Sim, senhor.

FRITSCHÉ: ... não demora muito. Mas do crematório até aqui são dois bons quilômetros.

GERSTEIN: E apesar disso o cheiro de carne é tão penetrante? Que diz o povo das redondezas?

FRITSCHÉ: Sabem de tudo naturalmente. Mas o cheiro que está sentindo agora não vem dos fornos, vem das fossas ao ar livre. Já não damos saída só com os fornos. Bem, tenho que ir. Não quero ter nada com o assunto. Só pode trazer problemas.

Carlotta chega, com um balde e escovão, e passa timidamente pelos dois homens uniformizados. Ajoelhando-se, começa a esfregar o chão da barraca. Vendo numa cadeira o espelho de mão de Helga, sempre ajoelhada, afasta um pouco o lenço que lhe cobre a cabeça e contempla, triste, o cabelo raspado e o rosto sujo e amargurado. É a primeira vez, desde que a depozitaram, que se pode ver num espelho. Começa a chorar silenciosamente. Ao entrar Gerstein na barraca outra vez, procura não mostrar as lágrimas.

FRITSCHÉ: Faça-me o favor de informar lá em Berlim que eu não tenho a menor culpa nesse negócio. Vi logo que o padre não podia ficar aqui.

GERSTEIN: Obrigado, Heil Hitler, Major! Multíssimo obrigado (Entre dentes): Filho da...

Cheio de nervosismo, ainda de um lado para outro. A-

cede um cigarro e então vê a môça esfregando o piso. Entra na barraca para distrair o espírito da sua preocupação. Quando vê entrar, a môça recua, em cada movimento traíndo o medo pelos homens fardados. Gerstein tira do bôlso um pão, desembrulha-o e oferece-o à Carlotta.

GERSTEIN: De onde veio a senhora? Tome, coma. Está aqui há muito?

CARLOTTA (sem se levantar nem pegar no pão): De Roma... há oito dias. Obrigada.

GERSTEIN: De Roma, Então a senhora deve conhecer o Padre que estou esperando, o Padre Fontana? Vá, aceite o pão.

CARLOTTA: Todos nós o conhecemos. (Recusa aceitar o pão, com medo de uma burla). Por que é que o senhor me dá pão?

GERSTEIN (deixa o pão sobre uma cadeira): Porque a Senhora tem fome. A senhora quer que eu leve alguma carta sua?

CARLOTTA (uma pausa, depois, friamente): Não, obrigada.

GERSTEIN: Vejo que não tem confiança em mim. Dê então o recado ao Padre, que vai ser solto e volta para Roma.

CARLOTTA (contente, depois triste): Volta? Ah... Realmente êle de fato não pertence... à nossa gente.

GERSTEIN (pega uma fôlha de papel e envelope da mesa onde está a máquina de escrever, desenrosca a tampa da sua caneta e deixa tudo sobre uma cadeira): Escreva aqui, que ninguém verá. O Padre levará a carta para Roma.

CARLOTTA (continua a recusar; depois, com ênfase italiana, a voz entrecortada de lágrimas): Mas a quem iria eu escrever? Meu noivo morreu na África, lutando pela Alemanha, na queda de Tobruk. Em agradecimento, vocês deportaram os me

- 186 -

meus pais, todos nós, incluindo minha irmã e as crianças. Diga-me apenas se eles já estão mortos ?

GERSTEIN (impotente): Eu não pertencço à guarda do campo, não sei. Nunca entro lá dentro (Começa a girar o misturador de concreto) Carlotta escuta-o por um momento. (Gerstein muda de assunto): Seu noivo não era judeu, não é ? Escreva uma carta aos pais dêle. Por intermédio do Vaticano eles podem tentar...

CARLOTTA: Não, os meus futuros sogros são os culpados de que eu me tornasse católica.

GERSTEIN: E a senhora lamenta isso... por que ?

CARLOTTA: Foram católicos, fascistas católicos, que me entregaram aos alemães, me tiraram o único retrato que eu tinha de Marcello e me arrancaram a aliança de noiva. Talvez seja castigo por ter deixado o meu povo e entrado para a Igreja.

GERSTEIN: Não devia falar assim. Também há católicos que são perseguidos ... já foram mortos muitos sacerdotes na Polônia e na Alemanha. E o Padre Riccardo, que veio por sua própria vontade ...

CARLOTTA (recusando ceder): São casos isolados, gente fora da regra.

GERSTEIN: Bem, escreva ao menos aqui o seu nome para o Padre Riccardo.

CARLOTTA (de repente muda de opinião; agachada no chão, começa a escrever uma carta sobre a cadeira, mais tarde, sozinha na barraca, volta a soluçar outra vez e rasga o que já tinha escrito, antes de Gerstein entrar com Riccardo. Depois, dá os fragmentos amassados a Gerstein, dizendo): Por favor, eu queria realmente escrever uma carta. Muito obrigada e perdoe-me.

GERSTEIN (sorri-lhe, vai até à janela e exclama, para si mas em voz alta): Aí vem êle ... mas é... Jacobson!

Escancara a porta e corre para Jacobson. Ao dar-se conta de que, em sua intensa perturbação, Jacobson mal consegue pronunciar-lhe o nome, com um sorriso na "máscara mortuária" que está prestas a estalar em soluços, Gerstein não tem coragem de lhe contar a que veio ali, apesar do imenso perigo.

JACOBSON: Gerstein! ... Você, (Baixinho): às vezes esperava isso.

GERSTEIN (retrocede três passos para fechar a portada barraca): Ó meu Deus, Jacobson! Você aqui ... Eu pensei que você estava na Inglaterra. Você não tinha o passaporte de Ricardo? Onde o agarraram?

JACOBSON: No Passo de Brenner. Disseram que a foto do passaporte não me pertencia. Era muito velha. No entanto, fiquei firme, jurando que era Padre apesar de me torturarem, se não já estaria morto. Compreenda: eu sou o Padre Fontana. Sou a Padre Fontana, entendeu? (Enquanto falava olha em volta várias vezes, para ter a certeza de que ninguém o observa. Mas vê-se que já está quase identificado com o seu papel - a sua única esperança. Em voz rouca, febril): O meu trabalho é selecionar, na plataforma externa, a bagagem dos que foram gaseados. Muitas vezes encontro jóias, que troco por pão com os ferroviários. É isso que ainda me mantém vivo - isso e o ódio. Quero sair daqui, senão já me teria jogado contra a cerca eletrificada. Agora, você mandou chamar-me...

GERSTEIN: Mas não é você, Jacobson! (Desesperado): Compreenda uma coisa: Ricardo Fontana também está no campo!

JACOBSON (sem compreender): Como? O Padre, Aqui? Mas êle não é judeu! Como é que veio ...

GERSTEIN: Eles deportaram os judeus de Roma e Fontana veio com eles voluntariamente. Está em Auschwitz desde a semana passada. Agora vão soltá-lo.

JACOBSON (cético, depois esforçando-se para ser cordial): Sólto ... de Auschwitz? Incrível! Mas ... estou contente que façam isso ao Padre.

GERSTEIN: E venho encontrar você aqui, Jacobson! Como é insuportável não poder ajudá-lo ...

JACOBSON (incapaz de ocultar a amargura): É ... eu não sou padre, Gerstein ... Um padre é digno de um ultimatum.

GERSTEIN (ri breve e malèvolamente): Ultimatum? E de quem? Fui eu que inventei a ordem para soltar Riccardo.

JACOBSON: Então invente outra ordem para levar essa môça, ou eu, ou qualquer um, para fora daqui.

GERSTEIN: Você sabe que eu não posso, Jacobson. Sou apenas tenente, e nada mais. Neste momento, a minha vida corre ainda perigo maior que a sua, Jacobson!

JACOBSON (olhando para o lado): Perdão ... Você usa o mesmo uniforme ...

GERSTEIN: Como entraria aqui, se não fôsse assim? Este uniforme, é a minha contribuição pela culpa que recai sobre todos nós. A nossa resistência ...

JACOBSON: Resistência? ... Por que é, Gerstein, que nem sequer chegam a arrancar os trilhos da linha de Auschwitz? Onde está então a vossa resistência? (Baixo, veemente, desesperado): Como é possível viver, sabendo o que acontece aqui, dia após dia, já lá vai um ano! Vocês vivem, comem, procriam filhos - e vocês todos sabem o que se passa nos campos. (Agarra Gerstein pelos ombros, com as faces lavadas de lágrimas): Ponham um fim a isto, seja como fôr (Incoerente): E os Alia-

- 189 -

dos... por que não nos lançam armas ? Ah, Gerstein, não quero acusá-lo, Deus e sabe. Se ainda estou vivo, a você o devo agradecer ... É que ... eu já estava insensibilizado ... Agora, com você, veio outra vez a consciência de que existe um mundo para além do campo. Gerstein, você ainda pode fazer alguma coisa por mim ...

GERSTEIN: Se estiver nas minhas posses ...

JACOBSON (de súbito): Diga que eu quis passar pelo Padre, e que ao chegar o verdadeiro o ataquei. Mate-me.

GERSTEIN: Jacobson!

JACOBSON (suplicante): Atire, mate-me, Gerstein! Por favor, Gerstein ... ajude-me! Já nem sequer tenho coragem para me eletrocutar contra a cerca ... às vezes a morte não vem de repente.

GERSTEIN: Você sobreviveu um ano inteiro, aguentemais um pouco! Jacobson - só mais um ano, no máximo, e depois os russos o libertam daqui.

JACOBSON: Um ano!

GERSTEIN: Eles já recuperaram toda a Ucrânia.

JACOBSON: Mas por que é que você não faz isso, Gerstein ? Por que ?

Gerstein sacode a cabeça, sem poder articular palavra.

JACOBSON (voltando-se para o outro lado): Bem, nesse caso vou embora ... para não tornar as coisas mais perigosas a você e ao Padre.

GERSTEIN (desesperado, comovido, fazendo-o parar): Assim não, Jacobson, não vá embora dessa forma.

JACOBSON: Quatro mil, cinco mil ... há dias em que mais pessoas são mortas pelo gás, aqui. O que me choca é que

o mundo o permita.

RICCARDO, mudo e emocionado ao ver ali Gerstein, acaba de aparecer por detrás de Jacobson, a quem não reconhece imediato. Riccardo está completamente mudado pelo "trabalho" que tem sido obrigado a fazer no crematório durante estes oito dias.

GERSTEIN: Riccardo!... Fui encarregado pelo Núncio de vir buscá-lo.

RICCARDO: Gerstein! - O senhor não deveria mais procurar-me. Jacobson - o senhor!

JACOBSON: Como veio aqui parar, Padre? Ainda estou vivendo sob o seu nome.

RICCARDO: Perdoe-me, Jacobson, eu acreditei que o senhor tinha conseguido fugir.

GERSTEIN (insistindo, visto que Riccardo ainda não compreendeu a situação): Riccardo, o senhor vai ser solto.

RICCARDO: Solto? (Senta-se esgotado, sobre as escadas da casa da guarda). Não posso mais. (Chora em silêncio; ninguém fala). Há uma semana que eu queimo os mortos, dez horas por dia ... e com cada ser humano que eu queimo, queimo também um pouco da minha fé, e queimo a Deus. Cadáveres ... montanhas de cadáveres ... A História é um caminho infundável de cadáveres... Se eu soubesse que ELE via... lá de cima ... (com asco) teria que odiá-lo.

GERSTEIN (inseguro, põe Riccardo de pé): Já nenhum de nós o compreende, Riccardo, mas agora ELE quer que o senhor se salve.

RICCARDO (esgotado): Como sabe isso? E por quê eu? Eu não estava falando por mim ... as famílias. (Murmura, incoerente): Tenho ... deveria ter medo da salvação (aponta ao

Céu com gesto vago) por meio D'ELE a fera que devora as próprias crias.

JACOBSON (mais forte que antes, decidido): Padre, fale em nosso favor, ajude-nos! Diga ao Papa que tem de atuar já!

RICCARDO: Nunca mais me aproximarei do Papa - O Papa! (De repente): Como teve a idéia de que eu voltasse a Roma?

GERSTEIN (febril): O senhor tem de sobreviver, Riccardo, seja como fôr ...

RICCARDO: Viver...? Lá de baixo não se volve à vida. (Aponta Jacobson): E êle? E todos os demais? Vim para cá com uma missão e tenho de ficar. Já não sei se é útil, não sei. Mas se não o fôr, então a minha vida também não o é... Deixe-me em paz.

JACOBSON: Padre, o senhor põe Gerstein em perigo se não sair. A ordem foi forjada por êle.

GERSTEIN: Você não devia ter-lhe dito isso.

JACOBSON: Assim êle vai de uma vez por tôdas. É urgentíssimo!

RICCARDO (sobressaltado): Ah!... já deveria ter imaginado. (Desesperado): Por que essa loucura de me seguir até aqui?

GERSTEIN (sombrio): Porque o tenha na minha consciência. Fui eu que levei-o a êste casinho.

RICCARDO (respondendo-lhe de imediato): E que teria eu na consciência, se não estivesse aqui? Deseja talvez que no último momento me renda? Tente compreender: eu já não posso ir. Por que me induz a cair outra vez em tentação, se vê que já não possui a resistência necessária? (Suavemente): Tenho de cumprir a minha penitência ...

GERSTEIN (comovido): Há muito que o senhor pagou a sua parte, Riccardo. O senhor já passou pela prova de fogo.

RICCARDO: Pelo amor de Deus, Gerstein, leve Jacobson com o senhor.

JACOBSON: Eu ...?

GERSTEIN: E se o matarem ?

JACOBSON: (em tom firme): Padre, não posso aceitar isso.

RICCARDO: Jacobson, eu não fico por sua causa. Não se trata da minha ou da sua pessoa. Aqui, eu represento a Igreja. Não posso ir embora, ainda que muito o desejasse. E sabe Deus que o desejo. Se o senhor não fôr, então ninguém vai. (Fala com longas e ponderadas pausas, enquanto Gerstein, a quem é intolerável deixar os dois, sente-se impotente; alimenta negros presentimentos). Vista outra vez a minha batina - se Gerstein estiver de acôrdo ...

JACOBSON: Não posso aceitar. Nem do senhor, nem muito menos d'ele.

Aponta Gerstein, cuja resposta os dois aguardam. Para não revelar o temor que a emprêsa lhe desperta, Gerstein não quer ser êle a decidir.

GERSTEIN (incapaz de se conservar por mais tempo em silêncio): Vejamos o lado prático da questão: algum dos dois é conhecido pessoalmente pelo comando do campo ?

JACOBSON: Eu, não.

RICCARDO: A mim, só o médico-chefe me conhece.

GERSTEIN (dá um passo atrás, horrorizado): O Doutor! Basta! Se o Doutor o conhece, Riccardo, a fuga torna-se difícil demais. Ele mora à entrada do campo. E eu não estou à altura d'ele.

- 193 -

RICCARDO (insistente): Nem o Doutor nem ninguém pode provar que o senhor me conhece, Gerstein, ou que conheça Jacobson.

GERSTEIN (com grande impaciência): Bem, essa é a minha oportunidade, o meu risco. (Aponta Jacobson): Mas que oportunidade lhe resta, se o Doutor o vê comigo? Só vamos pôr Jacobson em perigo.

Pausa. Ambos olham para Jacobson. Este hesita, mas logo diz, tranquilo:

JACOBSON: É melhor correr o risco, e morrer dêsse modo, do que esperar na fila até que, mais cedo ou mais tarde, me separem automaticamente para a câmara de gás. Juro-lhe, Gerstein, que êsses bandidos jamais saberão por mim que nos conhecíamos antes.

GERSTEIN (impaciente): Já não se trata de mim, Jacobson, mas de você. Decida. As probabilidades são de cinquenta por cento.

JACOBSON: E... nesse caso, que lhe acontecerá?

GERSTEIN: Talvez possa safar-me disso. É provável. Cabe a você decidir sozinho.

JACOBSON (rápido, firme): Então vou tentar.

Daqui em diante, Gerstein procede com rapidez, sem sentimentalismos e com uma obstinação filha de desespero.

GERSTEIN: Aqui não, vamos para a barraca. Bem. Tentemos. A batina está lá dentro.

RICCARDO (esforçando-se para adotar um tom prático): O meu breviário está junto? Dê-me que eu já vou embora.—Carlotta!

Riccardo e Gerstein entraram na barraca. Jacobson, súbitamente assustado, ficou para trás.

CARLOTTA (com regozijo): Padre, o senhor vai ser sol

tol

GERSTEIN (voltando-se para Jacobson): Despache-se, Jacobson, o tempo urge.

RICCARDO: Eu fico convosco, Carlotta. Seu Pai ainda está vivo. Vi-o ontem, ao fazerem a chamada...

GERSTEIN (muito irritado, a Jacobson, que ainda hesita): Tire a roupa, homem, tire a roupa!

CARLOTTA: E como estava êle, E a minha mãe, minha irmã, as crianças ...

Jacobson tira a jaleca de detido e veste a batina sobre a roupa imunda e esfarrapada. Entretanto, Riccardo pegou no bôlso da batina o breviário e um rosário, procurando ao mesmo tempo não fitar Carlotta, pois sabe que as mulheres já foram queimadas no crematório.

GERSTEIN: Eu leve a sua carta ... está pronta ?

RICCARDO: Não, Carlotta, não pude ver as mulheres . Seu Pai está bem.

CARLOTTA (tira uns pedaços de papel do bôlso do avental): Agradeço-lhe, mas ... não consegui escrever a carta. Por favor ... leve êstes pedaços para que não os encontrem comigo.

GERSTEIN (desesperado, a Carlotta): O Padre vai ficar aqui!

CARLOTTA (desconcertada, não quer aceitar o rosário que Riccardo lhe oferece, mas ao mesmo tempo não querendo magoar o sacerdote): Não, Padre.. Não... fique com êle o senhor fica ?

RICCARDO (não compreendendo a recusa dela, põe-lhe o rosário nas mãos e diz com um sorriso): Fico.

GERSTEIN (a Riccardo, atemorizado): Se o Doutor nos encontra, Riccardo, amanhã nos verá outra vez a nós dois...lá

embaixo.

Riccardo estende a mão a Gerstein, em silêncio. Jacobson, já de batina, põe as mãos sobre o ombro de Riccardo e diz:

JACOBSON: Obrigado, muito obrigado! (Fanático): Resista quanto possa! Voltaremos para vingá-los a todos.

RICCARDO (com um sorriso forçado): Então é melhor que vocês se apressem... Adeus, Gerstein, meu Pai não deve saber onde estou. Diga-lhe que a minha vida está realizada... Carlotta!

Sai apressadamente, traindo com um gesto indefinível a emoção que o invade, ao abandonar a barraca. Gerstein acompanha-o à porta e logo volta.

GERSTEIN (em tom veemente, a Carlotta): Procure não adoecer, mantenha-se apta para o trabalho. Eles não podem matá-los a todos.

JACOBSON: Eu devia ter vergonha de ir embora, enquanto a senhora fica.

CARLOTTA: Estou muito contente com a sua liberdade.

JACOBSON: Não se entregue à tristeza. Quem chora aqui está perdido!

Carlotta faz um sinal afirmativo com a cabeça sem dizer palavra e sai depressa para ir buscar água, mas sobretudo para facilitar a partida dos dois. Gerstein dá instruções com um domínio de si convulsivo. Jacobson acaba de vestir as calças pretas sobre as listas e troca as tamancas pelos sapatos.

GERSTEIN: Agora vamos ter com o Comandante. Fale o menos possível. Você está aqui há oito dias, entendeu? Oito dias. Vai assinar um termo, sobre a vida de dois padres, de que manterá silêncio. Faça-o sem hesitação. Bem, vamos embo-

ra. Fale o menos possível. Mais: você trabalhava nos crematórios. Vamos tentar.

JACOBSON: O Padre está aqui há oito dias? — Mas eu tenho (mostra a tatuagem no antebraço) um número completamente diferente...

GERSTEIN (sombrio): Ninguém lhe perguntará nada sobre isso. Pronto? (Já estava na porta e recua): Para trás... o Doutor! Vamos passar por êle depressa.

JACOBSON (em tom incisivo e calmo): Está vindo para aqui. Acabou-se.

GERSTEIN (no mesmo tom): Fique firme. (Em tom de ordem): Padre, siga em frente, por favor.

Vão indo em direção ao Doutor da forma mais despreocupada e natural que podem. O Doutor, de casquete na cabeça e o pingalim nas duas mãos, está ereto, acompanhado de um soldado S.S. de capacete de aço e submetralhadora engatilhada. Elegantíssimo, o Doutor usa grandes luvas de pelica, botas altas de couro flexível e ampla capa negra. A serra circular (que deve estar disponível) acompanha a "entrada" dêle.

DOCTOR: Tamanha pressa, Gerstein? Deus o salve!

GERSTEIN: Meil Hitler, Major! Vim buscar o prisioneiro Fontana, o tal Padre. (Sem pausa, numa tentativa desesperada de mudar de conversa, querendo parecer íntimo): A propósito, Doutor, o senhor tem aqui uma garôta... (embaraçado, olhando em torno de si). Acho que veio de Roma. Mas onde está ela? Ah, sim... foi buscar mais água. O noivo dela morreu combatendo pela Alemanha.

DOCTOR: Então já não vai chorar por ela.

GERSTEIN (na gíria dêles): Acerte a "diferença" com ela, Doutor.

- 197 -

DOUTOR (rindo): Por mim, se ela fôr boa, vai para o meu laboratório particular. Mas eu levantei-me de propósito, Gerstein, para dizer adeus ao nesse Padre (Boceja como um por-tão escancarado): Vocês fazem semelhante barulho logo de madrugada! (Fita Jacobson e ri-lhe na cara): Um bocadinho apressado, hem? Comovente, comovente! Desde quando os hebreus fazem parte da Santa Igreja Católica Apostólica Romana?

GERSTEIN (com segurança bem estudada, brusco): Hebreus? Que quer dizer? O Major Fritsche me disse...

DOUTOR (irritado ao ouvir êsse nome): Ora, não me venha com o Dr. Juris neutrum Fritsche. Que tem Fritsche que ver com isto!

GERSTEIN: Fui incumbido pelo Tenente-Coronel Eichmann...

DOUTOR (com inenso sarcasmo): Caramba!

GERSTEIN: ...de levar êste jesuíta, diplomata da Santa Sé, que foi trazido para cá por equívoco...

DOUTOR: Por equívoco? Todos vieram por equívoco. Que significa isso?

GERSTEIN (inabalável): ...e entregá-lo ao Núncio em Berlin. Bem, aqui vai êle.

DOUTOR: Quem... O Núncio? Isto é o Núncio? (Com uma profunda e requintada reverência a Jacobson): Excelência!... é verdade que o bom Deus está enfêrmo?

GERSTEIN: Êste é o Padre Riccardo Fontana.

JACOBSON (tentando responder de acôrdo): Sim, creio também que Deus deve ter grandes aflições.

DOUTOR (brincando com o pingalim, gozando cada palavra): Ou sífilis... Bem, Gerstein, você entezrou-se na merda até as orelhas, seu velho finório. Já em nossa viagem a Tü-

bingen descobri o seu jôgo.

GERSTEIN (ofendido): Não lhe admito isso, Major. E exijo uma explicação.

DOCTOR: Ah... sim, exige! Você exige que eu faça o papel de bobo alegre. Vai-me pagar isso, Gerstein.

GERSTEIN: Não sei do que está falando.

DOCTOR: Você sabe perfeitamente que eu conheço o Padre.

GERSTEIN (a Jacobson): O senhor conhece o Major Padre?

DOCTOR (afastando Jacobson para o lado com o pingalim): Eu conheço é o verdadeiro padre, o verdadeiro. (Bate de leve com o pingalim no rosto de Jacobson): Que terá êle de tão atraente para você e desejar tanto? É o fervoroso e cristão amor ao próximo?

GERSTEIN: É muito fácil caçoar de mim, Major, só pelo fato de gostar de ir à Igreja.

DOCTOR: É tocante, realmente: um membro da Igreja Confessional vem aqui para empacotar e libertar um padre — e acaba contrabandeando um judeu para fora do campo.

GERSTEIN (aparentemente divertido e irritado): Contrabandear?! É ridículo. Contrabandear um prisioneiro em pleno dia? Vou levá-lo diretamente ao Comandante! De que me acusa o senhor, em termos exatos? Fui eu quem mandou o prisioneiro apresentar-se? Se êle não é o homem que procuram, como é que eu ia saber?

DOCTOR (sopra um apito, rindo malèvolamente): Como? Como é que você ia saber? Aí está uma coisa que você tem de nos contar daqui a pouco.

Carlotta volta com o balde e retoma o seu trabalho

dentro da barraca.

GERSTEIN (febril, interrompendo-o): O senhor fala como se eu insistisse em levar pessoalmente o prisioneiro até a saída do campo. Eu ia esperar lá fora. O Major Fritsche e o Comandante do Campo é que me pediram que esperasse o padre aqui na plataforma interna. — A propósito, aí está outra vez a môça... (Faz um gesto a Jacobson; o Doutor apita de nôvo). Se o senhor tem dúvidas...

DOCTOR: Dúvidas? Dou-lhe voz de prisão, Gerstein: vocês os três estavam aqui juntos e juntos maquinaram isto. Roma de forma alguma pediu a liberdade do padre, senão você jamais o teria trocado por êsse aí. Vamos, tire-lhe o cinturão! Está prêso!

As últimas palavras foram dirigidas a um guarda. Gerstein saca a sua pistola. Há um momento em que não se sabe se êle vai atirar, mas o guarda arranca-lha das mãos e joga-a a certa distância com um pontapé. O guarda dá um riso de mofa e Gerstein entrega lentamente o cinturão. O Doutor volta-se para outro guarda que traz Riccardo de volta e estava parado a certa distância. Carlotta, na barraca, sente que alguma coisa de horrível se passa lá fora. Abre a porta e começa a esfregar os três degraus. Riccardo, tentando compreender a situação, mal pode acompanhar o palavreado do Doutor.

DOCTOR: Deus o salve, meu caro Padre... Então, conseguiu reconciliar a Realidade com a Idéia, lá nos fornos?

Ri em gargalhadas de desafio.

RICCARDO (sereno e ferino): O senhor jamais triunfará... Todo o seu triunfo será efêmero. Por que razão estou aqui?

JACOBSON (chegou à conclusão de que deve denunciar-se,

ao menos para ver se salva Gerstein. Dá um passo e diz): Confesso que enganei o Tenente. Declarei-lhe que eu era o Padre. Como êle não apareceu quando o chamaram, resolvi apresentar-me na casa da guarda. O Padre não estava... não tinha vindo, de modo que eu...

DOCTOR (depois da última frase, que elucidou Riccardo, sacudido pelo furor): Uma palavra mais... e te jogo vivo dentro do forno! Meia-volta... meia-volta, já disse! (Jacobson obedece). De joelhos! De joelhos! Isso! E agora, de fe cinho no chão, na merda! (Jacobson curva-se e arrasta a cara no chão. O Doutor fala triunfantemente a Gerstein, apontando Riccardo): Então, caro colega, êsse aí não queria ir, ou era você que não queria que êle fôsse? (Irônico): Êsse aí é o homem por quem o Papa chora a noite inteira na Capela Sistina.

GERSTEIN (mostrando Riccardo): É a primeira vez que o vejo. Como é que eu ia saber quem era o verdadeiro? Não me compete averiguar isso.

DOCTOR (fitando Carlotta): Está bem, vamos perguntar a essa cadêlinha. Vem cá! Vamos... vem cá! Oh... oh... Inácio de Leilolá! Os exercícios... leitura de crematório! Sempre foram lidos ao pé da fogueira.

De um golpe tirou o breviário do bolso de Riccardo — e com a outra mão agarra Carlotta, que se aproximara vacilante.

RICCARDO (fala rápido a Carlotta e depois ao Doutor): Carlotta... a senhora! Nós fomos deportados juntos... Ainda se recorda de mim?...

CARLOTTA (tentando corresponder ao jôgo): Senhor Padre... que bom que o senhor ainda está vivo!

DOCTOR (sem dar ouvidos, folheando os "Exercícios",

de pingalin debaixo do braço, diz à môça): Vieste de Roma com a família, e és católica?

CARLOTTA: Sim.

DOUTOR: (a Carlotta, fechando o breviário): Tu não estavas de serviço de limpeza aqui, desde as sete da manhã? Chegaste pontualmente, hoje?

CARLOTTA (apavorada): Sim, senhor, cheguei pontualmente.

DOUTOR: Teu noivo morreu?

CARLOTTA: Morreu em Tobruk.

DOUTOR: Ah, sim... Como é que êle se chamava?

CARLOTTA: Marcello...

DOUTOR (muito depressa): Então, chegaste pontualmente aqui... Mas chegaste depois do Padre, não?

CARLOTTA (confusa, não ousa responder, gagueja): Eu ... não sei... eu estava...

RICCARDO (sereno, aponta Jacobson, para ajudá-la): O Padre já estava aqui quando a senhora chegou, Carlotta?

DOUTOR (irritado): Padre, não se rebaixe aquém do seu nível! (Em tom casual a Carlotta, apontando Riccardo): Bem, quando chegou aqui a tua alma-irmã?

CARLOTTA: O Padre... não sei... eu não podia...

Embora já nada dependa da resposta dela, o Doutor, pelo prazer de torturá-la, força-a a ajoelhar-se com punho de ferro. Depois, quase a estende de costas. É uma surpresa. Carlotta desata a gritar.

DOUTOR: Agora... sabes ou não sabes?

CARLOTTA: Eu não prestei atenção... Estava esfregando o chão e...

DOUTOR (levanta-a outra vez, com sadismo sorridente):

Eu te mando fazer companhia à cerja da tua família! Olha lá para baixo, as fornalhas... e acolá a cerca elétrica... Jogote lá... ou ali?

Carlotta mostra o seu desabamento moral ao saber o fim de sua família. Só lhe faltava essa notícia para cumular tudo o mais — e começa a balbuciar, num gaguejar demente, com a loucura nos olhos:

CARLOTTA: Mortos... todos mortos... mortos... todos mortos... mortos...

Continua a gaguejar.

DOCTOR (quase despreocupadamente): Bem... tu tens de escolher. Responde: quem chegou primeiro — êste ou aquê-le?

CARLOTTA (olhando para êle sem falar, a face humaa com tração selvagem, repete o gaguejamento): Não sei, não sei, não sei...

O Doutor solta-a, e Carlotta já se afastara um passo ou coisa assim, em direção à casa da guarda, enquanto fixa hipnotizada a "mais astuta de tôdas as feras" — opinião de Canaris sôbre Heydrich —, que é o que êle agora parece. A moça começa então a gritar, grita como uma mulher anestesiada em trabalho de parto, sem a menor inibição. Fica a critério da atriz se deve usar palavras neste caso — talvez as mais simples, talvez seja cabível articular palavras elementares.

CARLOTTA: Não... não... larga-me... não... não...

Já no primeiro grito, que fêz calar o próprio Doutor, foge de um salto para os degraus da barraca. É uma ação tão animal, tão absolutamente primitiva, que reduz a zero todos os esforços feitos até agora para estilizar, para mostrar no palco os horrores da "Solução Final", ainda tão perto de

nós.

Os gritos de Carlotta convertem-se numa espécie de gargalhada convulsiva. Arranca o lenço da cabeça e começa a bater com êle à volta de si, sem sentido. Depois, atira-o longe. O olhar alucinado vai de um a outro dos circunstantes e, de rosário na mão, precipita-se na casa da guarda. Ri um riso agudo e selvagem ante o espelhinho de Helga, agacha-se a um canto com êle e, rindo e soluçando ao mesmo tempo, procura colocar o rosário no pescoço, como se fôra um colar. O rosário escorrega-lhe das mãos.

O Doutor já se recuperou e, abrindo o coldre da pistola, murmura:

DOCTOR: Está louca...

Dirige-se com rapidez e decisão à barraça, para fazer o que sempre se fazia com os deportados que perdiam os nervos antes de entrar na câmara de gás. Pousa o breviário, levanta o rosário e mostra-o a Carlotta. Um sorriso extraviado passa pelo seu rosto, pois êle a fita com a sua famosa "cordialidade sugestiva". Os olhos transviados de Carlotta encontram paralelo nos olhos de Doutor. A môça levanta-se de um salto, tenta agarrar a mão dêle e o rosário, gritando de alegria por "tê-lo encontrado" novamente. Quer abraçá-lo.

CARLOTTA: Marcello!... Marcello... (Riso alienado): Tinha tanto medo de que nunca mais voltasses da África. Tanto tempo, Marcello, tanto tempo estiveste longe...

DOCTOR (resistindo ao abraço dela, com forçada ternura): Vem... vem comigo... aqui não.

Ela segue-o sem hesitação. Ele não lhe toca, basta apenas estender-lhe a mão — como num convite sutil e grácil a acompanhá-lo, enquanto retrocede para a porta sem deixar de

fitar os olhos dela. Tudo isto se passa num átimo.

CARLOTTA (passando perto dêle, fora da barraca, no último degrau: grita angustiadamente): Marcello... Marcello!

Atrás dela, no umbral da porta, o Doutor puxa a pistola com um movimento rápido e mata-a com um tiro na nuca. Volta a guardar a arma sem olhar para o cadáver. Neste momento, enquanto os dois guardas observam a cena, Riccardo curva-se para a pistola de Gerstein, levanta-a, faz pontaria para o Doutor e grita:

RICCARDO: Exterminai-o!

É abatido por uma rajada da submetralhadora empunhada pelo guarda que estava atrás de si, antes que pudesse mesmo destravar o fecho de segurança da arma nem fazer fogo. Riccardo dobra os joelhos e depois cai de costas no chão. O guarda recolhe a arma de Gerstein e entrega-a ao Doutor, abalado e rindo de escárnio. Gerstein cobre os olhos com as mãos por um momento.

DOCTOR: Apontou para mim?... Não era a sério. Muito obrigado, cabo. (Inclina-se sobre Riccardo): É... Padre, é quase tão difícil atirar como rezar... em Auschwitz. Pena, gostaria de passar uma ou duas semanas discutindo consigo... já se sente um pouco mais perto do Senhor?

RICCARDO (levanta-se, tenta falar e cai estendido; murmura quase de modo imperceptível): IN HORA MORTIS MEAE VOCA ME.

DOCTOR (aprumando-se, sarcástico): Amém. Tu ouviste-o realmente chamar lá no crematório? (A Jacobson, com um pontapé): Levanta-te... vamos para a fornalha. (Mostrallhe Riccardo): E leva isso contigo — toca para a frente, leva isso contigo.

Jacobson ergue-se. Gerstein tinha-se inclinado sobre Riccardo e abre o blusão do moribundo, demonstrando assim de que lado se coloca. O Doutor passa entre Riccardo e Gerstein sem dizer palavra. Jacobson, de joelhos, com os braços sob as axilas de Riccardo, tenta em vão levantá-lo.

GERSTEIN: Ele não está morto. O senhor é médico, a jude-o. (Grita): Ele ainda está vivo!

DOCTOR (sem encarar Gerstein, em tom despreocupado): O fogo é um excelente médico. Fundirá o cristão e o judeu. (Faz um sinal ao guarda que o salvou): Leve êsse aí ao Comandante. Tenha cuidado com êle... Eu sigo já.

GUARDA: Sim senhor, Major.

Gerstein, após o último olhar a seus amigos, desaparece rapidamente por detrás da barraca, pela esquerda, seguido do guarda S.S. O outro guarda, com pontapés e coronhadas em Jacobson, tenta pô-lo de pé — êle que ainda estava meio de joelhos, esgotado e paralisado de horror. A cabeça de Riccardo descansa-lhe no regaço. Ouve-se o ruído característico da serra circular, muito próximo.

DOCTOR (com impaciência ferina): Ajude êsse aleijado! (Apontando Carlotta): E mande limpar isso daí.

GUARDA: Sim senhor, Major.

Com relutância, pega Riccardo pelos ombres, enquanto Jacobson o segura pelos pés. Saem pela direita. O Doutor dirige-se lentamente para o lado esquerdo do palco, seguindo o caminho tomado por Gerstein. Mal tinha cruzado pela janela da casa da guarda quando se lembra dos "Exercícios". Volta, passa por cima de Carlotta morta e entra na barraca. Pega no livro e folheia-o, sorrindo. Depois, enfia-o debaixo do braço e abandona o palco como um professor após a sua conferência.

Ouve-se a voz impassível de um locutor dizendo, por um alto-falante:

"A 28 de outubro de 1943, o Sr. von Weizsaecker, Embaixador de Hitler junto à Santa Sé, escrevia ao Ministério das Relações Exteriores, em Berlim:

Aquí a voz muda, enquanto o resplendor das chamas sempre forte vai diminuindo gradualmente, acompanhando o timbre grave de uma voz de velho "gentleman" da política, distinta e modulada:

"Embora a evidência prove que o Papa tem sido objeto de pressões vindas de muitos lados, não se deixou, contudo, arrastar a nenhuma declaração demonstrativa contra a deportação dos judeus. Ainda tendo em conta que a sua atitude o prejudicará do ponto de vista de nossos inimigos, êle tem, nesta questão delicada, feito tudo para não estremecer as relações com o Governo alemão. Pôsto não estar prevista nenhuma outra ação aquí em Roma relacionada com a questão judaica, podemos ter por certo que êsse tema desagradável para as relações entre a Alemanha e o Vaticano considerar-se-á solucionado.

Com efeito, o Osservatore Romano de 25 de outubro publicou um comunicado oficial sôbre as atividades caritativas do Papa, no qual se declara, no conhecido estilo do órgão do Vaticano, digamos, sinuoso e obscuro, que o Papa estende a sua solicitude paternal a todos os homens, sem distinção de nacionalidade ou de raça. É altamente improvável que se façam objeções a tal declaração, na qual pouquíssimas pessoas verão qualquer referência especial à questão judaica".

E agora volta a surgir a voz impassível do locutor. O fogo extinguiu-se, a cena está em sombras, e só se consegue divisar a jovem morta, ainda próxima da rampa:

"E assim as câmaras de gás funcionaram por mais um ano inteiro. No verão de 1944, a chamada "quota diária" de mortes atingiu o seu ponto máximo. Em 26 de novembro, Himmler deu ordens para que os crematórios fossem pelos ares. Dois meses mais tarde, os últimos prisioneiros existentes em Auschwitz foram libertados pelos soldados russos".

CAI O PANO